

Visitantes do Primeiro Imperio

BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Sob a direção de FERNANDO DE AZEVEDO

SERIE V

BRASILIANA



VOLUMES PUBLICADOS :

- I — Baptista Pereira : FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS (2.^a edição).
- II — Pandiá Calogeras : O MARQUEZ DE BARBACENA (no prelo a 2.^a edição).
- III — Atalides Gentil : AS JUÍZAS DE ALBERTO TORRES (synthese com índice reanunçivo).
- IV — Oliveira Vianna : RAÇA E ASSIMILAÇÃO (2.^a edição) — augmentada.
- V — Augusto de Saint-Hilaire : SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO a MINAS GERAES e a S. PAULO (1822) — Tradução e prefacio de Affonso de T. Taunay.
- VI — Baptista Pereira : VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.
- VII — Baptista Pereira : DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (segundo textos esculpidos).
- VIII — Oliveira Vianna : POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRASIL (3.^a edição).
- IX — Nina Rodrigues : OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Romero Petre) Profusamente illustrado.
- X — Oliveira Vianna : EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.^a edição illustrada).
- XI — Luis da Câmara Cascudo : O CONDE D'EU (edição illustrada).
- XII — Wanderley Pinho : CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (vol.^o illustrado).
- XIII — Vicente Leites Cardoso : A MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.
- XIV — Pedro Calmon : HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.
- XV — Pandiá Calogeras : DA REGENCIA A QUEDA DE ROZAS (3.^o volume da serie: Relações Exter. no do Brasil).
- XVI — Alberto Torres : O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.
- XVII — Alberto Torres : A ORGANIZAÇÃO NACIONAL.
- XVIII — Viçente de Taunay : PEDRO II.
- XIX — Affonso E. de Taunay : VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — (Séculos XVI XVII).
- XX — Alberto de Faria : MAUA' (com tres illustrações des da 1.^o vol).
- XXI — Baptista Pereira : PELO BRASIL MAIOR.
- XXII — E. Hugelre-Pinto : ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASILEIANA.
- XXIII — Evrasto de Moraes : A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.
- XXIV — Pandiá Calogeras : PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.
- XXV — Mucio Macrogilho : A LINGUA DO NORDESTE.
- XXVI — Alberto Rangel : RUMOS E PERSPECTIVAS (2.^a edição).
- XXVII — Alfredo Ellis Junior : POPULAÇÕES PAULISTAS.
- XXVIII — G. L. Corrin de Magalhães : VIAGEM AO ARAGUAYA (2.^a edição).
- XXIX — José de Castro : O PROBLEMA DA ACULTURAÇÃO NO BRASIL.
- XXX — Cap. Frederico A. Haddon : PELO BRASIL CENTRAL (edição illustrada).
- XXXI — Azevedo Amaral : O BRASIL NA CRIZE ACTUAL.

C. DE MELLO LEITÃO

VISITANTES
DO
PRIMEIRO IMPERIO

Traduzido de Claram Ribeiro com Myriam
HORÁCIO

Qu'il est beau, qu'il est frais, ce monde vierge encore
L'or brûle sur ses traits, ses courtes ruent de l'or.

C. DELAVIGNE



1934

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 24 A - 30 - São Paulo

OBRAS DO MESMO AUTOR

PUBLICADAS PELA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

NA SÉRIE II - LIVROS DIDÁTICOS DA B. P. B. - VOL. XV E XXII

CURSO ELEMENTAR DE HISTÓRIA NATURAL

TOMO I

CURSO ELEMENTAR DE HISTÓRIA NATURAL

TOMO II

NA SÉRIE IV - INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA B. P. B. - VOL. VI

A VIDA MARAVILHOSA DOS ANIMAIS

A' TRANQUILINO DE MELLO LEITÃO

meu irmão,

meu padrinho,

meu amigo.

I N D I C E

Prefácio	9
Justificação do livro	13
A travessia. Nossas ilhas oceanicas	17
Recife e Salvador	27
Rio de Janeiro: O Porto e a Cidade	53
Rio de Janeiro: A casa, o mobiliario, os habitantes	78
Corcovado, Tijuca, Jardim Botânico	101
Rio de Janeiro: Cerimonias religiosas, Festas populares, Teatro, Festas Sociais	116
Rio de Janeiro: Vida intelectual, culto, assistencia	138
Rio de Janeiro: Recursos naturais, fauna	155
Rio de Janeiro: seus arredores. Friburgo por occasião de sua fundação	177
Santa Catharina	202
Itinerario das corvetas	231

P R E F A C I O

Ao nosso grande Pedro II chamou Victor Hugo neto de Marco Aurélio. E com quanta propriedade!

Uma associação de idéas me leva a pensar em possível parentesco, de tal genero, entre o autor deste liero, a que tenho o grande prazer e a grande honra de apresentar e outro imperador romano: aquelle que expirou a balbuciar o mais nobre dos conselhos: LABORENIUS SEMPER!

E com effeito que admiravel, que indefeso obreiro da cultura e do progresso do Brasil é Candido de Mello Leitão! Como tem sabido praticar a advertencia do Cesar que não conhecia o repouso! A sua bibliographia scientifica de arachnologia consummado ornata milhares de paginas; de subido valôr das quas me coube o prazer e a utilidade de fazer publicar as duas grandes memórias tão prestigiadoras da REVISTA DO MUSEU PAULISTA e do porte das THERAPHOSOIDIAS DO BRASIL e dos OPILIÕES DO BRASIL, dignos PENDANTS das que os ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL vem inserindo também.

E além destes trabalhos magistraes, de tão alentado tomo, quanto artigo isolado e quanto estudo espalhado, por mil e um periodicos scientificos, consagram-lhe a reputação e a au-

toridade! Multiplica-se-lhe a actividade nos cursos das escolas superiores como na de Agricultura e Normal. Em brilhante concurso acaba, por aclamação, de conquistar uma cathedra na Congregação do Museu Nacional. E ainda acha tempo para escrever livros didacticos de grande acceitação.

Tal o seu aproveitamento das horas e dos minutos que nos dá a impressão de que surprehendeu o segredo do inventor Wellsiano da TIME MACHINE. Pensarão os metempsychosistas convictos que ao nosso naturalista anima o espirito dessa inacreditavel trabalhadeira, a ATTA SEXDENIS, o instincto desse hexapode de quem affirmou Saint-Hilaire ser o contendor do brasileiro na obra de apossamento do Brasil.

Ensaia-se agora Mello Leitão em outro campo limítrophe daquelle que tem com tanto brilho laurado. A curiosidade pela obra dos grandes naturalistas visitantes do Brasil, levou-o a querer conhece-los em sua intimidade. E suggeriu-lhe depois o esplendido mosaico que o leitor verá realisado com tamanha felicidade; das obras deixadas por uma serie de jorneadores illustres de nossa terra.

Não se limitou a lhes colher as informações de ordem zoologica; a estas envolveu numa serie de apanhados e confrontos sobre numerosos aspectos de nossa vida de antanho, tirados de paginas assignadas por nomes cobertos de immortal prestigio, como Darwin ou de notavel relevo, como Freycinet, Duperrey, Bougainville, du Petit Thouars ou ainda simplesmente preciosos, para nós outros brasileiros, como Maria Graham, de La Salle. Immensa mina a jazida dessa xenobibliographia brasileira, tão mal explorada ainda. Immensa e riquis-

sima. Nova, profunda, magnifica, pelos resultados, a galeria destes VISITANTES DO PRIMEIRO IMPERIO a que o nosso publico saberá demonstrar o apreço que merece.

Assim seja ainda o primeiro termo de uma serie cuja razão procede desse aproveitamento soberbo do tempo e dessa facilidade de trabalho a que nos habituou Mello Leitão, com a volupia do dispendio de energia, apanagio de algumas especies.

Acaso fosse rei d'armas propria, como brica, ao escudo de Mello Leitão, se tivesse de o brazonar pessoalmente, a figura desse hymenoptero que na heraldica é symbolo do trabalho util, efficiente, infatigavel: a ADIS MELLIFERA.

E esta differença a fazia acompanhada daquella recommendação suprema de Septimo Severo, que elle tanto sabe praticar em prol da sciencia universal e da cultura da nossa patria.

AFFONSO DE E. TAUNAY

JUSTIFICAÇÃO DO LIVRO

De 1815 a 1840 foi o Brasil visitado varias vezes pelos navegantes que, a soldo dos respectivos paises, faziam a volta do mundo. Outros viajantes, especialmente naturalistas, para cá vieram em excursão científica.

Esse quarto de seculo foi, igualmente, um dos periodos mais importantes de nossa historia: a instalação da cõrte na Capital do Brasil, a Independencia, as lutas da regencia, traziam modificações radicais em nosso ambiente, e despertavam para a nascente nação sul-americana a curiosidade do mundo. Succediam-se os livros de impressões sobre nossa terra, tanto que Augusto Saint-Hilaire escrevia a sua mãe: "Já se escreveu tanto sobre o Brasil que creio ser inutil que me meta tambem a fazê-lo".

Nesse acervo escolhi os dos circunnavegadores, por me parecerem mais sinceros e dando, no tempo, uma série de panoramas de nossas cidades litoraneas que exprimem curiosamente sua evolução. Os relatos

dessas viagens, em livros de grande tomo, quasi inacessiveis hoje ao comum dos leitores, merecem, no entanto, ser arrancados da poeira das bibliotecas dos museus e institutos, e expostos, ao menos em seus topicos mais interessantes e caracteristicos, aos olhos dos que amam o Brasil e se interessam pela sua vida.

Quis ser, porem, um pouco mais que o simples compilador, traduzindo viagem após viagem, e procurei dar certa uniformidade á narraçào.

Sempre que possível, são as proprias palavras dos viajantes que transcrevo, mas evitando as repetições, a digressão historica hebida em alheias fontes, as minucias sem interesse.

Serviram-me para este livro:

Viagem em roda do mundo, das corvetas l'Uranie e La Physicienne por Luiz de Freycinet, durante os annos de 1817 a 1820;

Diario de uma viagem ao Brasil durante os annos de 1821, 1822 por Maria Graham;

Viagem ao redor do Mundo, da corveta La Coquille, durante os annos de 1822 a 1825 por Duperrey;

Jornal da navegaçào em redor do Globo da fragata La Thetis, e da corveta l'Esperance, durante os annos de 1824 e 1826 pelo barão de Bougainville;

Viagem ao redor do Mundo da corveta La Favorite durante os anos de 1830 a 1832 por Laplace;

Viagem de um naturalista em redor do Mundo, de 1831 a 1836 por C. Darwin;

Viagem ao redor do Mundo da corveta La Bonite durante os anos de 1836 a 1837 por De la Salle; e

Viagem ao redor do Mundo na fragata La Venus, durante os anos de 1836-1839 por Abel du Petit-Thouars.

Começaram seus longos cruzeiros de circumnavegação por nosso país L'Uranic, La Coquille, o Beagle, La Bonite e La Vénus; já aqui passaram de torna-viagem L'Esperance, La Thétis e La Favorite, de modo que o Brasil foi visitado por esses navios em Dezembro de 1817 (L'Uranic), Outubro de 1822 (La Coquille), Março de 1826 (L'Esperance e La Thétis), Janeiro de 1832 (La Favorite), Março a Julho de 1832 (Beagle), Março de 1836 (La Bonite), Fevereiro de 1837 (La Vénus).

Essas viagens a longinquas terras, em visita a povos e regiões quasi desconhecidas iam ter influencia indiscutivel sobre uma das faces mais interessantes do romantismo em seus albores. Como viram e como sentiram nosso país esses românticos de ação? Eis o que procurarei mostrar neste livro despretencioso.

Como citação escolhemos as palavras que De la Salle comandante de La Bonite, põe no frontal de seu capitulo sobre o Rio de Janeiro.

CAPITULO I

A TRAVESSIA — NOSSAS ILHAS OCEANICAS

A trasladação, apesar de forçada, do soberano lusitano para o Brasil dava a nosso país especial relevo, chamando, forçosamente, para ele as vistas de Europa, embora já não fosse Portugal a gloriosa monarquia dos intemeratos navegadores dos seculos XV e XVI.

Com a volta da paz á Europa depois de 23 de junho de 1815, numerosas viagens foram executadas “no interesse, das ciencias e da navegação” e a volta do mundo varias vezes empreendida. A situação privilegiada do Rio de Janeiro, a segurança de seu porto, o grau relativamente elevado de civilização a que chegara, faziam dele escala forçada.

O que era, então, uma viagem e especialmente um desses cruzeiros para os quais cuidadosamente se preparavam os comandantes, obrigados a prever os acontecimentos desastrosos que podiam ser a consequencia de uma longa navegação em paragens ainda

imperfeitamente conhecidas? Só em 1817, adotava a França, para transporte de agua, caixas de ferro devendo-se “a essa inovação salutar a inapreciavel vantagem de tê-la guardada ao abrigo da podridão”. Contando-se com a incerteza dos longos dias de calmaria, o que tirava todo prazo certo ás escalas, aos depositos dagua potavel juntava-se um alambique para distillação da do mar.

Torna-se preciso atender ao velame, á alimentação, ás acomodações de todo o pessoal. Apesar dos maiores cuidados “é raro que o aparelhamento de uma embarcação para uma missão afastada encontre todos estabelecidos a bordo. Resulta desse defeito de previsão que os primeiros dias de navegação que se seguem á partida são, ordinariamente, empregados em pôr tudo em seu lugar. Os officiaes estudam as localidades do exiguo comodo atribuido a cada qual pelos regulamentos; todas as peças que compõem o mobiliario são sucessivamente colocadas e descolocadas até que tenham encontrado a disposição mais conveniente, tanto para comodidade como para o uso”.

O resto da equipagem instala-se como Deus é servido, perdendo os marinheiros o nome para serem designados por um numero.

Para deixar o porto é preciso esperar a hora propi-

cia, de vento favoravel. “Cordas tensas de verga em verga, em toda extensão do navio, cobrem-se de brancos pavézes que, suspensos em longas filas, parecem anunciar uma festa da partida, a festa na qual leves canoas conduzera de todas as embarcações do porto uma multidão de alegres officiais, que se apressaram em trazer a seus camaradas votos de bôa viagem.”

Começada a travessia, cuidado não menos importante que o do alojamento é o de travar relações, fazer “conhecimento com a nova sociedade que se acaba de formar; porque acontece muitas vezes que ninguem se conheça 15 dias antes da partida. Os primeiros dias escoam-se sem demasiado abandono, ficando-se ao contrario em reserva. Cada qual parece buscar o isolamento para entregar-se a suas reflexões, a seus pezares, a suas esperanças pessoais. Aos poucos, entretanto, e á medida que as emoções causadas pela idéa de longa separação e pela incerteza da época de volta se vão enfraquecendo, a necessidade de uma aproximação social faz-se sentir; procuram-se uns aos outros e conversam: daí nascem geralmente ligações que duram muito tempo ou antipatias que nunca se apagam. Umas como as outras não são sempre bem fundadas. Cada pessoa embarca para uma longa viagem como, geralmente, se casa — um pouco ao acaso. O coração, a principio

cheio de esperanças, mostra um futuro feliz ao qual se abandona, cheio de confiança.” “Entre as emoções que atuam fortemente em nossa alma, a que nos causa a vista do alto mar, em sua primeira aparição, é uma das mais vivas. Essa impressão é produzida por um quadro aparentemente muito simples, que se compõe apenas de dois elementos — agua e ceu, mas a majestade desse aspecto é grande, sublime e dispõe a um cisma profundo; a imensidade do mar acusa o pouco que somos; sua potencia nossa fraqueza; sua mobilidade é a imagem da vida tantas vezes agitada, tão raramente calma. Essa vista leva nossas idéas a Deus, sobre a grandieza da criação, sobre nosso próprio nada. Entretanto, mesmo no seio da imensidade, o homem não perde seus direitos e alguma coisa lhe diz que ele é feito para desafiar, para domar o terrivel elemento. Tais pensamentos não entristecem, ocupam.”

As inconstancias do vento, pronto a mudar de direção de um momento para outro, é a maior preocupação dos navegadores e os que vinham dos portos do Mediterraneo temiam, cheios de apreensões, a passagem do estreito de Gibraltar. O *Astrolabio* ficara retido cincoenta dias na baía de Algeciras, a espera de ventos favoraveis.

Era ponto de escala quasi obligatorio Tenerife,

abrindo depois velas para o Brasil. Em varios pontos do oceano Atlantico assinalavam as antigas cartas numerosos parciais ou vigias, depois nunca verificados. Qual o motivo dessa grande quantidade de perigos? "Houve um tempo em que todos os escolhos descobertos, a torto e a direito, e declarados pelos maritimos, eram considerados como descobertas autenticas e os descobridores recompensados pela munificencia nacional. Desde que se estabeleceu esse costume, não entrava mais embarcação num porto sem que alguns escolhos tivessem sido percebidos."

A passagem da linha dava sempre lugar ás ceremonias burlescas ainda hoje repetidas. Para DU PETIT THOUARS "esse costume, adotado por todas as nações, sem duvida imitando os portuguezes que se aventuravam primeiro na zona torrida, tira provavelmente sua origem de uma crença outrora universalmente espalhada, sobre a impossibilidade de viver nessas latitudes onde se pensava que os homens não podiam penetrar sem ser queimados pelo sol. A primeira cerimônia deve ter sido inteiramente religiosa e feita em ações de graças á Providencia. Dissipados os primeiros terrores, adeus devoção!"

MARIA GRAHAM diz: "Não sei donde se derivou o costume mas os Arabes o seguem com cerimonia

não muito diversa das praticadas por nossos próprios marinheiros." E Freycinet sentencia: "Por mais ridiculas que possam parecer a homens graves as mascaradas que têm lugar então, como contribuem sem duvida alguma, pela alegria que despertam, para entreter a saúde na equipagem, penso que os capitães prudentes sempre farão bem em permití-las e mesmo em incitar os marinheiros para tais festas."

Nas proximidades da linha aparecem numerosos cardumes de peixes voadores, leitões de correntes onde se movem graciosamente velelas, fisalias, que abrem aos ventos leves seu irisado veu, milhares de zoófitos que, pela variedade de suas côres brilhante, dão a essas paragens tranquilas a apparencia de uma planicie, esmaltada de flores. A presença de todos esses animalculos anima as vastas solidões do oceano onde o viajante, longe de encontrar apenas tédio e desgosto, acha ao contrario, motivos frequentes de distrações ou antes de meditações, fonte de novos gozos, desconhecidos do homem sedentario."

Foi na viagem de *la Coquille* (1822) que primeiro ficou demonstrada a causa da fosforescencia marinha.

"Segundo nossas proprias observações, "diz LESSON, e obedecendo á nossa convicção não consideramos de modo algum a fosforescencia do mar como suscetivel

de ser produzida por uma ação puramente física ou química. Diremos que ela é devida a animais marinhos, pertencendo quasi sempre a crustaceos de generos muito diversos; que é propria de todas as latitudes em todas as estações; mas que é mais habitual e mais notavel sob a zona torrida; que o fóco dessa luz, emitida por irritação ou na época da procreação, desconhecido para quasi todas as pessoas, reside nas glandulas, situadas, em numero variavel, dos lados do torax de certos crustaceos, á semelhança dos focos fotogenicos de alguns insetos."

De nossas ilhas oceanicas são visitadas, nesse começo do século passado, os rochedos de S. Paulo, as ilhotas de Martin Vaz e a ilha da Trindade.

Os ilhotes de S. Paulo são assim descritos por DARWIN:

"Este conjunto de rochedos está situado a $0^{\circ} 58'$ de latitude norte e $29^{\circ} 15'$ de longitude oeste; acha-se a 540 milhas das costas da America e a 350 da ilha de Fernando - Noronha. O ponto mais elevado da ilha de S. Paulo está apenas a 50 pés acima do nivel do mar; a circunferencia inteira da ilha não chega a tres quartos de milha. Esse pequeno ponto ergue-se abruptamente das profundidades do Oceano. Sua constituição mineralogica é muito complexa; em alguns pontos a rocha se compõe de hornstein; em outros de feldspato, encon-

trando-se também alguns veios de serpentina. Os rochedos de S. Paulo, vistos de certa distancia, são de resplandecente alvura. Tal côr é devida, em parte, aos excrementos de imensa multidão de aves marinhas e, em parte, a um revestimento formado de substancia dura, polida, com o brilho de madrepêrola, que adere fortemente á superficie dos rochedos. Examinado com a lupa, percebe-se que esse revestimento consiste em numerosas camadas, extremamente delgadas e sua espessura total chega apenas a um decimo de polegada. Contém ele substancias animais em grande quantidade e sua formação é devida, sem duvida, á ação da chuva e da espuma do mar.

“Encontram-se apenas duas aves nos rochedos de S. Paulo: o mergulhão e o trinta réis. Essas duas aves têm um carater tão tranquilo e tão tolo, estão de tal modo pouco habituadas a receber visitantes, que eu teria podido matar tantas quantas quisesse e com o meu martelo de geólogo. O mergulhão põe os ovos na rocha nua; o trinta réis, ao contrario, constróe um ninho muito simples comervas marinhas. Ao lado de grande numero desses ninhos encontrava-se pequeno peixe voador que o macho, ao que supponho, trouxera para a fema. Um grande caranguejo muito ativo, que habita as fendas do rochedo, dava-me um espetaculo muito di-

vertido; logo que eu desalojava uma das aves em incubação, ele vinha roubar o peixe colocado perto do ninho. Não cresce uma só planta, nem mesmo um liquem nessa ilha; entretanto aí habitam varios insetos e aranhas. Eis a lista completa da fauna terrestre: uma mosca (*Olfersia*) que vive sobre o mergulhão, e um ácaro que deve ter sido importado pelas aves que parasita; pequeno verme pardo que vive nas penas; um escaravelho (*Quedius*) e um bicho de conta que vivem nos excrementos das aves; numerosas aranhas que, supponho, caçam ativamente estes pequenos companheiros das aves marinhas.”

Os ilhotes de Martim Vaz e a Ilha da Trindade, sua vizinha, foram visitados por *La Coquille* em 16 de outubro de 1822. Diz DUPERRÉY: “As Martim Vaz são rochedos elevados de uma nudez repelente; são em numero de tres, a pequena distancia um do outro na direção Norte - Sul. O maior está muito proximo do do Norte; mas entre o primeiro e o rochedo meridional ha um canal de duas milhas de largura.

A ilha da Trindade é uma terra alta, que se pode perceber num dia claro a 16 ou 18 leguas de distancia; é em geral pedregosa e esteril; algumas arvores, entretanto, coroam os cumes, principalmente na parte meridional. O mar rebenta com força na praia, coberta de rochedos. Notam-se cabeços, no alto dos quais se ele-

vam arvores esguias; um, chamado o *Monumento*, está na costa ocidental; o outro, o *Pão de Açúcar*, está na extremidade S. E. da ilha. Ha nove leguas de distancia entre as Martim Vaz e a Trindade. Um veu tenebroso cobre a historia da descoberta destas ilhas, que são marcadas nas cartas antigas, mesmo na de Thevet, publicada em 1575, sob os nomes diversos de Martim Vaz, Ascensão, Trindade, Santa - Maria d'Agosta."

LA PEROUSE encontrou em sua passagem por aí, em 1785, restos de um estabelecimento portuguez, de ha muito abandonado. Quando por ela passou *La Coquille* ainda se encontravam cabras, cães e porcos selvagens e em 1826 aí encontrou *Gourbeyre* um marinheiro, James Ouyen, abandonado pelo navio ingles *Darius*.

CAPITULO II

RECIFE E SALVADOR

Só RUGENDAS, DARWIN e MARIA GRAHAM falam de Recife, ou melhor de Pernambuco, pois, como diz esta ultima "o nome de Pernambuco que é o da capitania é agora geralmente applicado á capital." Compreendia então Olinda, a formosa criação de Duarte Coelho Pereira, onde as montanhas quasi a pique, a praia muito branca e o bosque muito verde encantam a vista maravilhada da viajante inglesa; e Recife de Pernambuco ou Santo Antonio de Recife, a Mauricéa dos holandeses, espalhada sobre varios bancos de areia, divididos por braços de mar e pela boca de dois rios, sobre os quais se estendem tres pontes. Formam-no dois arrabaldes: Santo Antonio, onde estão a casa do governo e as duas igrejas principais, uma para os brancos e outra para os negros; e Boa Vista, onde os habitantes mais abastados vivem entre jardins, e á qual conventos, igrejas e

o palacio do bispo dão um ar de importancia á cidade, muito limpa.

O asseio de Recife é louvado pelos turistas e, diz RUGENDAS, é mais limpa e confortavel que qualquer cidade maritima do Brasil, inclusive o Rio de Janeiro; e MARIA GRAHAM sente-se embevecida com a entrada desse porto maravilhoso, onde, apenas transpostos os recifes contra os quais o mar rebenta com furor, o navio singra em aguas mansas como de um lago. Sobre os recifes um farol e um forte; no porto navios de todas as nações; do lado da cidade grandes construções brancas, a terra baixa e arenosa, com as manchas verdes de campo e adornada de coqueiros.

Regista DARWIN, e é notavel sua observação, porquanto feita já depois de visitar barreiras e atóis do Pacifico e Indico, a curiosidade dessa muralha de Pernambuco. "Não creio," diz ele, "que haja no mundo inteiro uma formação natural de aspecto tão artificial. Esse recife alonga-se numa extensão de algumas milhas em linha absolutamente reta, a pouca distancia da costa, com a largura de 30 a 60 metros, de parte superior chata e unida, parecendo, na maré baixa, um quebramar construido por cíclopes. A resistencia desse recife, que as ondas nem de leve carcomem, é um dos fatos mais curiosos de sua historia, sendo devida a um revestimento muito duro de materias calcarias com algumas po-

legadas de espessura e inteiramente formadas pelo crescimento e morte successivos de pequenos tubos de sérpulas, anatifas e nuliporas. São estes seres insignificantes que prestam os maiores serviços aos habitantes de Pernambuco, conservando-lhes o Recife e garantindo-lhes o porto."

Em Recife aprecia MARIA GRAHAM as suas calçadas de seixos azulados da praia e de granito vermelho ou cinzento, apresentando no seu asseio um aspecto agradável, com suas casas de pedra alvadia, todas caiadas de branco, com os caixilhos e batente das portas e janelas de pedra escura, de tres e quatro andares na parte central da cidade (*). O andar terreo é occupado por negócios, alojamentos dos negros e cavalariças; o immediato é geralmente aproveitado para escritorios, postas as moradias no terceiro andar, estando a cosinha sempre no pavimento superior, de modo que a parte inferior da casa se conserva fresca.

A viração constante torna a temperatura agradável e amena.

Mas surge, nódoa indelevel no lindo quadro acolhedor, o espetaculo triste de um mercado de escravos. Horrorizada escreve então a viajante inglesa:

(*) — Contrastam as notas de DARWIN, que achou Recife uma "cidade nojenta, de ruas estreitas, mal calçadas, atulhadas de imundicie, de casas altas e tristes".

“Era a primeira vez que eu estava em uma terra de escravos; e por mais forte e punjente que seja a emoção, quando a imaginação pinta a escravidão, nada é, comparada á visão flucinante do mercado de escravos. Ele estava pouco habitado, devido ás circunstancias da cidade (*), o que leva muitos proprietarios de escravos novos a conservá-los cuidadosamente fechados nos depositos. Apesar disso cerca de cincoenta meninos e meninas, com toda a apparencia de molestia e fome, consequente á alimentação deficiente e longo confinamento em lugares insalubres, aí estavam, imiscuidos aos animais mais imundos das ruas.”

Ha no diario de MARIA GRAHAM algumas outras notas interessantes, que vamos traduzir. Assim, a 27 de setembro, diz ela: “Hoje, quando vinhamos de Boa Vista, encontramos uma familia de sertanejos (**), que viera fazer provisões na cidade alguns dias antes, e voltava para o sertão ou região silvestre do interior. Os sertanejos formam uma casta de homens ativos e robustos, em sua maioria agricultores. Trazem grãos e legumes, carne e linguiça para o litoral e tambem, não

(*) — Quando Maria Graham desembarcou em Pernambuco (26 de setembro de 1821) estavam os brasileiros revoltados contra Luiz do Rego, então sitiado em Recife

(**) — A autora escreve Certanejos e Certam.

raro, pele e sebo. Mas o açúcar, algodão e café, que constituem os principais generos de exportação de Pernambuco, requerem terras mais ricas e mais quentes, mais proximas da costa. O algodão é trazido do sertão, mas sua colheita é precaria, dependendo da quantidade de chuva e ás vezes acontece não chover no sertão durante dois anos.

A familia que encontramos formava um grupo muito pitoresco, os homens vestidos de couro dos pés á cabeça. Nessa vestimenta a jaqueta clara e as calças justas se adaptavam como as roupas dos marmores de Egina e apresentando o mesmo efeito; o pequeno chapéu redondo é da forma do caduceu de Mercurio; e os sapatos e perneiras da maioria são excelentemente adaptados a defender pernas e pés nas marchas a cavalo no denso do mato. O todo é de um belo pardo claro. Não gostei de vêr que a mulher levava roupa evidentemente da moda francesa: isto quebrava a unidade do grupo.

Ela ia montada atrás do chefe da familia, em um desses pequenos cavalos muito vivos da região, e varios animais de carga se seguiam, carregados de objetos domesticos e outras coisas, em troca de provisões trazidas. Atrás vinha um grupo de homens, alguns caminhando a pé e acompanhando a marcha dos animais, outros montados e carregando crianças; o cortejo era fecha-

do por um homem corpulento e simpático, fumando e vestido de calça de baeta verde."

Os homens livres, pretos ou brancos, vestiam calça e paletó de brim ou, nos dias de gala, de lã e chapéu de palha. As mulheres, dentro de casa, usavam cabeção que lhes deixava o peito muito descoberto; mas na rua levavam capa ou manto de côres vivas e sapatos, (só permitido ás mulheres livres) sempre pretos. Colares e braceletes de ouro, brincos e uma flôr no cabelo completavam o vestuario feminino. Os negros novos tinham apenas um pano em torno da cintura. Uma vez comprados, forneciam os senhores camisa e saia ás mulheres e calças aos homens.

Já lamentava então MARIA GRAHAM a decadencia de Olinda.

"Fiquei surpresa", diz ella, "com a extraordinaria beleza de Olinda ou antes de seus restos, pois está agora em melancolico estado de ruina. Os habitantes mais ricos a muito mudaram-se para a cidade baixa. As rendas do bispado são agora exigidas pela corôa e os mosteiros em sua maioria foram suprimidos, de modo que mesmo o esplendor facticio das côrtes ecclesiasticas já não existe."

O collegio de jesuitas, fundado na administração do admiravel padre Nobrega e seu companheiro De Gram, onde os jovens recebiam alguma educação, estava qua-



MAP OF RIO DE JANEIRO

Scale of Miles 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20

servindo-lhes um unico remo de leme, para mante-las no meio da corrente.

A 29 de setembro assistia a viajante inglesa á festa de S. Miguel, que lhe permitia pela primeira vez contemplar as damas portuguezas passeando pelas ruas.

O tom mais apreciado para as roupas dessas fidalgotas era o negro, com sapatos brancos, fitas brancas ou coloridas e flôres nos cabelos, cobertas por uma mantilha de renda ou de gaze, branca ou preta.

Ao tempo de Luiz do Rego os padres tinham sido obrigados, por um edito do governador, a ficar encerrados em seus conventos, pois eram tidos como os fomentadores do espirito de independencia. A apropriação pela côrte de Lisbôa da renda das igrejas, tornara-a impopular entre o clero da região e este mostrava ao povo que a saída de tantos tesouros para sustentar Lisbôa, que já não os podia governar nem proteger, era motivo para justos ressentimentos.

Não era brilhante a vida intellectual de Pernambuco, com seus setenta mil habitantes para Recife e Olinda e nem uma livraria! Em Março de 1821 saíra o primeiro numero do jornal "Aurora Pernambucana", tendo por motto os versos de Camões:

"Depois da procelosa tempestade,
Noturna sombra e sibilante vento,

Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento”.

alusão á revolução de Portugal.

Admirava-se a bôa inglesa de que por esse tempo em Pernambuco os casamentos fossem tratados sem que um dos futuros conjuges tivesse sequer ouvido a voz do outro.

Um banquete de cerimonia foi oferecido á officialidade do “*Doris*” (*) ás quatro e meia da tarde. Depois da sopa um prato de carne cozida, com fatias de toucinho salgado e arroz cozido no azeite, e afinal rosbife (em homenagem aos ingleses), salada, varias qualidades de peixes. Os postres foram servidos em outra mesa: frutas, bolos, vinho, grande variedade de pudins, tortas e pasteis, e toda sorte de frutos secos (passas, ameixas, figos).

Interessante a descripção da ilha dos Cocos, de praias cobertas de cracas, ouriços do mar, búzios e mariscos, toda revestida de hervas louçã e flôres bizarras, com alguns tanques onde floresce o nenufar branco e outras plantas aquaticas da região. Entre as flôres esvoaçam beija-flôres de azas de safira e crista de rubim, e borboletas cujas côres variegadas e brilho de tons rivalisam

(*) -- Fragata do comando do marido de Maria Graham.

com os dos colibris e das flôres. Os proprios repteis da ilha são bonitos, cobras e lagartos de vivo colorido. Ha uma grande lagarta, com tufos de pêlos e corpo anelado de escarlate, pardo e amarelo. Mas é um bicho nocivo, no dizer dos habitantes, pois seca os úberes das vacas, estancando-lhes o leite.

Da população de Pernambuco (*) só um terço de brancos e os mulatos, de modo geral, constituíam a classe mais industriosa e ativa, tendo alguns feito grandes fortunas. E contudo os portuguezes preferiam dar suas filhas e riqueza ao primeiro valdevinos da Europa do que ao mais rico e merecedor dos Brasileiros.

O que era uma casa de familia em Recife? A construção e disposição geral dos commodos eram como em Europa e a sala de visitas apenas differia por ser melhor mobiliada. Mas a sala de jantar era inteiramente estranha: o soalho coberto de pano pintado e as paredes colgadas de gravuras inglesas e pinturas chinas, sem distincção de assunto ou tamanho. Em uma das extremidades longa mesa, tendo em cima um armario de vidro com o presepio: anjos, os tres reis, tudo revestido de musgo, ornado de flôres artificiaes, nuvens de gaze e tarlatana, com palhetas de ouro e prata, Santo Antonio e S. Christovão á di-

(*) — Recife e Olinda.

reita e á esquerda. O resto do mobiliario constava de cadeiras convexas, uma especie de bufete ou aparador; do teto pendiam gaiolas com passaros: canarios, patativas, viuvinhas. Numa outra sala bandos de papagaios "mais do que pareceria agradavel para uma casa", mas "todos bem educados, pois raramente gritavam juntos".

A melhor agua vinha do convento de Jerusalém, a duas milhas da cidade e era guardada em talhas de barro, vindas da Baía.

As vendas, da cidade ou das estradas, tinham um pouco de tudo: panos e velas, frutos e toucinho, vinho e pimenta.

Dos vinte dias passados em Pernambuco e do que aí vira, conclue MARIA GRAHAM: "Deixamos Pernambuco com a firme convicção de que pelo menos esta parte do Brasil nunca mais se submeterá a Portugal".

Tres dias depois chegava a *Doris* á Baía. A primeira impressão, do mar, é de deslumbramento.

"Esta manhã", diz a turista inglesa, "ao raiar da aurora, abriram-se meus olhos sobre uma das mais belas coisas que jamais tenham observado. Uma cidade, magnifica de aspecto, vista do mar, está situada no cimo e no declive de altissimo e alcantilado monte: a mais rica vegetação irrompe entre o casario branco e,

além da cidade, estende-se até o extremo da terra onde está situado o pitoresco convento de Santo Antonio da Barra. Aqui e ali o sólo de um vermelho vivo casa-se harmoniosamente com o telhado das casas”.

Mas apenas desembarcada é imensa sua desilusão. Saltando nas Docas Reais aí não vê “nada do asseio observavel em tais estabelecimentos”, embora estejam construindo uma fragata, que “ouviu os conhecedores elogiarem como bela”. Mas as docas já lhe parecem de serviços suspensos ou em decadencia, provavelmente pela situação politica do país, tendo observado indicios de rebelião, não como em Pernambuco, contudo evidentes. Poucos anos antes MARTIUS, referindo-se ás mesmas diz: “Quer relativamente á construção, quer no que diz respeito ás madeiras, os navios nelas feitos se distinguem de todos os outros construidos no Brasil”.

A rua que se segue á porta do arsenal e forma aí a largura de toda cidade baixa da Baía é, diz ela, “sem nenhuma exceção, o lugar mais imundo em que eu tenha estado. É extremamente estreita e apesar disso todos os artifices trazem bancos e ferramentas para a rua; nos espaços que deixam livre estão quitandeiros, vendedores de linguças, mureelas, peixe frito e doces, negros entrançando chapéu ou esteiras, cadeirinhas com seus carregadores, cães, porcos e aves domesticas, na maior

promiscuidade e confusão, e como a sargeta corre no meio da rua, tudo é aí lançado das tendas e das janelas e aí os animais vivem e comem". É, no entanto a principal rua comercial, de casas altas, mas sem a graça e beleza das de Pernambuco.

Como chovesse, aluga a viajante uma cadeirinha, uma vez que o ingreme das ruas que partem "da imunda cidade baixa" não admite o emprego de carruagens de rodas.

As cadeirinhas, se não são confortáveis, são pelo menos cómodas. Consistem em uma cadeira de braços de vime, com estribo e baldaquim coberto de couro; cortinas com barra dourada e forradas de linho ou de algodão estão corridas em torro do docel ou podem ser abertas á vontade. Toda a cadeirinha está suspensa a um só pau, pelo qual dois negros a carregam nos ombros com passo rapido, mudando, de vez em quando, do direito para o esquerdo.

A paisagem da cidade alta é muito mais amavel. Entre tufos de arvoredos abrem-se clareiras de campinas com casas de campo e jardins risonhos, donde se descortinam a baía, o mar, a lagoa, completando a cena. Aqui e ali as gameleiras gigantescas erguem-se altancistras, espalhando suas imensas copas, onde vive um sem numero de plantas epidendras, desde os cactos espinho-

sos até as tilandsias de flôres vivas, e por entre o verde as torres das igrejas e mosteiros melhoram a aparência da região.

Mas apesar da beleza da paisagem, não foram lisonjeiras as impressões de MARIA GRAHAM sobre a Baía.

As casas, em sua maioria, são repelentemente sujas: no andar inferior, ocupado pelos alojamentos de escravos, deposito, etc., as escadas estreitas e escuras. Por mais de uma vez teve de esperar no corredor, quando em visita, que as criadas corressem a abrir portas e janelas da sala de visitas e chamar as senhoras que descansavam despidas, nos quartos.

Não usando cinta ou espartilho, o aspecto é de desleixo e quasi indecente, passada a primeira juventude; e isto se torna ainda mais desagradavel, porque elas se cobrem de roupas muito leves, sem gola e quasi sem mangas.

Então, nesse clima quente, é nojento ver roupas escuras diretamente sobre a pele, os cachos negros, mal penteados e desgrenhados ou embaraçados ou, ainda peor, *en papillote*, com a aparência de não terem tomado banho.

O mobiliario da sala de visitas é quasi sempre constituido por um sofá em cada extremidade e, á direita e á esquerda, uma longa fila de cadeiras, que parecem

nunca ter sido afastadas de seu lugar. Entre estas largo espaço para as dansas, um piano ou violão (ou ambos). Gravuras e pinturas, geralmente horriveis bordões, decoram as paredes.

Algumas casas apenas fazem exceção a essa exhibição de mau gosto: a de um capitão de navio tem as paredes forradas a papel, o soallho coberto de esteira e as mesas ornadas de bela porcelana indiana ou francesa; outra, de um juiz (embora o morador não fosse dos mais ricos nem dos mais nobres) tinha candelabros de vidro pendentes do tecto e espelhos de bom gosto entre as pinturas e desenhos.

O ceremonial com as visitas parecia invariavel: depois de alguns momentos de sofá, eram convidadas a chegar ás janelas para olhar a rua, caindo sempre a conversa sobre as belezas da Baía, vestidos, filhos e doenças.

Das multiplas igrejas baianas (tantas como os dias do ano!) só duas visitou Maria Graham: a de Nossa Senhora da Graça e a de Nossa Sra. da Conceição. Sobre a primeira conta o seguinte: "Quando o famoso Caramuru foi preso, junto com o donatario Coutinho, em Itaparica, Coutinho foi morto; mas Caramuru, querido dos naturais, foi poupado e voltou para seu antigo domicilio de Vila Velha. Sua esposa, Catari-

na Paraguassú, (*) que o acompanhara á França, viu uma aparição no acampamento dos indios, e acreditou tratar-se de uma mulher de Europa; Caramurú, seguindo o rumo apontado pela esposa, descobriu em uma das choupanas uma imagem de N. S. da Graça e, obedecendo ás recomendações que a esposa recebera da visão, construiu e consagrou a igreja, doando-a, com uma casa, aos Benedictinos. Feita a principio de barro, foi logo depois reconstruida de pedra”.

Sobre a igreja da Conceição é muito diversa sua impressão da de MARTIUS. Enquanto o naturalista bavarô acha que esse templo “sem ser de estilo puro, merece mencionado com distinção entre as igrejas da Baía, por ser grandioso na fachada e construido de pedra de cantaria européa”, a inglesa, julgando-a embora muito bonita, fala do cheiro desagradavel do interior, porque aí “o chão é dividido em quadrilateros de pedra, e em cada qual ha uma almofada de madeira de cerca de nove por seis pés; sob cada almofada ha uma sepultura, onde os cadaveres são postos nus, até alcançar um certo numero, quando com um pouco de cal viva, a catacumba é coberta por uma lage e aberto outro quadrilatero”.

Numa igreja encontrou MARTIUS “as paredes co-

(*) — *Catherine Paraguaya*, escreve ela.

bertas de fileiras de gravuras multicôres, sobre cobre, inglesas e francesas”, admirando-se de aí ver “*Leda com o Cisne* junto a um quadro do *Marechal Blucher*, a entrada triunfal dos *Aliados em Paris*, junto á *Resurreição do Senhor*, os retratos de um grande monarca e do seu primeiro ministro ao lado do *Amor e Folia* e uma taverna holandesa, copia da obra de OSTADE”.

Estas pinturas desapareceram mais tarde e PIRAJÁ DA SILVA, cuja tradução da Viagem de MARTIUS pela *Baía*, nos deu o trecho acima transcrito, acrescenta em nota: “Posso informar que depois de minuciosa busca a que procedi, verifiquei não mais existir nem tradição dos tais quadros”.

A cidade alta impressionou melhor a viajante inglesa, achando-a incomparavelmente mais limpa que o porto. “A catedral, dedicada a S. Salvador (sic) é uma bela construção, ocupando um lado da praça onde estão o palácio, a cadeia e outros edificios publicos. O mais belo deles, o collegio dos Jesuitas, com suas columnas de marmore, foi transformado em quartel. Essa ultima informação de MARIA GRAHAM é erronca, pois sobre o mesmo escreve MARTIUS. O mais notavel edificio da cidade alta é indubitavelmente o Collegio dos Jesuitas com a igreja contigua. A igreja atual, em substituição a um edificio mais antigo e estragado serve

de Sé e é, presentemente, pelas condições arquitetónicas, o templo mais digno e grandioso de todo o Brasil — monumento do poder e da riqueza de seus constructores. Alguns quadros de mestres espanhóis, as decorações de bronze do côro, os preciosos doirados dos altares e um excelente órgão, foram trazidos da Europa; os labores de tartaruga que ardezoam a sacristia vieram das Indias Orientais. A maior parte do Collegio dos Jesuitas está occupado atualmente pelo Hospital Militar.”

Fala a viajante inglesa no hospital de Nossa Senhora da Misericórdia, que ela dá como fundada por João de Matinhos (João de Matos Aguiar) cuja estatua, em marmore branco, posta no patamar da escada, é, no seu entender, a escultura mais horrenda que ela vira.

PIRAJÁ DA SILVA nas ótimas anotações á viagem de MARTIUS transcreve o que a respeito escrevera DOMINGOS JOSÉ ANTONIO REBELLO em 1729, que o dá como fundado por Francisco Fernandes da Ilha, sendo João de Matos Aguiar apenas o instituidor do Recolhimento para moças orfãs brancas e donzelas, (“50 moças de nascimento decente”, diz a inglesa, “ás quais é dada educação conveniente e pago um dote de 200 corôas quando se casam”).

A construção da Misericórdia, acrescenta, é um belo

espécimen do estilo dos conventos, edificios publicos e casas nobres.

Uma grande area está edificada em torno de patios; a escadaria é de marmore, embutida em estuque colorido, os lados revestidos de azulejos, formando arabescos, ás vezes de desenho muito bonito, o que constitue revestimento fresco e limpo, principalmente para um hospital. As principais salas são também decoradas do mesmo modo e muitos dos frontões de cúpulas das igrejas são cobertos de azulejos semelhantes, produzindo efeito muito agradável, quando vistos entre as arvores e o casario mais baixo.

A capela pertencente ao hospital é confortavel mas um pouco extravagante. O teto foi pintado provavelmente por algum monge amador do seculo XVII.

É interessante como se completam as notas de MARIA GRAHAM e de MARTIUS sobre o teatro de S. João, iniciado pelo conde da Ponte (1806) e terminado pelo Conde dos Arcos, que o inaugurou a 13 de Maio de 1812. Está ele situado na parte mais alta da cidade, de onde se descortina a mais bela vista imaginavel. É uma construção muito confortavel, tanto para os espectadores como para os actores, embora só nas ocasiões de festas se encham suas tres ordens de camarotes de senhoras e cavalheiros luxuosamente vestidos

e a platéa, com variada multidão de homens de todas as côres e classes.

“Antes de começar a representação”, diz MARTIUS, “poderia a apreciação ironica do espectador ocupar-se com a pintura do pano de boca, achando no assunto da mesma uma alegoria desfavoravel aos baianos. Um mulato de gigantesca estatura, empunhando na esquerda o caduceu de Mercurio, está em attitude de importancia, assentado sobre uma caixa de açúcar, com a dextra estendida, apontando ao espectador admirado, a ofuscante riqueza de um dourado cofre aberto. A seus pés algumas crianças, representando os genios, brincam com o globo e os emblemas de Minerva”.

Os atores são pessimos como tais e um pouco melhores como cantores, mas a orquestra é muito toleravel, dizendo-a mesmo MARTIUS, que é “bem ensaiada e executando com maestria as protofonias de Pleyel, Giorovetz, Boyeldieu e Rossini, pois os brasileiros são todos musicos natos”.

“Durante a representação”, diz MARIA GRAHAM “as senhoras e cavalheiros portugueses pareciam combinados em esquecer o palco e rir, comer boubons e beber café, como em casa. Quando os musicos, porém, começaram a tocar a *ouverture* do bailado, todos os olhares e vozes se dirigiram para o palco, reclamando

alto o hino nacional, e só permitiram que o espectáculo continuasse depois desse executado por tres vezes. Durante a algazarra ocasionada por esses pedidos um capitão do exercito foi preso e posto para fóra da platéa por ter insultado os politicos, quando pediam o hino nacional.

Havia então seis corpos de milicias na cidade do Salvador: uma companhia de cavaleiros, constituindo a guarda de honra do governador; um esquadrão de artilharia ligeira; dois regimentos de brancos, quasi todos commerciantes, um de mulatos e um de negros fôrros, sendo este o mais adextrado e mais eficaz como corpo de infantaria. Ao todo mais de 4.000 homens bem armados e equipados. Os officiais são escolhidos entre as melhores familias e com exceção dos majores e ajudantes, não recebem pagamento.

Assistindo a uma recepção em casa do Consul, assim se manifesta MARIA GRAHAM: "Nas mulheres bem vestidas que vi á noite tive grande dificuldade em reconhecer as desmazeladas da manhã. As senhoras (sic) estavam bem vestidas á moda francesa: *corset, fichu*, enfeites, tudo era bom e mesmo elegante, e havia uma grande exhibição de joias.

"Os portuguezes são todos de desprezivel aspecto; nenhum parece ter educação acima da dos escriptorios

comerciais e todo seu tempo é gasto entre o negocio e o jogo, sendo que as senhoras largamente participam deste ultimo, depois de casadas. Mesmo antes do casamento, quando não ha dansas, elas cercam as mesas de jogo, acompanhando as cartas com olhos anciosos. Sem educação e, portanto, sem os recursos do espirito, e num clima onde o exercicio ao ar livre é impossivel, é ele necessario, pois o jogo, tanto para o civilizado como para o selvagem, é um dos meios de tornar mais rapido o curso da vida”.

O dique ou lago, que cercava a cidade pela maior parte de Norte-Sul e cujo desaparecimento com tão justa razão lamenta PIRAJÁ DA SILVA, constituia ao tempo da passagem de MARIA GRAHAM o mais bello cenario dessa região. A plumagem bizarra das aves, os tons brilhantes dos insetos, o tamanho, a forma, a côr, a fragrancia das flôres encantavam e tornavam a manhã deliciosa. Viam-se então culturas de pimenta da India, mandadas vir por Francisco da Cunha Menezes de Gôa, quando governador da Baía.

Fala-nos MARTIUS dos banquetes “nos quais o dono da casa ostenta o esplendor real, muitas vezes antigo, de sua mobilia e louça.” Em algumas casas mudavam os homens, antes de ir para mesa, uma jaquetinha branca de fazenda muito fina. Ao terminar o banquete

aparecem os musicos e começa o lundú. Para as classes baixas os divertimentos prediletos são as festas de igreja, com seu ruído e desenfreada alegria, e as procissões, nas quais as numerosas irmandades, de todas as côres, buscam, á porfia, subressair no precioso de suas capas, bandeiras e insignias.

E diz MARTIUS: "Como em espelho magico, vê o observador admirado passarem deante de seus olhos representantes de todos os tempos, toda a historia da evolução do genero humano, com os seus mais elevados ideais, sua lutas, seus graus de progresso e de decadencia e este espetaculo unico, que mesmo Londres e Paris não podem oferecer, aumenta ainda de interesse, considerando-se o que poderá trazer o quarto seculo, para um país que, em tres seculos apenas, pôde assimilar todas as orientações e graus de educação, pelos quais o genio da humanidade conduziu o Velho Mundo, através de milenios!"

Foi nos arredores do Salvador que DARWIN viu pela primeira vez uma floresta tropical e o encanto desse primeiro encontro nunca se apagaria de sua mente. Foi a Baía o unico ponto de nosso país por ele duas vezes visitado: em 29 de fevereiro de 1832 e 6 de agosto de 1836.

Na primeira data escreve: "Que dia delicioso! Mas

o termo *delicioso* é fraco demais para exprimir os sentimentos de um naturalista que, pela primeira vez erra numa floresta brasileira. A elegância das ervas, a novidade das plantas parasitas, a beleza das flôres, o verde brilhante da folhagem mas, acima de tudo, o vigor e o brilho geral da vegetação, enchem-me de admiração. Mistura estranha de ruído e silencio reina em todas as partes cobertas de floresta. Os insetos fazem um tal ruído que podem ser ouvidos do navio, ancorado a varias centenas de metros da praia e no entanto, ao interior da floresta, parece reinar um silencio universal. Quem ame a historia natural experimenta num dia como esse o prazer, a alegria mais intensa que possa esperar.

Na volta (1836) fala um pouco da paisagem propriamente baiana: “As casas e sobretudo as igrejas são de arquitetura singular e bizarra. São todas caídas, de modo que, iluminadas pelo sol brilhante do dia, destacando-se no azul do ceu, dir-se-iam antes palacios feéricos do que edificios reais.

“Seria inutil ensaiar a pintura do efeito geral. Sabios naturalistas tentaram descrever estas paisagens do trópico citando um sem numero de objetos e indicando alguns traços caracteriscos de cada qual. É um sis-

tema que pôde dar algumas idéas definidas a um viajante que conhece, mas como imaginar o aspecto de uma planta no solo que a viu nascer, quando apenas contemplada numa estufa? Quem, depois de ter visto alguma planta numa estufa pôde imaginar o que ela é quando atinge a dimensão de uma arvore frutifera ou que fórma impenetraveis massiços? Quem poderia, depois de ter visto na coleção de um entomologista magnificas borboletas exóticas, singulares cigarras, associar a esses objetos sem vida a musica incessante que estas últimas produzem, o vôo lento e preguiçoso das princiras?”

“Quantas vezes não desejei encontrar termos capazes de exprimir o que sentia quando passeava á sombra dessas florestas magnificas! A paisagem inteira é uma imensa estufa luxuriante, creada pela propria natureza, mas da qual o homem tomou posse e embeleceu de lindas casas e magnificos jardins”.

“Em meu derradeiro passeio procurei inebriar-me, por assim dizer, com todas essas belezas, tentei fixar em meu espirito uma impressão que, bem sabia, devia apagar se um dia. A gente lembra perfeitamente a forma da laranjeira, do coqueiro, da palmeira, da mangueira, da bananeira, da samambaia arborescente, mas as mil belezas que fazem de todas estas arvores um qua-

dro delicioso devem esbater-se cedo ou tarde. Entretanto, como uma historia ouvida na meninice, deixara uma impressão semelhante á que deixaria um sonho atravessado por figuras indistintas mas admiraveis”.

CAPITULO III

RIO DE JANEIRO: O PORTO E A CIDADE

O Rio é o deslumbramento de todos os que, após longas travessias, lhe transpõera a barra, entrando na baía maravilhosa.

Das narrativas rapidas, simples impressões de turistas, comandantes das fragatas que nos visitaram e das quais estamos fazendo este desprezencioso transunto a mais longa, a mais documentada é a de LUIZ DE FREYCINET comandante da corveta *L'Uranie*. Mas desse relato tão minucioso e que tão bons informes nos dará sobre o Rio de Janeiro de 1817 nem uma palavra sobre a Guanabara encantada, cuja paisagem devia ficar refletida perene nas pupilas mortas de JACQUES ARAGO, sobrepondo-a a Genova, com todos os seus palacios de marmore e jardins suspensos; a Napoles risonha, de aguas transparentes, com o Vesuvio e as vilas frescas; até ao Bósforo encantado, entre minaretes e quiosques, numa paisagem tranquila e luminosa!

Tal frieza só a vemos antes nos relatos de Lord Macartney, que por aqui passara em 1792 e do cirurgião-mór John White (1787).

Os outros, mesmo os que já aqui aportavam de torna-viagens, depois de tantos cenários tropicais, todos cantavam um mesmo hino de louvor a “tão gaba-do panorama enquanto ha de idiomas pelo mundo”, como diz AFONSO DE TAUNAY.

DE LA TOUANE oficial da Missão em que o BARÃO DE BOUGAINVILLE, nos anos de 1823 a 26 repetia com as fragatas *La Thétis* e *L'Esperance* a façanha que seu ilustre pai realizara 60 anos antes na *Boudeuse*, diz, ao chegar aqui “O Brasil e particularmente *Rio de Janeiro*, sua capital, foram visitados de vinte anos a esta parte por um tão grande numero de Europeus, viajantes ou industriais, e entre outros por Franceses, que as noções que se poderiam dar sobre este belo país se tornaram familiares ás pessoas que buscam tais conhecimentos. Entretanto, quem quer que tenha visto *Rio de Janeiro*, sua baía imensa e a região que a cerca, não poderá recusar-se, quando se apresenta a occasião, de dar no menos algum testemunho de sua admiração para as grandes e belas coisas que se oferecem a nossas vistas: Quando se chega por mar, toda essa parte da costa se apresenta de maneira imponente. Os pi-

cos e os cumes aglomerados sob a brilhante verdura que os cobre; o Gigante Deitado, que ocupa um vasto espaço e cujas arestas, desenhando-se na parte meridional como o perfil invertido de uma cabeça humana, servem de ponto de reconhecimento para aterrar; os grandes cimos de oeste e do fundo da baía, as montanhas dos Orgãos, cujas tintas azues e vaporosas se perfilam igualmente de maneira bizarra e lá, muito adiante, o Pão de Açúcar, rochedo nú e quasi isolado que se eleva acima da água como sentinela avançada, formam sem duvida um quadro já digno de fixar a atenção. Logo se passa sob as baterias de Santa Cruz. Chega-se; lança-se ferro e depois das fadigas de uma longa travessia gosta-se de encontrar momentos mais aprazíveis nas águas tranquilas de uma das mais belas baías do mundo. O olhar, fatigado durante tantos dias pela monotonia de um horizonte que não mudava de aspecto, repousa com prazer sobre o que percebe, busca ávidamente os detalhes, alegra-se, nutre-se deles e deles só a custo se desvia.”

Cinco anos antes, entrando em nosso porto num luminoso sabado de dezembro (1821) exclama MARIA GRAHAM: “Nada do que vi é comparavel em beleza a esta baía. Napoles, Firth of Forth, o porto de Bombaim e Tricomali, cada um dos quais eu julgara per-

feito em sua beleza, tudo rende preito a esta baía que a cada qual excede de modo diverso. Soberbas montanhas, rochedos de colunas superpostas, herva luxuriante, claras ilhas floridas, praias verdes, o todo misturado ao casario branco; cada outeiro coroado de sua igreja ou fortaleza, navios ancorados ou em movimento, e inumeros botes velejando, num clima tão delicioso, combinam-se para tornar o Rio de Janeiro a cena mais encantadora que a imaginação possa conceber”.

E A. DE LA SALLE, contando a viagem de *la Bonite* (1836), a penultima das do periodo que nos propomos a analisar, é ainda mais entusiasta. Diz ele:

“Todos os viajantes sentem prazer em celebrar a beleza da baía do Rio de Janeiro. Lendo-lhes os escritos, sentimo-nos tentados a ver um pouco desse exagero que é o apanagio proverbial dos narradores que vêm de longe. E no entretanto quem pôde gozar este magnífico espetáculo, acha-o muito acima de tudo o que os livros lhe ensinaram.

Qual a narração que não pareceria palida e gelada ao visitante que chega á noite a esta baía de dez leguas de extensão, quando, no fundo de um ceu puro, levemente colorido de alaranjado e roseo pelos raios do sol poente, vê desenharem-se nas vagas luminosas as gra-

ciosas ondulações das montanhas elevadas que lhe formam o contorno?

“Que pincel teria podido pintar-lhe a riqueza avulzada das imensas florestas estendidas sobre essa terra fértil, como um manto, caindo em largas dobras dos mais altos cimos até a praia? e num dos panos desse manto soberbo, que enaltecem, como outras tantas pérolas, uma infinidade de encantadoras *vilas*, a cidade favorita de S. Sebastião, semelhante a uma jovem banhista, branca e faccira, mirando seus encantos no cristal limpido da baía? e as misteriosas profundezas dessas selvas de caules gigantescos? e as mil voltas das lianas floridas, suspensas em guirlandes nos ramos das palmeiras? e as ilhas sem conta de que a baía está salpicada: frescos retiros que mão amiga parece ter propositalmente embelecido, para atrair os passeantes, cujos barcos ligeiros sulcam esse lago imenso?”

A entrada do porto é descrita quasi com as mesmas palavras por todos os navegantes, e abaixo transcrevemos a narração sucinta do capitão da fragata ABEL DU PETIT THOUARS na *Viagem ao redor do mundo na fragata la Vénus*, evitando as repetições em que por vezes o mesmo parece comprazer-se.

“A bondade, a extensão e a segurança da baía e do porto do Rio de Janeiro, a facilidade aí encontrada

para a provisão em tudo, e os recursos aí existentes para reparos de qualquer especie, fazem dele um ponto de escala importantissimo para as esquadras e para o commercio. Nenhum porto apresenta situação melhor nem mais conveniente para um entreposto geral das produções do mundo.

“A entrada da barra do Rio de Janeiro é defendida pela fortaleza de Santa Cruz; é o forte mais consideravel, situado na ponta direita, ao entrar; pela fortaleza de Lage, construida num rochedo á flôr d'agua, que se encontra no meio da passagem, e que se deve deixar á esquerda, entrando; enfim, por uma terceira bateria, edificada ao pé do Pão de Açucar (*).

“Fazendo rota com a *Venus*, para entrar na baía do Rio de Janeiro, deixamos a bombordo a ilha Rasa e a Redonda, a estibordo as ilhas Pai e Mãe (**); to-

(*) — De *BOUGAINVILLE* cita um numero muito maior de fortificações: *Santa-Cruz*, posta na rocha viva, inatacavel por mar; *S. João* e *S. Theodosio* a margem oposta, a primeira com a bateria dos Doze Apóstolos; a de *Lage*; a ponta fortificada da *Praia Vermelha*; a de *Villegaignon*, em Bôa Viagem o forte abandonado da *Crustate*, mais ao norte a *bateria de S. Domingos* e, o que o Barão considera como a mais consideravel, a fortaleza da *Ilha das Cobras*, obra de um dos melhores engenheiros de Portugal.

(**) — O autor escreve *Do-Pay* y *Du-May*.

das estas rochas elevadas são muito ingremes e apenas cobertas de um pouco de terra vegetal; são, porém, coroadas por arvores das formas as mais elegantes, curiosissimas pelas infinitas variedades e diferentes tons de sua verde e brilhante roupagem. É um luxo de vegetação que espanta e que ninguém pôde deixar de admirar.

“Prosseguindo nos a rota costeamos, á direita, a fortaleza de Santa-Cruz; tínhamos então, á esquerda, o Pão de Açucar, rocha núa, a pique e muito elevada, que levemente se inclina para o mar. Os barcos, para entrar, passam ao pé desse rochedo que os reduz quasi a um nada por sua massa imponente. E no entanto essa imensa rocha é absorvida pelo Corcovado (*), montanha muito elevada que serve para o reconhecimento do porto, e domina toda a costa que separa a baía do Rio de Janeiro do Oceano.

“Quando passámos o forte de Santa-Cruz e o Pão de Açucar, encontrámo-nos na baía. Então vimos de cada lado uma pequena angra semicircular, bordada, ao longo do mar, de uma praia de linda areia bran-

(*) — Esta montanha serve para reconhecimento da baía do Rio de Janeiro. Figura um homem dei de costas; os pés estão do lado da barra; mas é preciso, creio, tê-la já visto para bem reconhecê-la. — (Nota de DU PETIT THOUVENOT).

ca e, do lado de terra, de uma fila de belas casas de campo, do mais risonho aspecto; acreditar-se-ia, vendoras, que aí devem encontrar-se a felicidade e o repouso.

“À esquerda está a enseada de Botafogo, residencia de verão das autoridades e dos embaixadores; á direita a de Jurujuba, mais modestamente habitada.

“Lançando-se o olhar mais para o interior, de cada lado, avançando sempre, descobrem-se bonitas casas brancas nas praias, conventos ou capelas nos pontos elevados e fortes nos rochedos: Tudo isto documente situado no seio de uma natureza encantada, desconhecida em nossas paragens, e cujo efeito não seria possível descrever.

“À esquerda, além da capela da Gloria e acima das fortificações de Vilegagnon, percebem-se conventos, campanários de igreja e uma multidão de casas. Todo esse conjunto de arrebatador aspecto é a cidade do Rio de Janeiro! Na margem oposta da baía está situada a aldeia de S. Domingos. Ao lado, seguindo a praia, encontra-se a de Praia-Grande; é uma rica aldeia de casas mais elegantes, cercadas de porticos com colunas. No fundo, ao norte, vê-se a baía que não acaba mais; é salpicada de ilhas que aparecem de todos os lados e incessantemente coberta por um sem numero de barcos e pirogas, de formas graciosas e leves, que vão e vêm

em todos os sentidos, cruzando-se com dois barcos a vapor sempre em movimento, o que dá á barra o mais animado aspecto. A N. O., além da ilha das Cobras, descobrem-se os mastros de milhares de navios que, sob os pavilhões de todas as nações, trazem ao Rio de Janeiro os ricos produtos da industria.

“Tal o panorama do primeiro plano, de que fomos cercados; no segundo e terceiro planos descobrem-se as montanhas que, amontoadas sem ordem, oferecem as formas mais bizarras e mais pitorescas.

“Ao norte, ao longe, á distancia de 15 a 20 leguas, mostravam-se tambem os Orgãos, montanha de cumes afilados, que fazem parte da Cordilheira; seu aspecto chumbado só se faz ver por tempo claro; elas estão, ás vezes, cobertas de neve.

“Todos os contrastes parecem ter combinado encontro na baía do Rio de Janeiro; essa neve longinqua recorda os granizos das regiões polares; o calor do sol impede esquecer a latitude sob a qual se está. Em torno, a dois passos, o estado aperfeiçoado das culturas mostra-se em opposição com a vegetação selvagem das montanhas. Acrescente-se que a planície é fertil, quando os cimos nús dos montes oferecem a imagem da esterilidade e do deserto.

“A simples piroga, primeiro elemento do genio

do homem no estado de natureza, ao mesmo tempo que os navios e barcos a vapor testemunham todo poder de concepção que lhe foi dado. O negro nú, apenas com um exiguo *maro* (*), é o tipo fiel do selvagem, do homem em estado primitivo, tão vizinho do bruto, do qual quasi não difere. Ao lado deste primitivo encontra-se o europeu de pele branca, instruído, polido, de manieras elegantes, vestido com todos os requintes de luxo.”

A cidade, vista de longe, parece um encanto mas o desembarque é um desapontamento, e no primeiro reinado e mesmo até o fim da regencia o Rio é quasi o mesmo do tempo dos vice-reis, quando, segundo LUIZ EDMUNDO, “no quadro maravilhoso da natureza a cidade é um contraste. E’ uma mancha brutal na paisagem radiosa. A casa é feia. A rua é suja. O conjunto exaspera.”

Se em 1695, TROGER tinha boa impressão dessa “grande cidade bem construída e de excelente aspecto, estendendo-se pela praia desde o magnifico Mosteiro de S. Bento até ao não menos monumental Collegio dos Jesuitas”, já LUCOK “acha-a a mais suja associação humana vivendo sob a curva dos ceus”.

Se ha aí casas bem construídas e alguns edificios

(*) — Especie de cinta que os selvagens usam como vestimenta.

se fariam distinguir na Europa pela solidez ou pela elegancia, são exceções.

“A cidade é grande”, diz DE LA TOUANE, “tem talvez 10.000 habitantes, mas na maior parte de população negra; as ruas são na maioria estreitas, escuras e sujas; as casas baixas e de exterior desagradavel.” E’ esse official um eco do sentir de seu comandante, o barão DE BOUGAINVILLE, filho do celebre navegador do seculo XVII e que diz a respeito de nossa capital em 1824: “Esta (a cidade) só é boa para ver de longe, pois logo desaparece, desembarcando, a impressão agradavel que seu exterior fizera nascer: o principal desembarcadouro, perto da residencia real, de um dos mais belos quarteirões, por conseguinte, está accumulado de imundicies que espalham odor infecto, e daí se póde formar uma idéa da falta de asseio que reina na cidade. As ruas são estreitas, mal calçadas, quasi sem iluminação á noite; as casas, muito feias por fora, profundas e só recebendo a luz do dia por um patio, interno, semelhante a uma cisterna, pareceram-me de mortal tristeza e suas janelas de grades suspensas em charneiras e meio levantadas, augmentam ainda o incomodo das ruas onde só se encontram negros. De dia o calor é insuportavel; á tarde é uma horrivel fedentina, e não fossem as tempestades que vêm depurar o ar e carregar as imun-

dicies que seus indolentes habitantes deixam acumular-se nas portas, a cidade não seria habitavel. Basta uma chuvarada de duas horas para que se torne quasi impossivel circular a pé pelas ruas onde as numerosas goteiras que se prolongam e se cruzam sobre a cabeça dos passantes, apenas lhes deixam a escolha das duchas.”

Não era muito amavel o barão!

Ha um só palacio, muito mesquinho, e nenhum outro edificio publico, se não igrejas, numerosas, cobertas de riquezas e dourados no interior, e a capela imperial, “de muito mau gosto”, gigna de nota.

As construções, por longo tempo, ainda se conservam como as descreve FREYCINET. “Ordinariamente as casas da capital são de um só andar; ha poucas de dois e um numero menor de tres. Em geral todas as casas são feitas sobre este principio, de terem sempre um grande salão sobre a rua, e o resto do apartamento distribuido em alcovas e corredores. Deve se attribuir tal vicio de construção a duas causas: a primeira são os costumes e habitos dos cidadãos que, passando a maior parte da vida a dormir, a passear, a olhar pela janela e, ás vezes, a receber seus amigos, só precisam do salão e da alcova; a segunda provém da carestia dos terrenos no interior da cidade: a elevação de seu valor leva os compradores a construirem muitos alojamentos no me-

ner espaço possível, dando-lhes, por conseguinte, apenas o tamanho estritamente necessario para que, bem ou mal, a luz possa chegar de diante para traz do edificio. Para fazer um habitação bonita e comoda, seria necessario empregar o terreno de quatro casas ordinarias do Rio de Janeiro."

"Quasi todas as casas são construidas de pedra; as cobertas são de cimento e grando, das vizinhanças da cidade, fornecem abundantemente materiais. A argamassa é feita de cal de mariscos, areia do mar e barro, em proporções que variam e dependem das vistas mais ou menos economicas do proprietario. Este dirige seus operarios á vontade, donde as irregularidades sem conta dos edificios. A escada é de ordinario a parte mais defeituosa da casa, ás vezes verdadeiros quebra costas, em falta de bons architectos dá diariamente lugar a uma série de accidentes funestos aos operarios, aos locatarios e mesmo aos transeuntes.

"Os soffitos repousam quasi sempre sobre vigas de desmesurada grossura e muito aproximadas, o que os proprietarios fazem por ostentação, para mostrar que nada poupam. Os tetos são de madeira e a cobertura das telhas de 2 pés de comprimento, 7 a 8 polegadas de largura e 6 linhas de espessura, presas com argamassa, o que as sobrecarrega de enorme peso.

Quando chove é raro que a água não penetre de todos os lados, porque as telhas são mal unidas, quebradas aqui e ali por incuria dos pedreiros e os condutores destinados a receber as águas do telhado não têm inclinação suficiente ou são construídos de material ordinário. As portas são trabalhadas grosseiramente, mal ajustadas; as fechaduras más, sem ferrolho ou aldraba.”

Esse contraste entre a cidade vista de bordo e a que é verdadeiramente, em terra, impressiona a todos os viajantes. Ouçamos ainda o comandante de *la Venus*:

“O aspecto do Rio de Janeiro, tomado da barra, é o de uma bela capital: a um tempo grandiosa e pitoresca. A realidade, entretanto, está muito aquém dessa aparência devida, sobretudo, á elevação de parte do solo onde está construída a cidade, exposta como um vasto anfiteatro. O sem numero de campanarios de igrejas e conventos que se vêem dominar as casas mais altas, contribue ainda para esse ar de grandeza e de magnificencia.

“Rio de Janeiro nada possui do que fere ou chama a atenção dos viajantes; nem palacios, nem monumentos suntuosos; as igrejas e os conventos são os edificios publicos mais notaveis. A cidade, com excessão de um unico quarteirão, é irregularmente construída; nenhum plano parece ter sido seguido; as ruas

em geral são direitas, muitas, porém, sem passeios e mal calçadas; em sua maioria as casas são pequenas e sem andares. Nos belos quarteirões e nos do comércio são de um só pavimento, ás vezes de dois, raramente de mais. O Brasil que se lembra dos Portugueses, seus primeiros colonos, conservou em parte o tipo de sua arquitetura; o Arabe faz-se sentir a cada passo. Adivinha-se facilmente que as artes e praticas importadas da Africa para Portugal, novamente atravessaram o mar."

"Até 1824 todas as portas e janelas das casas, ao rezdo-chão, eram fechadas por grades de madeira, de pequenos quadrados ou losangos muito estreitos. Essa disposição, tomada para impedir vôr de fóra o que se passa no interior da casa, dá ás ruas aspecto triste e monótono: parece que a gente circula nas galerias de uma vasta prisão. As portas são gradeadas sómente na parte superior, que se levanta como telhado, o que permite aos moradores verem dos dois lados da rua.

"É assim que para fumar e para *flanar* (deixem-me passar esta palavra bem parisiense), os Brasileiros desocupados põem o nariz na jancla. Passam nesse doce *far niente* horas inteiras, porque só raramente saem de dia, a não ser para afazeres indispensaveis."

Já então chamava a atençãõ como principal ar-

teria, a rua do Ouvidor. Pareciam pouco interessantes aos forasteiros nossas ruas em linha reta (*tirées au cordeau*) muito mal calçadas e sem inclinação suficiente para o escoamento das águas, de modo que, á menor chuva, se enchia de pequenos pantanos que só se alicecava. MARIA GRAHAM comparava uma ou duas das mais importantes ao *Corso* de Roma, principalmente nos dias de festa, quando janelas e balcões são adornados de damasco verde, amarelo, carmezim. DE LA SALLE, que primeiro a viu á noite, comenta que nesta cidade de construção moderna, sem nada de pitoresco, nenhum monumento prende os olhares do estrangeiro. Na noite de sua chegada “a catedral, com suas duas torres, resplandecentes de luz, tinha um aspecto particular que podia fazer perdoar a regularidade monótona de suas formas sem carater”.

A rua do Ouvidor, a unica digna de uma capital, cognominada a rua Vivienne do Rio de Janeiro e a mais bela da capital do Brasil é habitada quasi exclusivamente por negociantes europeus, em sua maioria franceses.

“A cidade propriamente dita”, diz FREYCINET, “pode ter uma milha quadrada de superficie, mas se quisesse nela compreender os arrabaldes de *Lapa* e do *Catete*, que se estendem para o Sul, assim como o

de *Vila-Nova* (sic) a leste, seu desenvolvimento seria muito mais consideravel. Este ultimo arrabalde (a Cidade Nova) começa no Campo de Santana e se prolonga, através do vasto pantano de São Diogo até a ponta da floresta que comunica com a aldeia de Mata-Porcos.”

E ainda em fins de 1821 MARIA GRAHAM alugou uma casa confortavel num dos suburbios do Rio, chamado Catete, do nome de um pequeno rio que corre por ele para o mar.

O Campo de Santana, especie de Campo de Marte, occupa o lado occidental da cidade. Em 1820 um jardim agradavel occupava ainda parte de'c.

As outras praças mais notaveis e mais regulares são a do Paço, da qual forma a residencia real uma das faces e terminando no mar por belo cais de granito; a do Rocio, com o Pelourinho, a sala de espectaculos de S. João e o pequeno teatro; as do Capim, de S. Francisco de Paula, de S. Domingos, da Carioca, da Ajuda e da Lapa. A beira mar as praias de D. Manoel, com o mercado, e a dos Mineiros, para o desembarque das mercadorias vindas da provincia de Minas Gerais.

Divide-se a cidade em sete paróquias:

Capela Real, Sé Velha, Nossa Senhora da Cande-

laria, Santa Rita, N. S. do Rosario e Santana, existindo, além das igrejas paroquiais, mais as de S. Francisco de Paula, Bom Jesus, S. Pedro, N. S. da Boa Morte, S. Francisco de Assis, da Cruz dos militares, S. Luzia e N. S. da Gloria (no outerio). Ha varios conventos, dos quais tres (S. Bento, Santo Antonio e Santa Tereza) em colinas.

O palacio do soberano é apenas a antiga residencia dos Vice-reis, á qual se agregaram, por passagens ou galerias suspensas, as construções do Convento do Carmo e do Senado da camara.

Da Casa da Misericordia, o edificio mais antigo do Rio de Janeiro, diz GAIMARD.

“As salas deste hospital são de horrivel imundicie. Parece que nele se quis impedir o acesso ao ar e á claridade do dia; vêem-se apenas, de longe em longe, e no alto dos muros, algumas janelas tão estreitas que parecem trapeiras. Os leitos dos doentes são encerrados em pequenas camaras de madeira, que occupam as partes laterais de cada sala, e sem nenhuma communicação com as vizinhas.

“Nesses redutos infectos só se respiram miasmas deletorios, capazes de asfixiar os infortunados que julgam encontrar nesse lugar a saúde e os cuidados que

seu estado exige. Não se conhecem os verdadeiros meios desinfetantes da quimica moderna. Apenas empregam algumas fumigações aromaticas e, isso mesmo, no momento em que medicos e cirurgiões passam a visita, porque é para eles e não para os doentes que mascaram os maus cheiros sem os destruir."

Como estabelecimentos notaveis por sua importancia ou por seus fins cita FREYCINET o bispado, a cadeia, a alfandega, o banco, a bolsa, o arsenal de guerra, chamado *Calhabouço* (sic), porque aí estão os calabouços destinados á punição dos negros, as construções do arsenal de marinha, a casa de detenção, perto de S. Diogo, a casa da moeda e o tesouro, as catacumbas de S. Francisco de Paula, o gabinete de historia natural, a escola de belas artes, a escola militar, a biblioteca e a imprensa regia e o palacio de justiça.

Ha dez fontes na cidade que mal chegam para suas necessidades: a do *Terreiro do Paço*, a das *Marrecas*, na rua dos Barbonos, do *Largo do Moura*, no cais; da *Carioca*, da *Gloria*, do *Passeio Publico*, de *Mata-Cavalos*, do *Campo de Santana* e da *Lagoa da Sentinela*. Exceto as duas ultimas e a que se alimenta de um poço, perto da de *Mata-Cavalos*, todas as outras são supridas por um aqueduto, que começa na montanha do Corcoado e, diz Freycinet, "digno dos Ro-

manos por sua solidez e importancia .” Ainda em 1836 escreve DU PETIT THOUARS.

“O jardim publico, situado a beira-mar é o unico passeio da capital. Este jardim é pequeno, muito cuidado e, a não ser aos domingos, está ordinariamente deserto. Seria muito agradavel se a praia, sob o terraço do jardim, não fosse, como todo cais, um lugar de deposito para as imundicies.

“O Museu, situado na praça mais bela do Rio de Janeiro, chamada Campo de Santana, só tem de notavel a ordem e o asseio que aí reinam; é rico em ornitologia e em mineralogia; é pobre em todos os generos; é pouco visitado e parece ser no Rio de Janeiro apenas um objeto de luxo pouco util.”

Mas o barão DE BOUGAINVILLE, aliás tão pouco amavel para nossa capital, assim se externa a respeito deste, ainda hoje, mais importante instituto scientifico do Brasil: Rio de Janeiro possui um museu, que varias vezes visitei com DU CAMPER e o capitão BAZOCHIE da *Marie-Therese*. Não foi sem relutancia que o director Sylveyra (*) acedeu a nosso desejo de examiná-lo com minucias, o local sendo provisório (**), e o sem numero de objectos, aí reunidos a sete anos, exi-

(*) — João da Silveira Caldeira, seu segundo director.

(**) — Um provisório que durou 70 anos.

gindo ainda mais de um dia para serem convenientemente classificados; mas tal como é (ou antes tal como era então (*)), esse museu bem merece ser visto, e o arranjo que reinava na sala de mineralogia, a unica terminada, testemunhava que não era nem á falta de gosto, nem á falta de instrução que se devia attribuir a desordem que se via nos outros compartimentos.

“Esta é de prodigiosa riqueza em pedras preciosas e cada amostra é classificada e numerada de modo a que seja impossivel engano sobre sua natureza. O sr. Silveira nos fez notar varios pedaços de lavas e gangas que parecem contestar a opinião geralmente adotada de que a constituição geologica do Brasil nada oferece de formação vulcanica. Seria longo nomear os objetos que mais particularmente chamaram minha atenção na revista do museu, e mencionarei sómente, como nada tendo visto de semelhante, uma lesma terrestre de cinco ou seis polegadas de tamanho e de côr alaranjado-clara, e cujo ovo, branco e manchado, é do volume do da pega (**); depois o cisne do Chile, provavelmente tambem das Malvinas, que branco como os da Europa, tem o pescoço e cabeça negros de ébano; en-

(*) — Bougainville visitou o Rio em 1824 e publicou seu diário 13 anos mais tarde.

(**) — Essa lesma era, provavelmente, uma planaria terrestre e o ovo, o *cocoon* desses animais.

fim uma coleção de madeiras do país, de espécies muito variadas e dispostas de modo muito engenhoso: serradas em pequenas pranchas do tamanho e dimensões de um in-8.º e in-12.º, e colocadas nas prateleiras, lado a lado; a casca, que foi conservada e na qual está inscrito o nome da madeira, imita tão perfeitamente a encadernação da lombada de um livro que é difícil a gente não se enganar á primeira vista.

“Além dos objetos de historia natural, cada sala continha quadros, na imensa maioria indignos da exposição e entre os quais não ha um só digno de nota. Os retratos de João VI, do Imperador e da Imperatriz do Brasil figuram entre elles e não valent mais que o resto.

“A peça mais rara neste genero, e que só nos mostraram em ultimo lugar, porque não estava exposta, é um retrato de Napoleão, presente de S. M. I. da Austria: esse quadro, de grande dimensão, executado em tapeçaria e representando o Imperador fardado, recomenda-se pelo brilho das côres e acabado da execução; mas a cabeça não está parecida”.

“A Academia de Belas-Artes é um estabelecimento ainda na infancia; possui só um numero muito pequeno de quadros e menor ainda de estatuas. A administração está confiada a Felix de Taunay, homem de real mérito, filho de um pintor francês justamente pranteado.

A direção que imprimiu ao ensino parece bôa e promete felizes resultados. Tive occasião de notar os trabalhos de um jovem mameluco, que já annunciavam como um artista distinto.

“O culto catholico é geral e o unico favorecido; ha, entretanto, um templo protestante para uso dos estrangeiros. As igrejas são os unicos edificios publicos que, por sua arquitetura, numero e riqueza, merecem fixar a atenção.

“Ha, em varias dessas igrejas, santos em tamanho natural, fundidos em prata e ornados de pedras preciosas. Não se vêem marmores, mas são decoradas de madeiras admiravelmente esculpidas.

“A igreja de S. Francisco de Paula, situada na praça do mesmo nome, no fim da rua do Ouvidor, é uma das mais belas da capital; passa tambem por ser a mais rica.

“Tres estradas principais partem da cidade, mas só praticaveis pelas carruagens até pequeno numero de milhas de distancia e, mesmo aí, muito mal conservadas. As duas mais importantes, começando no Campo de Santana, servem ás comunicações com as provincias de Minas Gerais e S. Paulo: a que passa ao sul do pantanal de S. Diogo é a *estrada velha*; a outra, *estrada da Cidade-Nova* ou *Caminho de S. Cristovão*. Reunem-se

ambas na aldeia de Mata-Porcos. A terceira atravessa Catete e Botafogo, indo ao jardim botânico e á fabrica de polvora, perto da lagoa Rodrigo de Freitas”.

Quando, em 1846 por aqui passou IDA PFEIFFER em sua viagem de circunnavegação, a cidade continuava a mesma: ruas sujas, casas pequenas e insignificantes, de um só pavimento, sem flôres, com as janellas fechadas por folhas de madeira, de modo a não deixar entrar o minimo raio de sol, conservando os compartimentos na mais completa obscuridade. “Isto, aliás”, diz ella, “é coisa das mais indifferentes para as mulheres brasileiras, que certamente nunca se cansam a ler ou a trabalhar”.

Apresenta-se então a cidade “toleravelmente bem iluminada, e a iluminação estende-se, de todos os lados, muito além da cidade; tal medida foi introduzida graças ao grande numero de negros. Nenhum escravo podia ser visto fóra de casa depois das nove da noite sem declaração expressa de seu senhor de estar em serviço. Em caso contrario tinha a cabeça raspada, era recolhido á casa da detenção e o senhor tinha que pagar por sua liberdade de 4 a 5 mil réis”.

Nas montras das lojas da rua Direita e do Ouvidor, principalmente desta, vêem-se as modas novas de Paris, os objectos de luxo para a mesa e para casa, mercadorias preciosas de toda qualidade.

Mas isto só no tempo do reinado e do primeiro imperador, porque com a ida de D. Pedro I para Portugal, a darmos credito a LAPLACE, comandante da Favorite, que por aqui passou em 1832, "a rua do Ouvidor se ressentia, como o resto do Rio, da miseria em que caem cada vez mais todas as classes da população brasileira". E em 1846 IDA PFEIFFER ainda aí nada encontrava de belo ou rico, embevecendo-se apenas deante das flôres artificiais, feitas de penas, escamas de peixes e élitros de bezouros.

Eram as brasileiras exímias na confecção de tais flôres, pois já em 1821 MARIA GRAHAM se refere ás freiras da Soledade, na Baía, famosas pela manufatura de flôres artificiais, feitas de penas, tendo admirado sobretudo os brancos nenúfares, as flôres de romeira, os cravos e rosas, "imitados com a maior exatidão".

CAPITULO IV

RIO DE JANEIRO: A CASA, O MOBILIARIO, OS HABITANTES

A casa, a velha casa colonial, sem numeração, sem luz, sem ar, sem simetria, pedindo esmolas ao bom gosto, na frase feliz de LUIZ EDMUNDO, continua quasi sem alteração, com suas exíguas alcovas, apesar da demolição coletiva ordenada no famoso edital de Paulo Fernandes Vianna.

O exterior era lóbrego como um presídio ou antes como um túmulo. Descreve-o MANOEL DE MACEDO, para as mais pomposas, as que ostentavam dois andares: "Tinham os sobrados engradamentos de madeira de maior ou menor altura, e com gelosias abrindo para a rua; nos mais severos, porém, ou de mais pureza de costumes, as grades de madeira eram completas, estendendo-se além das frentes pelos dois extremos laterais e pela parte superior onde atingiam a altura dos pro-

prios sobrados, que assim tomavam feição de cadeias. Nessas grandes rótulas, ou engradamentos, também se observavam gelosias e, rente com o assoalho, pequenos postigos, pelos quais as senhoras e as escravas, debruçando-se, podiam ver, sem que fossem facilmente vistas, o que se passava nas ruas. As rótulas e as gelosias não eram cadeias confessas, positivas, mas eram, pelo aspecto e pelo seu destino — grandes gaiolas”.

Essas casas, como pondera VAILLANT, comandante de *la Bonite*, “não procuraram apropriá-las ás exigencias particulares de um clima diferente do da Europa, nada tendo sido previsto para a protecção contra o calor excessivo. Aqui não se vêem, como na maioria dos países quentes, essas construções leves onde tudo é disposto para melhorar a ventilação. Muito longe disso, aqui tudo é europeu: casas, mobiliario, modo de vestir (*)”.

E' o mesmo reparo de IDA PFEIFFER, sobre essas casas construídas á moda européa mas pequenas e insignificantes, sem os terraços e varandas, com elegantes gradeados e flôres, como se vêem em outras regiões tropicais. Sacadas pequenas e disformes destacam-se das paredes, enquanto gelosias de madeira fecham completamente as janelas.

(*) — E um seculo mais tarde cabe ainda o mesmo reparo

Começam apenas a fazer exceção algumas casas de campo em Botafogo (até fins do período colonial apenas habitado por pescadores e ciganos) e de Laranjeiras, referindo-se MARIA GRAHAM particularmente á casa em que morava o conde de Hogendorp, general de Napoleão, com uma espaçosa varanda.

Quando aqui esteve RUGENDAS a situação continuava a mesma. Nas ruas da cidade, estreitas, cortando-se em angulos retos, as casas muito esguias se elevavam, com suas janelas altas, num contraste desagradavel entre a altura e a largura muito exigua das casas, sem nada do que caracterizava a construção em outras regiões tropicais. Começava-se a construir melhor na Cidade Nova, "no arrabalde de Santana", mas em Mataporcos e Catumbi as ruas eram sinuosas e as casas verdadeiras cabanas, espalhadas ao acaso, sem nenhum alinhamento, ou aglomeradas, espremidas umas nas outras, entre a colina e o mar.

Como para a arquitetura, o mobiliario e decoração das casas procuravam copiar servilmente a moda européa: moveis, cortinas, cornijas, pinturas de mau gosto, alguns dourados parcimoniosos. Não se vêem molduras nem tapeçarias, começando a aparecer algumas casas forradas a papel, papel barato importado de França. Vejamos o que refere FREYCINET: "Embora te

nham aqui muitos de nossos moveis, são estes em sua maioria ainda desconhecidos. Quasi toda a gente se serve de uma especie de canapé, chamado *marquesa*: os pobres cobrem-na de madeira ou de couro, os mais abastados de marroquim ou rotim; serve de assento de dia e de leito á noite. Ha poucas poltronas e tapetes, mas muitas camas de campanha, esteiras, onde se sentam as mulheres das classes inferiores e tamburetes muito altos, chamados *mochos*.

“Algumas pessoas dormem em camas, como nós; outros só possuem uma esteira e um traveseiro, posto sobre a marquesa, sem colchões nem lençoes. Servem-se pouco de armarios, havendo, para guardar a roupa, comodas, cofres, malas e alguns cestos que chamam *gougas* (sic).

“Quasi todos os moveis que fazem os marceneiros do país consistem de cadeiras, mesas, camas e comodas; estas quasi sempre marchetadas e de pessimo gosto. A madeira mais em uso é o jacarandá cabiuna para as camas, comodas, cadeiras; o olio para cadeiras e marqueses, e o vinhatico para as mesas de jantar. “Não ha ne humma diferença essencial entre o leito das criancinhas e o das pessoas adultas, a não ser dimensão.

“O gosto de espelhos, desde que são importados

de França, parece introduzir-se nas classes abastadas, passando-se o mesmo com os moveis elegantes, tais como consolos, pianos, mesas de jogo, etc.; observam-se mesmo, nas casas opulentas, lustres e candelabros. Em geral todas as classes de habitantes têm o gosto do luxo, gosto que cada vez mais alimentam, á vista dos objetos fabricados em França, que muito lhes agradam.

“A gente do povo prepara os alimentos em vasos de barro, geralmente não envernizados, sendo a forma mais ordinaria que lhes dão a de uma esfera um pouco achatada, aberta nos tres quartos de sua altura, com dois simulacros de asas e fundo arredondado, o que faz com que a panela entorne com extrema facilidade; outras igualmente de barro, vindas da Baía, têm cabo. Empregam-se alguns utensilios de metal mas poucos de cobre. Os ingleses mandam muitos objetos de uso domestico em ferro fundido e batido, como marmitas, chaleiras, cassarolas e frigideiras.

“Servem-se as virtualhas em pratos de faiança, que os ingleses exportam em imensas quantidades; os ricos possuem tambem porcelana chinesa. Bebidas e frutas servem-se como na Europa; copos, garrafas, etc. vêm principalmente da Inglaterra. Os outros utensilios de mesa não diferem dos nossos, mas muitos Brasileiros acham mais comodo comer com os dedos”.

E não podia deixar de ser assim, porque sendo as salas de jantar simples e acanhados corredores, comia a maior parte da população, como ainda nos tempos coloniais, segundo LUIZ EDMUNDO, "pelos terreiros, pelas cozinhas e por outros apartamentos da casa, ambulatoriamente, sem a preocupação de fixar-se num ponto certo".

Os talheres só saíam das arcas por ocasião das grandes festas em família, quando toda a alfaia de ouro e prata se derramava sobre a toalha amplíssima. Sua falta nos dias comuns é atribuída por AFONSO DE TAUNAY á não existencia de industria portugueza e sua escravização á inglesa, que chegava até nós por altíssimo preço.

No tempo de D. João VI, conta OLIVEIRA LIMA, "a sala de visitas, com o teto e as paredes decoradas de filetes claros, tinha por unica mobilia um oratorio com santos do Porto, um sofá de palhinha e algumas cadeiras. A familia concentrava-se toda na sala de traz, onde tinham lugar as refeições, sobre uma mesa ou no chão, comendo-se com facas ou com a mão".

A iluminação, nas casas pobres, era feita com lamparinas ordinarias, de ferro batido ou metal, nas quais ardia óleo de baleia, usando-se nas casas mais abastadas serpentinas de velas de cera.

Serviam-se os repastos em varias cobertas, cada coberta constante de numerosos pratos, postos á mesa de uma só vez, em sopeiras, travessas e terrinas. E era preciso provar de tudo, de tudo comer, o que, não raro, constituía em vez de prazer, real suplicio.

“Um dia”, diz DARWIN, “fazia os cálculos mais sabios para conseguir provar de tudo e pensava sair victorioso da prova quando com profundo terror vi chegar um peru e um porco assados”.

Conta igualmente FREYCINET: “Fui uma vez jantar com o bispo e fiquei a principio muito surprehendido de ver que estavamos colocados em torno de uma mesa enorme, embora o número de convivas fosse pouco consideravel; dobrou meu espanto quando, sem que me oferecessem nenhuma das iguarias, serviram-me copiosa porção de todas elas: achei-me assim cercado de oito a dez pratos cheios, de que não me deixaram escolher este ou aquelle, segundo meu gosto ou vontade”.

Retraído, pouco saindo de casa, não pôde o povo do Rio de Janeiro produzir nenhuma impressão a esses viajantes, que nele se demoram apenas o curto prazo de uma escala, enquanto se caiafetam os barcos, concertam as velas, renovam os víveres. A não ser um que outro desabusado, que, na frase feliz de AFONSO DE TAUNAY, seriam indignos de sentar praça

no batalhão de Epaminondas, e que se vingam das desilusões em invencionices parvas, os outros apenas de passagem se referem a essa população onde quasi só se viam pretos. Assim diz DE LA SALLE, comandante de *la Bonite*: "Mas se por seu aspecto, a cidade do Rio de Janeiro lembra as cidades de Europa, o povo que circula em seus quarteirões mui depressa destróe essa ilusão. Os homens e sobretudo as damas da sociedade brasileira saem pouco de casa. Não as vemos, como suas semelhantes em França, apparecer nas ruas ou nos passeios publicos. As unicas figuras aí encontradas pertencera a todos os tons da raça africana; a custo um rosto branco se mostra de tempos a tempos no meio dessa multidão de homens e mulheres de pele mais ou menos negra, nariz achatado e cabelos encarapinhados.

Por esse tempo segundo DU PETIT THOUARS a população do Rio de Janeiro, de 80 a 100 mil habitantes (*), é formada de grande numero de classes que se distinguem, tanto por sua origem como por seu nome e sua côr; contam-se geralmente onze, a saber:

1.^o. — O Português de Europa: *Português legitimo* ou *Filho do reino*;

(*) — SPEIX E MARTIUS calculam a população do Rio, em 1817, em 110 mil habitantes e CALDELENGI, em 1820, em 135 mil, dos quais 103 mil negros e 4 mil estrangeiros.

- 2.º — O Português nascido no Brasil: *Brasileiro*;
- 3.º — O filho de branco e negra: *Mulato*;
- 4.º — O mestiço, filho de branco e índia: *Mameluco*;
- 5.º — O índio puro, indígena: *Índio*; a mulher: *China*;
- 6.º — O índio civilisado: *Caboclo* ou *Índio manso*;
- 7.º — O índio selvagem: *Gentio-Tapuia* ou *Bugre*;
- 8.º — O negro da África: *Negro de Nação*, o menino — *Moleque*;
- 9.º — O negro, nascido no Brasil: *Creollo*;
- 10.º — O mestiço, raça negra ou mulato: *Bode*; a mulher: *Cabra*;
- 11.º — O mestiço de raça negra ou indiana: *Ariboco* (sic).

“A mistura destas classes, vista nas ruas, é de aspecto extravagante e muito desagradavel, que não é menos repelente para a vista que para o olfato. As primeiras classes da sociedade, durante o grande calor do dia, descansam molemente sua preguiça e esperam assim a tarde para sair e passear. Estes passeios da tarde, antigo uso no Brasil, remontam aos primeiros tempos da colonização. Mantêm-se ainda, embora se opere uma revolução nos usos e costumes que, cada dia, os aproxi-

mam mais dos nossos. Esses passeios são, aliás muito curiosos pela ordem invariavel em que se mantêm.

“Logo que a familia brasileira se decide a partir para o passeio, cada qual faz uma *toilette* de rigor. Ao sinal do chefe da familia abre-se a porta e a ama carregando a criança de peito, toma a frente da columna; ao lado dela vem collocar-se a mulher que conduz a criança que já não mama e que ainda não caminha bem; depois das duas vêm postar-se em duas filas todos os outros filhos, na ordem inversa das idades; vem depois o pai e a mãe e enfim, atrás deles, os avós, se ha, e, por fim, todos os criados, até os moleques, cada qual collocado segundo seu grau na casa.

“Nesses passeios solenes, percorrem as ruas e casas de negocio; outras vezes o fim da saida é a visita de uma ou varias igrejas. Em todas estas occasiões as damas estão muito bem paramentadas; o leque e o lenço bordado ou guarnecido de rendas são de rigor; vão penteadas, em cabelo e levam flôres naturais, postas atrás das orelhas ou nos cabelos, cada qual se preparando á vontade e de acôrdo com a propria beleza. Estas são as elegantes, as leões; as outras mulheres, as que não o são ou não são mais, têm mais ou menos o mesmo trajar. Sempre vestidos de seda, sapatos de setim e, na cabeça, a mantilha posta a chato e que desce de cada lado. Es-

sa mantilha deve ser de renda preta ou de setim da mesma côr. Esse traje não deixa de ter seu encanto e é, ás vezes, muito bem levado, mas só pelas moças muito novas; porque, como consequencia do habito que têm essas damas de não se vestir desde de manhã, e de estar quasi sempre deitadas ou sentadas, á turca, em tapetes ou esteiras, têm o desgosto de ver o corpo deformar-se muito cedo e a gordura chegar com seu passo tardo e pesado. Não têm mais elegancia nem graças e caminham mal”.

Nas ruas as pessoas da classe media ou abastada procuram copiar as modas de Paris ou de Londres, mas em casa a necessidade de preservar-se do calor, leva as senhoras a ficarem “habitualmente num desalinhinho pouco de acôrdo com o exato pudor; não é raro que as mulheres se mostrem em casa de saia e cabeção que, muito largo em cima, cai dos ombros para os braços, quer involuntariamente, quer num gesto exagerado de faceirice” (Freyenet).

Quanto aos homens, escreve OLIVEIRA LIMA, referindo-se á transformação dos habitos desta Sebastião-polis com a chegada de D. João VI: “O mesmo empregado publico que na repartição era visto fardado e empertigado; ou o solicitador encartado que de longa e surrada casaca preta, colete bordado, grandes fivelas de

brilhantes falsos, apertados nos joelhos os calções, e meias de algodão, se agregava aos collegas na esquina das ruas do Ouvidor e da Quitanda, formando diariamente um grupo compacto de gente de lei, que pelo numero dava que pensar do espirito chicanista da população; ou o boticario curandeiro que manipulava suas drogas por traz de um pretencioso balcão pintado de côres vivas — qualquer destes, até o fidalgo da terra, se procurando em casa, o que não era uma occurrencia banal, antes um ato requerendo justificação, seria encontrado inteiramente á vontade, com a barba crescida, o cabelo despenteado, a camisa com as mangas arregaçadas e a fralda muitas vezes solta por cima dos calções, as pernas nús e os tamancos nos pés”.

“No campo”, diz FREYCINET, “libertam-se ainda mais facilmente dos entraves do vestuario: os homens usam apenas camisa, de pano leve e chapéu de abas largas, de palha ou de feltro”. Para montar a cavallo prendem aos pés descalços esporas de prata, e assim percorrem “ousadamente grandes distancias”. “Todos usam á cintura agudo estilete, ornado de diversos modos, e esse uso, vindo de Portugal, é causa de frequentes assassinios, não raro consequentes a rixas sem importancia.

As mulheres de Mangaratiba, segundo ESCHE-

WEGE, usam mantos curtos, cujas mangas cobrem as mãos; nas mais ricas as mangas são amarelas, com largos punhos de veludo negro, recamados de prata.

O vestuário das escravas é de excessiva simplicidade: uma saia ordinaria, camisa ou mesmo uma especie de fichú que cai sobre o peito, porque nunca têm camisola. O dos escravos compõe-se unicamente de um *langeati* (?) ou calção de algodão, raramente de uma veste. Quasi sempre não passam de andrajos de repelente imundície.

“Os costumes primitivos dos habitantes do Rio de Janeiro”, diz DU PETIT-THOUARS, “eram os de Portugal, mas foram bem modificados, bem desnaturados pelas licenças dos primeiros colonos, e pela mistura das raças de Indios e de Africanos que se cruzaram a tal ponto que se encontram em toda parte, na cidade, trinta pessoas de côr para uma branca. O cruzamento das raças não parece ter sido aqui favoravel á especie.

“A sociedade do Brasil fez a dez anos imensos progressos, tendendo com successo para elevar-se ao nivel das sociedades de Europa que marcham á frente da civilisação. Hoje o estudo e a educaçãõ são quasi de direito comum, o que era raro ainda a dez anos. Nesse tempo, com effeito, era difficil encontrar um Brasileiro (não Português de nascimento) que tivesse feito estu-

dos ou que soubesse falar outra lingua que não a sua. Encontram-se hoje no mundo do Rio de Janeiro numerosos rapazes e moças que se exprimem correta e facilmente em inglês ou francês e ás vezes nos dois idiomas.

"Compreende-se bem que só falo aqui de um modo geral, porque sempre houve no Rio de Janeiro, sobretudo desde a chegada da côrte do rei João VI na America, em 1808, pessoas eminentes por sua educação e maneiras e homens notaveis pelo saber.

"Lembro-me que entre estes ultimos, citavam-se os irmãos Andradas, homens de Estado, de reconhecido mérito, que teriam secundado o imperador D. Pedro I, conduzindo o Brasil para uma grande prosperidade, se tivessem conhecido melhor a verdadeira situação da sociedade neste vasto imperio. Recordo-me tambem com prazer do conde de Sabougal, embaixador de Portugal, diplomata estimado, poeta gracioso e amavel que não cansavamos de ouvir quando, á tarde, sentados em sombras frescas e perfumadas, ele nos recitava suas doces elegias. Nessa primeira época (1824) eramos recebidos na bôa sociedade do Rio de Janeiro, mas só aí eramos acolhidos. Em circulos menos elevados, não era sem desconfiança que nos admitiam. Era por timidez, por temor da critica ou simplesmente pelo

afastamento natural para com os estrangeiros que procediam assim? Eis o que eu não ousaria decidir; todos estes motivos podiam contribuir a um tempo para fazer nascer esse sentimento anti-social de repulsa que, aliás, parece existir em todas as sociedades pouco avançadas em civilização. Entre os selvagens um estrangeiro é um ser suspeito, um inimigo; os costumes de maneira alguma o protegem. Consideração para com os estrangeiros denota sempre ou um sentimento de temor que o fraco experimenta em presença do forte, ou já um grau de civilização bastante avançado. Contudo a sociedade do Rio de Janeiro, mais esclarecida, tornou-se também mais facilmente abordável”.

Ainda em 1832, queixava-se LAPLACE dessas “casas de altos muros, janelas pequenas e portas ainda mais estreitas, das quais não era permitido a um estrangeiro, ao menos publicamente, transpor os limbrais”, onde imperavam maridos brutais e ciumentos, “pouco escrupulosos na escolha dos meios de vingança”.

O recato era tal, que ás cerimónias de bodas só os casados compareciam.

Assim, conta-nos MARIA GRAHAM, que assistiu aos esponsais de um fidalgo, official de Beresford, com uma das netas da baroneza de Campos: “Nenhuma moça solteira é convidada para o casamento, reali-

sando-se a cerimonia na presença das relações mais intimas, de um e outro lado, de casais”.

“Espirituoso, benfazejo, ciumento, sensual e orgulhoso”, tais os traços mais salientes do carater do habitante do Rio de Janeiro, segundo o comandante de *l'Uranie*, que continúa: “Nas pessoas de baixa extração e da classe media que, infelizmente em grande numero, foram mal educados, a ignorancia presunçosa, o amor á preguiça, o espirito de vingança, a cupidez e a libertinagem são os vicios dominantes. Excessivamente invejosos dos talentos dos estrangeiros, os habitantes do Rio de Janeiro, em sua maioria, aproveitam logo as occasões que se apresentam, para testemunhar-lhes por uma série de pirraças, seus sentimentos de antipatia”. Entretanto “nas relações de intimidade, nas quais os estrangeiros são difficilmente admitidos, mostram-se os naturais de carater doce e sociavel, muito presos á familia, eminentemente caritativos e hospitaes”.

Entregam-se os homens a excessivas libertinagens, conduzindo-se as mulheres muito melhor, talvez forçadas pela reclusão em que são mantidas, de modo que só na igreja ha occasião para que o amor se insinúe.

Segundo GAIMARD, casam-se os homens com 15 anos e as mulheres com treze, e acrescenta: “Estas ultimas são mães muito cedo, mas perdem tambem pre-

maturamente essa nobre prerrogativa do sexo: semelhantes ás arvores que o jardineiro avaro força por meios ficticios a produzir os frutos antes da estação fixada pela natureza e que, logo esgotadas, acabam por ficar estéreis”.

Os negros forros traficam, enganam, enriquecem, afetando um luxo que procura eclipsar o de seus antigos senhores. As negras forras entregam-se á vida aiçada. Um costume particular distingue tais creaturas: saem vestidas de negro, envoltas num manto tambem preto e seguidas de varias escravas, segundo o estado de suas finanças.

São comuns as uniões de mão esquerda, mas as mulheres manteúdas, com raras exceções, não gozam de nenhuma consideração, só sendo admitidas na sociedade da ralé.

“No numero dos elementos de que se compõe a população do Rio de Janeiro”, diz FREYCINET, “nada mais digno de excitar a curiosidade de dessa nação cosmopolita, designada em França sob os nomes improprios de *Egipcios* e *Boémios*, e conhecida aqui, como em Portugal, por *ciganos*”. Falsos, mentirosos, roubando o quanto podem no commercio, habeis contrabandistas, aglomeravam-se na *rua e travessa dos Ciganos*, perto do Campo de Santana.

Pelas ruas continuavam quasi inalterados os habitos coloniais. "Do saguão da casa rica, onde pousam, ou do corredor de outras, de cujos tetos se dependuram em reldanas, as cadeirinhas saem já de cortinas cerradas, para que olhos profanos não devassem o relicario e a sua joia" (LUIZ EDMUNDO). Continuam no reinado e no primeiro imperio abundantes as cadeirinhas e serpentinas, mas escassissimas as carruagens. Ainda em 1836 observa o comandante de *La Vénus* que "se encontram no Rio de Janeiro muito poucas equipagens elegantes e de quatro rodas. O carro mais em uso no país é uma especie de sege, chamada *balancina*, ordinariamente atrelada a duas mulas, conduzindo-as o cocheiro como postilhão".

Carros de aluguel não havia, comentando o mesmo viajante: "Onibus seriam, penso, muito bem recebidos nas ruas onde se faz o commercio, nos caminhos de S. Cristovão, do Catete e de Botafogo, que levam ás casas de campo dos ricos negociantes e da maioria dos membros do corpo diplomatico". E quasi dez anos mais tarde continúa reclamando IDA PFEIFFER o abuso das raras seges de aluguel (as mesmas balancinas) que cobravam por uma corrida o mesmo que se fossem alugadas pelo dia inteiro (seis mil réis)".

Os escravos eram principalmente negros vindos de

Angola e de Benguela, preferidos, a principio, por sua paciencia e pela facilidade de suportarem os trabalhos mais penosos. Mas os Angolezes, no dizer de FREYCI-NET, são brutais, eminentemente preguiçosos, trabalhando com negligencia e os mais lentos de todos os negros.

Eles e os de Benguela aprendem com muita facilidade o portuguez. Sempre dispostos, vivos, muito alegres, sem rancores, os de Cabinda são preguiçosos, porque em suas tribus são as mulheres que trabalham, quando apanhados antes dos 20 anos, e bem dirigidos, são ótimos serviçais, notaveis por sua habilidade. Os Congolenses apresentam as mesmas qualidades e defeitos; os de Moçambique passam por ser bons trabalhadores, aptos principalmente para as funções de marinhoiro, carvoeiro, etc. mas são excessivamente mentirosos.

Todo esse mísero gado humano, trazido das plagas occidentais da Africa, era vendido na rua do Valongo, apertada entre o outeiro da saúde e o morro do Livramento, naquele mesmo local determinado pelo Marquez do Lavradio. Ainda quando por aqui esteve MARIA GRAHAM, de um e outro lado da rua estavam os armazens do mercado nefando, onde os recém-chegados são simplesmente chamados *peças* (*).

(*) — *Peices*, escreve a inglesa.

Afora as catilinas, aliás justas, dos viajantes ingleses contra essa imensa noção negra de nossa historia, só em MARTIUS e em DE LA SALLE, comandante de la Bonite, encontramos referencias mais precisas sobre a condição dos escravos, e que merecem ser transcritas.

Assim, diz MARTIUS: "As condições sociais desses escravos não são absolutamente tão tristes, como se pensa na Europa. Não sofrem falta de alimentação, vestem-se tanto quanto exige o clima e, raramente, são sobrecarregados de trabalhos. "Goza o escravo, despreocupadamente, entre o trabalho e o descanso, de uma sorte, que é preferível, sob muitos pontos de vista, ao estado de inquietação anárquica e indigência, em que vive na sua patria, aviltada pelos perversos artificios dos europeus. Aqui ele goza a vida e, em geral, não é a escravidão que lhe tortura a alma, mas a separação dos parentes e o tratamento deshumano, durante o transporte, horrores aos quais infelizmente succumbe grande numero destas infelizes vítimas.

"Quem tiver occasião de observar as modinhas e dansas alegres, que são executadas, ao por do sol, nas ruas da Baía, por grandes grupos de negros, elevando-se, muitas vezes, a um entusiasmo selvagem, pôde difficilmente convencer-se que sejam estes os mesmos

que, se julgava, segundo as descrições exageradas de escritores filantropos, rebaixados á animalidade, instrumentos estúpidos do mais vil egoísmo e de todas as paixões vergonhosas. Ao contrario, depois de conhecermos, exactamente, as condições dos escravos na America, convencemo-nos de que tambem nesse caminho, manchado pelo sangue de inumeras victimas, se encontram os vestigios daquele genio que conduz a humanidade ao enobrecimento”.

E DE LA SALLE: “Para um Francês que nunca saíu da Europa, a vista desses desgraçados, inda mais embrutecidos pela escravidão que pelos habitos da vida selvagem a que foram subtraídos, tem alguma coisa de repelente; e quando se pensa que, se a natureza lhes recusou a superioridade de intelligencia, desenvolvida em nós pelos beneficios da civilização, são, apesar de tudo, homens como nós, não podemos furtar-nos a um profundo sentimento de tristeza.

“Deus me livre de fazer-me aqui o éco de declamações filantropicas, com as quais homens mais zelosos que prudentes esperam trazer bruscamente a emancipação geral dos escravos de nossas colonias.”

“No Brasil esses homens, comprados no mercado como animais, são tratados do mesmo modo que o ca-

valo ou a mula vendidos a seu lado. O senhor explora-os de todos os modos: carregadores, artífices, barqueiros, cada qual deve trazer um lucro proporcional a seu custo; e quando, obedecendo ás mais caras leis da natureza, têm filhos, como ele votados á escravidão, são apenas novo ganho para o senhor.

“Os barqueiros parecem os mais infelizes. Como não pôdem ser constantemente vigiados, o preço de seu trabalho é previamente taxado, fixando-se o quanto devem trazer todas as noites. O dia foi mau e o ganho inferior? são açoitados. Poderão, ao menos, guardar o excedente, quando o ganho recolhido é, por acaso, superior á taxa? Não; o senhor guarda tudo. Que hade admirar se o pensamen'to do crime ás vezes se lhes insinua no espirito irritado pelo infortunio e pela injustiça, quando o fruto do crime pôde preservá-los de um castigo previsto? Por isso recomendam que se desconfie dos barqueiros, e se evite embarcar só com eles, para atravessar o porto á noite. Varios passageiros demasiado confiantes pagaram com a vida uma tal imprudencia, e as ondas da baía guardaram o segredo do crime, á custa do qual o remeiro salvou as costas do vergalho.

“Não é só pelo trabalho que o negro escravo contribue para a fortuna do seu proprietario: a especula-

ção soube tirar partido de tudo, e o individuo mais enfezado torna-se um meio de renda. Negros estropiados ou leprosos são vistos mendigando nas ruas da cidade. Para eles? não, mas em proveito de quem deles póde dispor á vontade”.

CAPITULO V

CORCOVADO. TIJUCA. JARDIM BOTANICO.

Os passeios ao Jardim Botânico, á Tijuca e ao Corcovado eram já por esse tempo obrigatorios a todos os forasteiros, e vamos encontrá-los descriptos de vários modos, traduzindo impressões um pouco diferentes. E' curioso lê-las.

Comecemos por MARIA GRAHAM, sempre tão interessante.

Diz ella, que morava, como já referimos, no Cateite: "Tendo o sr. Hayne e sua irmã proposto um passeio ao jardim botânico, partimos de madrugada e fomos de carro até sua casa, na praia de Botafogo, talvez o recanto mais lindo dos arredores do Rio, rico por sua beleza natural, beleza que é augmentada por numerosas e lindas casas de campo que actualmente a circundam. Todas foram construidas depois da chegada da côrte de Lisboa; antes este amavel recanto era apenas habitado por alguns pescadores e ciganos, ape-

nas com um ou dois sitios de arvores frutíferas. Depois da baía passamos por formoso vale até a lagoa Rodrigo de Freitas; é esta um lago quasi circular, de cerca de cinco milhas de circumferencia, cercado por montanhas e florestas, exceto onde uma pequena barra arenosa permite o desaguanento ocasional para o mar, quando o lago sóbe tão alto que ameaça prejudicar as plantações em redor. E' impossivel conceber nada mais rico que essa vegetação estendendo-se até a beiradagua.

“Chegamos para almoçar no jardim, mas como o tempo agora está quente, resolvemos primeiro percorrê-lo. É todo dividido em quadrados, com as aléas plantadas dos dois lados de uma nogueira de crescimento rapido, trazida originalmente de Bencooler, e agora aclimatada aqui. A noz é tão gostosa como a avelã e maior que o fruto da nogueira, sendo muito oliosa; a folha é quasi do tamanho e de forma semelhante á da folha do sicómoro. A madeira tambem é util. O rapido crescimento dessa arvore é sem exemplo entre essencias e sua altura e beleza distinguem-na de todas as outras. As sebes entre as divisões são de um arbusto que tomaria pela murta, mas cujas folhas, erubora duras, não são fragrantés. Este jardim foi destinado pelo reis para o cultivo de fru-

tos e especiarias orientais e principalmente para o do chá, que mandou vir da China, com algumas familias habituadas á sua cultura. Todas as plantas prosperam admiravelmente: o cinamomo, a canforeira, a noz moscada, o cravo da India crescem como em seu sólo natal. A arvore da fruta-pão produz seus frutos admiravelmente, e as frutas do oriente amadurecem aqui tão bem como na India. Notei particularmente o jambo da India e a longona (*Euphoria longona*) especie de lizia da China. Fiquei desapontada por não encontrar coleção de plantas indigenas.

“O rio que banha o jardim, corre por um adoravel vale onde está a fabrica de polvora.

“Sua Majestade D. João VI construiu no jardim uma pequena casa com 3 ou 4 quartos, para acomodar o séquito real, quando o visita. Nosso almoço foi servido na varanda dessa casa, donde se goza encantadora vista sobre o lago, com montanhas e florestas, o oceano com tres pequenas ilhas ao largo e adeante uma capelinha e aldeias, na extremidade de pequena planicie verde”.

A impressão que teria 25 anos mais tarde IDA PFEIFFER é bem menos lisonjeira, por isso que “o jardim, fundado muito recentemente, não mostra nenhuma das grandes arvores em seu completo desen-

volvimento e não ha muito grande seleção de flôres e plantas. As poucas que se encontram não têm afixada nenhuma indicação, informando o visitante". O que mais a interessou foi a jaqueira, com seus grandes frutos de 25 libras e a palmeira real, ainda pequena e que ella, á falta de qualquer indicação, descreve, lamentando não lhe saber o nome: "Vimos tambem uma especie muito especial de palmeira; a parte inferior do tronco, até altura de dois ou tres pés, é parda e lisa, como um grosso cilindro; o resto da haste é verde clara e, como a parte inferior, muito lisa e brilhante, como se fosse envernizada, com a côroa de folhas epicais" (*).

O passeio ao Corcovado só se tornou exequível e quasi obrigatorio depois que, por ordem de D. Pedro I foi aberta uma estrada, por onde se pôde ir a cavallo até o alto. E, natural, portanto, que os mais antigos viajantes de que estamos tratando a ele se não refiram, encontrando-se as primeiras impressões no relato do comandante de *la Thétis*, aqui aportado em 1824. Eis como ele se refere á montanha querida dos cariocas:

"No alto o rochedo é despido de vegetação e in-

(*) - Todos os viajantes do tempo são unanimes em louvar o jardim botânico; apenas, como BOUGAINVILLE lamentam que esteja "infelizmente situado á tal distancia da cidade que é uma verdadeira viagem ir até lá".

teiramente descoberto; divide-se em duas enormes massas, das quais uma tem um *belvédère* com uma cabana para os sinais e a outra uma plataforma munida de balaustrada e um mastro de bandeira, muitas vezes quebrado pelo raio. Tudo que se apresenta desse ponto, o mais elevado, oferece encantador aspecto. Domina-se o país inteiro, o porto, o mar. Vastos movimentos de terreno, bosques, verdura; belo lençol d'agua habitualmente tranquilo; e essoutro lençol d'agua que só o horizonte termina por uma linha arqueada e que a imaginação pôde transportar até espaços sem limites e sem fins; a passagem de *Santa-Cruz*, que é como o ponto de junção dos caminhos da Europa, das Indias orientais e do mar do sul: tudo é nobre e majestoso em semelhante espetaculo. Acontece ás vezes, que, partindo de madrugada para galgar a montanha, encontra-se o pico envolto em nuvens, ainda não levadas pela brisa do largo, um pouco mais tardia. É mistér esperar então; a brisa vem todos os dias ou, pelo menos, é raro que falte. Achei-me no *Corcovado* em semelhante circumstancia; só o cume estava claro; todo o resto da região completamente coberto, e já era algo de belo ver esse oceano de vapores, acima do qual eu ficava como isolado e suspenso. Mas quando os primeiros sopros da brisa chegaram, quando se rasgou

o veu, quando cada parte do quadro se descobriu successivamente e cada objeto, saindo do caos, foi, por assim dizer, creado a meus olhos; quando afinal o veu inteiro se dobrou e a creação foi concluida, então meus olhos e toda minha intelligencia se fixaram sobre o que via. Durante um instante vivi aí, exclusivamente aí; vivi com todas as minhas faculdades até que minhas reflexões puderam enfim tomar um curso mais regular e mais calmo. O que senti, não teria sabido nem saberia ainda hoje dizer como senti, mas a impressão me ficou viva e penetrante por anos e anos. O gozo se prolonga depois desse primeiro momento de transporte e de admiração, mas é mais suave. O olhar procura e estuda os objetos, o pensamento marcha e as idéas se seguem com ordem. Tudo se distingue no conjunto e nos detalhes; as nuvens tangidas para longe, no espaço do ceu ou no interior das terras, não deixam mais que retalhos esparsos sobre picos mais elevados, que as rasgaram na passagem. Domina-se tudo das alturas do Corcovado, e dessa elevação vê-se, comprehende-se a extensão da baía, aquilatando-se facilmente sua importancia e as vantagens de sua situação; o nome de DIAS DE SOLIS parece traçado em caracteres luminosos em suas margens, e é um prazer pronunciar-lo para prestar homenagem á memoria de seu

portador e que o illustrou por uma descoberta assim tão bela e gloriosa”.

“Deixa-se o *Corcovado* com pesar, como de um lugar ao qual a gente se afeiçãoou; mas as recordações ficam e se os objetos não vêm mais realmente desenhar-se no espelho dos olhos, o pensamento os reproduz em toda energia de suas côres brilhantes, todas as vezes que as procuramos lembrar.”

E' FISQUET, official da corveta *la Bonite*, que doze anos mais tarde, conta como se faziam as excursões ao *Corcovado*. Ouçamo-lo: “O caminho que nos devia conduzir ao alto da montanha segue a mesma direção que o aqueduto, e sobe assim por uma ladeira suave até sua origem, isto é, durante duas leguas e meia. Avançavamos rapidamente por essa estrada deliciosa, sob um herço de verdura e de flôres, para chegar á cascata, onde a caravana devia fazer sua primeira parada. De tempos a tempos, entretanto, alguns de nós se destacavam do grupo para correr atrás de borboletas grandes como passaros, e aves pequenas como borboletas, ou para colher, a custa de dolorosas picadas, algumas das mais belas flôres que aí crescem sem os socorros da arte.

“As sete horas e meia (*tinham começado a caminhada ás cinco*) achamo-nos á borda do tanque do

qual o aqueduto recebe suas aguas em face da cascata que nele se precipita espumeggiante. A elevada garganta donde cai esse lençol d'agua é inteiramente obstruida por impenetravel selva que esconde á vista o curso da torrente e não pouco contribue para dar a esse lugar, onde os raios de sol nunca penetraram, aspecto misterioso e verdadeiramente imponente. Teria querido fazer immediatamente um esboço, mas tinhamos ainda tres quartos de legua para alcançar o alto da montanha e não era a parte mais facil de nossa jornada: não deviamos esperar que o calor crescente do dia viesse tornar a ascensão mais penosa.

“Um quarto de legua mais longe, a estrada, até aí muito facil, torna-se de repente muito íngreme e escorregadia; algumas cabanas habitadas por negros marcam o ponto em que o imperador D. Pedro, que estimava particularmente esse passeio, deixava os cavalos, quando vinha ao Corcovado esquecer por momentos os cuidados do poder supremo e retemperar a alma no espetáculo da natureza. Mas depois de vinte minutos de marcha, foi preciso pararmos de novo. Neste lugar o caminho volta para a esquerda e se torna cada vez mais íngreme e escorregadio. Alguns tiveram que renunciar a ir mais longe. Pararam á margem de uma limpida fonte, situada perto do caminho e foram consti-

tudos guardas das bagagens. Eu continuei, com SOULEYET e mais outros companheiros, a subir a escarpada ladeira. Afinal, depois de tres quartos de hora de penosos esforços, alcançamos o ponto mais elevado da montanha.

"Nesse momento nenhum de nós teve sequer a tentação de lamentar a pena que nos custara a laboriosa ascensão. Nossos olhos, habituados á sombra espessa da floresta que acabavamos de atravessar, custaram a principio a suportar o brilho do quadro magico que em torno de nós se desenrolava, á medida que escalavamos a ponta extrema de um dos dois cabeços de granito que formam o alto do *Corcovado*. Estes dois cumes totalmente desprovidos de vegetação, elevam-se acima das massas de verdura que os cercam por todos os lados, semelhante a duas cabeças de abutre, destacando-se nuas e peladas do tufo de plumas, que lhes compõem o rico colar. Entre eles uma garganta estreita forma um precipicio que parecia aterrador sem as arvores gigantesas, que crescem em sua profundidade e os enchem de espessa folhagem. Uma ponte, que já não existe, unia então esses dois cimos geméos, permitindo chegar ao que domina immediatamente o *lorte de Santa-Cruz* e a barra, que apenas se distingue dessa elevação.

“O sol, chegado ao terço de seu curso, inundava de luz o imenso panorama que se descobre desse ponto e que passa com justiça pelo mais belo do mundo. A’ direita o mar vasto e seu horizon’ e sem limites; em face, na direção do cabo *Negro*, uma praia magnifica, estendendo-se a perder de vista e cortada, de distancia em distancia, por graciosas colinas; á esquerda e atrás de nós, florestas majestosas, uma região ricamente paramentada de todo o luxo da mais ridente vegetação e agradavelmente acidentada; e mais longe, servindo de caixilho ao quadro, a serra dos Orgãos, com seus cumes cobertos de neve e suas geleiras (*sic!*), onde se reflectiam os raios do sol dos trópicos.

“A baía do Rio de Janeiro, que se estendia a nossos pés, parecia um pequeno lago, semelhante aos que a arte preparou no interior de um jardim inglês; distinguam-se apenas suas numerosas ilhas, como frescos ramos boiando em sua superficie, seus navios como pequeninos pontos, a cidade e as belas aldeias, que cercam a baía, como ninhos de gaiotas, encailhados na praia e meio perdidos nas hervas densas.”

“Traduzir o efeito que produz esse espectáculo é coisa impossivel. E’ muito que a alma suporte as emoções que ele desperta. E’ mais que admiração, é uma exaltação religiosa, um santo respeito pelo autor de

todas as coisas; é um profundo sentimento de sua infinita grandeza e do nada do homem. As reflexões acodem em tropel ao espirito succumbido pela majestade do lugar. Que são, ao lado dessas admiraveis belezas as obras da mão do homem? Vêde o pouco lugar que occupam no quadro! Esse pequeno conjunto de casas, quasi imperceptiveis, é a capital do que se chama um grande imperio; ali, alguem reina sobre um povo numeroso; mas a vista mais penetrante não poderia perceber daqui nem soberano nem povo.”

Outro passeio obrigatorio era o da Tijuca (a *Teschuka* de IDA PFEIFFER!), onde iam ver as quedas d'agua da grande e pequena Tijuca. A primeira desce de um tanque pouco extenso, no sitio de DÊ GESTAS, consul da França, precipitando-se por uma muralha e massiços de verdura em leito pedregoso. A grande Tijuca forma-se de volume d'agua mais consideravel, occupando toda largura do leito de uma torrente muito mais forte, quebra-se em duas quedas successivas e rola no meio de grandes blocos da rocha.

Mas era uma viagem muito mais longa e muito menos pitoresca, e assina é relatada pelo mesmo official de *la Bonite*, a que nos referimos linhas atrás:

“Chegados ao passeio publico, os viajantes, tomando á direita, apressaram-se em atravessar a cida-

de, passando pela praça do Teatro e deante do Museu, e logo se viram no campo que, desse lado, oferece aspecto muito diverso das selvagens belezas do *Corcovado*. O fim do passeio era a grande cascata da Tijuca. A estrada a seguir, para lá chegar, é marginada, numa extensão de cerca de duas leguas, de lindas casas de campo que animam a paisagem, dividida em outros tantos jardins ingleses, admiravelmente desenhados. Começa-se depois a subir uma ladeira, ao longo da qual *ventas*, estabelecidas de distancia em distancia, esperam os viajantes.

"Abundantes ribeiros correm á direita e á esquerda da estrada, e chegam com suas aguas limpidas, vastas e frescas campinas. Chega-se assim ao alto de uma montanha já bastante agreste, donde a vista repousa agradavelmente sobre a graciosa paisagem que acabo de esboçar.

"Quando os hospedes de *la Bonite* chegaram a essa altura eram quasi nove horas da manhã. A grande Tijuca estava ainda longe; mas em um quarto de hora podiam, disseram-lhes, tomando um atalho á direita, chegar á pequena cascata do mesmo nome, junto á qual ha uma habitação, pertencente ao conde de Scée. Passa esta por ser mais curiosa que a grande, por causa de sua situação. Tal consideração

determinou sua escolha e em lugar de prosseguir seu primeiro pensamento, GAUDICHAUD e seus companheiros para aí se dirigiram. Logo depois achavam-se em face da queda pitoresca, que, caíndo de uma altura de oitenta pés, ou mais escorregando sobre a vertente íngreme da montanha verdejante, se divide, segundo os accidentes de terreno, em varios lençóis cuja alvura argentea contrasta com o tom sombrio do fundo e produz o mais rico efeito.

“Da habitação de DE SCÉE os viajantes, seguindo o curso da torrente, viram-se para outra casa de campo, tambem construída : sua margem a alguma distancia, mais acima, e de qual é proprietario DE GESTAS, ex-consul geral da França no Rio de Janeiro. Depois de ter conservado muito tempo sua posição official nesta cidade, GESTAS, habituado a este país, tornado de algum modo o seu, não quis deixá-lo e demitiu-se.

Hoje divide o seu tempo entre o agradável retiro da Tijuca e um outro, não menos agradável, que possui numa ilha do fundo da baía”.

RUGENDAS assim se refere á cascatinha: “As cascatas de Tijuca formam um dos pontos mais pitorescos dos arredores do Rio de Janeiro. O caminho que leva até lá atravessa os arrabaldes de Mata-Porcos, perto do palacio imperial de S. Cristovão, e acompanha

a torrente de Tijuca, na vertente setentrional do Corcovado: ora passa entre férteis plantações de laranjeiras, bananeiras, café, etc; ora no meio de capões floridos e tufos de trepadeiras; ora, enfim, são grupos isolados de magnificas palmeiras ou arvores de espessa folhagem, restos da antiga floresta virgem: á medida que a gente se afasta da cidade e mergulha nos vales pedregosos dessas montanhas, tais arvores se tornam mais frequentes, mais espessas, mais vigorosas. A cerca de uma legua do Rio de Janeiro, precipita-se um regato dos pontos mais elevados do monte Tijuca, e brota de uma parede de rochedo de cerca de 150 pés de altura; um segundo regato, correndo ao sul, forma tambem varias cascatas que em nada ficam a dever ás primeiras em grandezza e importancia mas lhe são inferiores pelo pitoresco e pelos objetos que as cercam. O corte dos rochedos, o movimento da onda espumante e férvida não são menos admiraveis que nas quedas dagua do velho mundo. A riqueza da vegetação é imensa e a humidade benefica; a frescura desse lugar, parece dar novo vigor e inda mais realçar a magnificencia de suas côres, de tal modo que o brilho das fôres que se vêem nas moitas, nas arvores e nas plantas só pôde ser excedido pela multidão e magnificencia das borboletas, dos beija-flôres e de outras aves de variada plumagem,

que aí vêm procurar abrigo contra o ardente calor do sol.”

Quando aqui esteve BOUGAINVILLE era ainda GESTAS consul geral e seus vizinhos, do outro lado da cascatinha, os DE TAUNAY, em linda casita, da qual diz o comandante de *la Thétis*: “Nunca um artista soube escolher melhor sua residencia, porque não se poderia ver mais agreste nem mais risonha.”

CAPITULO VI

RIO DE JANEIRO: CERIMONIAS RELIGIOSAS. FESTAS POPULARES. TEATRO FESTAS SOCIAIS

As festas populares do reino e do primeiro imperio continuaram a ser as mesmas dos tempos coloniais, e que, ao menos no interior do Brasil, persistiram até fins do seculo passado. E, como no tempo dos Vice-Reis "os programas de tais folganças constavam, pouco mais ou menos, de embandeiramentos, *Te Deum*, procissão, touradas, cavalladas, outeiro, opera, luminárias . . ." Alegorias, cavalladas, touradas, congadas, serração da velha, imperador do divino, continuavam obedecendo ao mesmo ceremonial que tão deliciosamente nos pinta LUIZ EDMUNDO; resta-nos apenas dar o depoimento ligeiro, ou como diriamos hoje, que do daguerreotipo se passou á fotografia ultra rapida dos *films*, os instantaneos fixados pelos officiais das corvetas ou pelos turistas desses vinte anos que vão do al-

vorecer de nossa independencia, com o *fico*, até o crepusculo da regencia, quando tudo já fazia prevér o *quero* — já do segundo imperador.

Parecerá paradoxal que num capítulo reservado aos festejos, ás manifestações de alegria da alma popular comecemos por duas ceremonias de tristeza e de luto: a visita do Santissimo (de *Nosso Pai*, como se dizia então e ainda muito depois) e o enterro. Mas eram novidades na vida sensaborona dessa grande aldeia, mal desperta de seu pesadelo colonial, motivo para que as reclusas sinhás assomassem ás janelas, assunto para as sécas das comadres durante alguns dias. Demais — a ambos se referem os relatos de viagem que vimos alinhavando nesse esboço do Brasil litoraneo, do Brasil visto de relance pelos viajantes.

Os enterros fazem-se á noite, ordinariamente entre dez horas e meia noite, acompanhados os féretros por dois longos corrlões de portadores de tochas, que marcham em fila. Esses homens, marchando soturnos, um atrás do outro, em duas extensas fileiras, aumentam, se é possível, os sentimentos de tristezas que dominam a assistencia e contribuem para tornar a cerimonia ainda mais lugubre.

Cruzando com um enterro ou por acaso presentes em qualquer ponto por onde passe, põem-se todos de joelhos, até que o féretro haja desaparecido de vistas.

Quanto ao viático, diz DU PETIT-THOUARS:

“O uso no Rio de Janeiro é levar o Santíssimo Sacramento em carruagem; se é de noite, é escoltado por duas filias de portadores de tochas e lanternas. Grande concurso de assistentes acompanha cantando. Este uso existe tambem em toda a America meridional. Todas as vezes que o S. S. Sacramento é levado pelas ruas e outros lugares publicos, toda a população se prosterna de joelhos a sua passagem; abrem-se as janelas das casas situadas em seu trajeto e aí collocam luzes: todas as pessoas presentes no interior ajoelham-se no momento em que passa o santo viático.”

Só as igrejas recebem a visita assidua das mulheres, encerradas quasi todo o resto do tempo nos gineceus, “rodeadas das mucamas, costurando, fiando, fazendo renda, armando flôres de seda e papel, batendo bolos gostosos.”

“Ao tempo de Luiz de Vasconcelos, quando se construiu no sitio mais fresco da cidade um Passeio Público no gosto amaneirado do seculo, com seus tanques e repuxos, suas piramides de granito com inscrições e suas estatuetas alegoricas, as familias tomaram por costume ali se reunirem ás noites, especialmente de luar. Entoavam-se modinhas e lundús com o acompanhamento das ondas, quebrando-se de mansinho con-

tra o paredão do terraço, cujo parapeito era guarnecido de flôres e o divertimento acabava por alegres comezainas ao relento.”

“A chegada em forte pelotão da fidalguia do Reino”, diz OLIVEIRA LIMA, “prejudicou semelhante feição despretenciosa da existência social do Rio de Janeiro, sem substituí-la por nada de muito melhor. A famosa hucharia, ninho da criadagem real, estabelecida atrás do Paço, derramou pela cidade a fartura das suas intrigas, imoralidades e sizanias, tornando-se a instituição em certo sentido típica da nova ordem de coisas. Deixaram quasi de desferir-se nas violas os doces acordes ao ar livre, que dantes embalavam o sono dos jacarés de mestre Valentim.”

O Passeio Público é deixado completamente ao abandono, só frequentado pelos estrangeiros, não se vendo mais aí vultos femininos. Dá o povo carioca preferencia, para seus passeios ao pôr do sol, ao Largo do Paço ou ao Campo de Santana. Questão em moda, ainda mais volúvel nesta boa terra carioca do que em qualquer outra cidade do mundo? Ou seria o afastamento desse poético recanto devido aos mesmos motivos que trazia a DU PETIT THOUARS o desencanto no fim de um passeio a S. Domingos?

Diz ele de nossas barcas, já por esse tempo roncei-

ras e uteis: "Dois barcos a vapor foram recentemente introduzidos para as comunicações entre o Rio de Janeiro e a margem oriental da baía; eles se cruzam regularmente e partem todas as horas: são verdadeiros onibus nauticos; são de uso muito agradável para os habitantes de S. Domingos e Praia Grande, que podem vir ao Rio a qualquer hora do dia para seus afazeres ou sómente para tomar sorvetes, sensualidade inteiramente nova no país. É um delicioso passeio á noite quando, ao luar, sob este belo ceu dos tropicos, a brisa de terra que carrega suaves perfumes da flôr de laranjeira, vem acalmar o calor e inspirar os doces sonhos das Mil e uma Noites; como todos os prazeres, este é igualmente de curta duração, porque logo, aproximando-se as praias do Rio, os sonhos se desvanecem; o sentido do olfato, rudemente ofendido pelas exalações pestilenciais que espalham os depositos de imundicies junto ao cais, lembra todos os progressos uteis que nem mesmo foram empreendidos."

E depois de ler a gente este trecho, inclina-se mais pela segunda hipótese.

As noites de luar continúam a influir sugestivas sobre nossa gente meio-civilisada, como sobre a alma primitiva do negro.

Então no patio das senzalas, ao som das marim-

bas, desses instrumentos de cordas tão simples e primitivos, mas que encontraram lugar no *Gabinetto Armonico* de BONNANI, dansavam e cantavam os negros escravos; nos jardins das casas nobres dansavam-se os fandangos, executados, diz GAIMARD, "no meio da noite, em gabinetes de verdura fracamente iluminados; tudo respirava volupia nesses redutos campestres, das pessoas até as estatuas e quadros de que estavam ornados: tar-se-ia que as sedutoras dansarinas, com seus movimentos cadenciados, todas as atitudes amorosas e mesmo lúbricas, procuravam fazer desabrochar na alma dos espectadores o fogo ardente dos desejos de que seus olhos pareciam abrasados.

Segundo FREYCINET "são ordinariamente as dansas francezas e inglesas que se executam nos salões. As classes menos cultas preferem quasi sempre as dansas lascivas nacionais, muito variadas e aproximando-se das dos negros da Africa. Cinco ou seis são muito caracteristicas; o *landum* (sic.) é a mais indecente; vêm em seguida o *caranguejo e los fados* (sic), em numero de cinco; estas se dansam a quatro, seis, oito, até 16 pessoas; ás vezes são entremeadas de cantos livres; ha figuras variadas, todas muito voltuosas. Mas geralmente suas dansas são vistas mais no campo que na cidade. As raparigas solteiras raramente tomam parte nelas e

quando se deve dansar aos pares é a dama que vem convidar o cavalheiro”.

Só pelos aniversarios natalicios deixavam as familias a vida reclusa que nos vinha dos bons tempos coloniais. Recebiam-se nesse dia visitas, votos e felicitações dos amigos. Como faz notar OLIVEIRA LIMA, “estes habitos de segregação não excluíam os prazeres ocasionais da convivencia, quando parentes, hospedes e amigos se sentavam nas casas de tratamento e por motivo de anniversarios ou de festas religiosas, dos dois lados de uma lauta mesa servida com porcelanas e cristais ingleses e carregada de viandas, vinhos e guloseimas. Costumava reinar durante e após tais banquetes, a que de ordinario só compareciam senhoras casadas, a cordialidade mais franca e por vezes mais ruidosa, a par de certa falta de apuro nas maneiras”. Tudo era servido com magnificencia, numa profusão de bolos, frutos, doces, etc. porque, diz FREYCINET, “os brasileiros visam muito em semelhantes casos á suntuosidade”. Deixavam as assembléas, como chamaram durante longo tempo a essas festas familiares, de ser consideradas aquelas reuniões *que se fazem á noite para esconder o que de indecente ai se passa*”.

As senhoras ostentavam então um luxo excessivo de pedras preciosas. “Para dar uma idéa”, diz o coman-

dante de *l'Uranie*, já tantas vezes citado, "basta referir a família *Carneiro Leão*, em verdade uma das mais ricas do país: quando todas as pessoas que a compõem estão reunidas, sobe a cerca de seis milhões o valor dos diamantes usados pelas damas".

O teatro é frequentado com pouca regularidade, devido isso principalmente á mediocridade dos actores. Havia então no Rio de Janeiro duas casas de espectáculos. O teatro de S. João, construido depois da chegada de D. João VI no Brasil, segundo o modelo do velho S. Carlos de Lisboa, e que, diz DU PETIT-THOUARS, era em tudo semelhante aos teatros francezes de segunda ordem, vinha substituir a *Casa da Opera* do dansarino *Manoel Luis*, e era situado em um dos angulos da praça da Constituição. O outro, o teatrinho, não estava aberto em 1820, e nele geralmente representavam amadores.

O teatro S. João, feio e pesadão, sem nada de recomendavel na arquitetura, tinha, no entanto, grande sala de platéa (grande demais para a cidade segundo FREY-CINET), de aspecto agradável, com seus camarotes bem cortados e convenientemente distribuidos, permitindo apreciar todo o brilho da *toilette* das damas.

"A sala de espectáculos é muito bonita", diz BOU-

GAINVILLE, e pode conter 1 600 a 1 800 pessoas; a forma é a de uma lira, cujas extremidades, levemente curvadas, abraçam a cena; disposição favorável para os espectadores, que nada perdem do palco, em qualquer parte que estejam colocados, e são também obrigados a contribuir para seu realce pela elegancia do traçar, os camarotes estando fechados adiante apenas por balcões dourados que permitem vê-los da cabeça aos pés”.

Quando por aqui passou a corveta *la Vénus*, havia no Rio de Janeiro “uma boa comedia portuguesa, uma ópera italiana bem composta e um bailado francês”.

Em sua estada em nossa capital, esteve MARIA GRAHAM duas vezes no teatro em momentos memoráveis e vale a pena transcrever as duas passagens de seu diário. O primeiro é referente ao dia 11 de janeiro de 1822:

“Fui á opera hontem á noite, pois era nova récita de gala e esperava assistir á recepção do Principe e da Princesa. A Viscondessa do Rio Seco convidou-me amavelmente para seu camarote, junto ao dos príncipes; mas, depois de esperar algum tempo, chegou a noticia de que o Principe estava tão ocupado, escrevendo para Lisboa, que não poderia ir. Tive, contudo, o prazer de

vêr o teatro iluminado, ouvir o hino nacional e apreciar as senhoras mais bem vestidas do que até agora as vira”.

Refere-se a segunda ao dia 3 de maio de 1823:

“O teatro concluiu as cerimoniaes do dia e minha amiga, Madame do Rio Seco, tendo-me oferecido amavelmente um lugar em seu camarote, aí fui pela primeira vez, depois de minha volta ao Brasil. Ela estava radiante, porque nesse dia o Imperador conferira a seu marido a ordem do Cruzeiro e, por isso, foi realmente em grande gala á opera. Os diamantes que usava nessa noite podem ser avaliados em 150 mil libras esterlinas, e muitas joias esplendidas ficaram guardadas na caixa forte. A sala apparecia esplendente, iluminada e decorada, todas as senhoras cheias de diamantes e plumas. Haviam acrescentado, desde o anno passado, algumas decorações, e fora pintado um pano-de-boca allegorico. A Imperatriz não veio, devido a sua recente enfermidade, mas o Imperador estava lá, parecendo-me palido e um pouco fatigado. Ele foi recebido com entusiasticos applausos. Os membros da assembléa estavam postos, uma metade á direita e outra á esquerda, em camarotes alfaiados para eles: e logo que todos tomaram seus lugares, foi recitado pela Prima Dona um poema sobre o momento, no qual havia alguns pontos que

atraíram grandes aplausos. Penso que foi GRESSET que numa de suas odes *Au Roi*, diz:

“Le cri d'un peuple heureux est la seule éloquence
“Qui sait parler des rois”.

“E de fato esta noite essa eloquência era enorme. Não posso conceber situação mais cheia de interesse tanto para o príncipe como para o povo.

“Nada havia na peça principal, representada, simples tradução de Lodviska, sem os cantos. Mas o pequeno ato final excitou muita emoção: chamava-se *A Descoberta do Brasil*”. Cabral e seus oficiais eram representados acabando de desembarcar; eles tinham descoberto os naturais da região e, de acôrdo com o costume dos descobridores portugueses, alçaram seu estandarte branco, tendo nele em vermelho a Santa Cruz, cujo nome deram primeiro á nova terra. Ao pé desse emblema ajoelharam e empenhavam-se para convencer os Brasileiros selvagens a acompanhá-los nos sagrados rituais. Estes, por seu lado, tentavam persuadir Cabral a reverenciar os corpos celestes, e a dissensão parecia a ponto de perturbar a união dos novos amigos, quando por um maquinismo bastante grosseiro, um pequeno genio desceu do alto e pulando de seu carro, desdobrou o novo estandarte Imperial, com a inscrição *Independencia ou Morte*. Isto era inteiramente inesperado pa-

ra a platéa, que, por um momento, pareceu eletrizada em silencio. Creio que fui a primeira a bater palmas, mas desapareceram na tempestade de aplausos que rebentaram de todos os lados. Não conheço agora nada tão esmagador, como essa especie de expressão unanime de profundo interesse, de uma tão grande corporação humana. Senti-me subjugada, e quando devia estar agitando meu lenço cerimoniaosamente, do camarote do camareiro-mór, estava escondendo nele meu rosto e chorando sinceramente. Quando a platéa novamente sossegou, olhei para D. Pedro: ele ficara muito palido e puxava uma cadeira para junto da sua, arrimando-se no espaldar da mesma, ficando muito sizudo até o fim da peça, conservando a mão diante dos olhos por algum tempo. Não podia deixar de ficar emocionado com esse sentimento que impressionara até os estrangeiros. Terminada a peça ouviram-se gritos de *Viva a Patria! Viva o Imperador! Viva a Imperatriz! Vivam os Deputados!* todos partidos da platéa. Então, Martin Francisco de Andrade, debruçando-se de um dos camarotes dos deputados, gritou: "*Viva o povo, leal e fiel do Rio de Janeiro!* grito muito bem secundado, especialmente pelo Imperador, e amavelmente recebido pelo povo. E assim terminou esse memoravel dia".

Conta-nos BOUGAINVILLE a récita de gala a que assistiu, por ocasião da volta de D. Pedro I na Baía (Abril de 1826):

“Representava-se á noite no teatro a ópera *Tancredi* e a familia imperial devia assistir a essa representação. DE GESTAS ofereceu seu camarote ao almirante. Lá chegamos no momento em que o público, de pé e descoberto, ouvia em silencio versos dirigidos ao príncipe por um espectador dos camarotes de segunda: copias desse fragmento de poesia desceram revolutando sobre a platéa; agitaram-se lenços e vivas multiplos se fizeram ouvir de todos os lados; depois cada qual retomou o seu lugar, quando o Imperador deu o exemplo, sentando-se.

“Eu ficara maravilhado, encantado, com o brilho da sala, decorada de fresco; as galerias branco e ouro e o interior dos camarotes azul palido. As mulheres estavam em vestidos de gala e, quasi todas, com rufos de plumas brancas no cabelo. Ao ver esses atavios eu me figurei um mundo de alta distincção, mas fui tirado do engano por um official da divisão que, tendo algumas relações commerciaes com as modistas da rua do Ouvidor, me mostrou tres ou quatro entre as mais garridas. O camarote imperial, em frente ao palco e occupando quasi todo o fundo da sala, ferrado de espelhos, apre-

sentava o aspecto de um salão faiscante de luzes. O Imperador, a Imperatriz e a princezita, colocados adiante do camarote, tinham os mesmos trajos que nos beija-mão, e atrás estavam de pé umas vinte pessoas da casa de S. M., entre as quaes me mostraram o confessor do principe. Em camarote pouco afastado estava a viscondessa de Santos, dama de honor da Imperatriz, que gozava então do mais alto favor perto de D. Pedro: favor que não podia agradecer a seus atrativos, por isso que ella nunca deve ter sido bonita e sua fisionomia brasileira nada tinha de gracioso. Não terminara ainda o bailado do segundo ato quando o principe se retirou, saudando o público, que se erguera ao mesmo tempo. Depois de sua partida, esperava-se ver continuar a peça; mas ao cabo de um quarto de hora de incerteza, o apagamento da ribalta deu o signal de retirada, e a multidão se escoou sem o menor murmúrio, persuadida sem duvida que tal era a vontade suprema. A heia algazarra que teriam feito em nosso país! "

Mas o teatro, principalmente a ópera, era um divertimento para as classes mais abastadas, enquanto as festas de igreja constituíam o passatempo barato, oferecido gratuitamente a todos, e por isso mesmo, nessa época de folgedos escassos, contavam sempre com grande concorrência e entusiasmo. A propria missa dos

domingos e as ladainhas já eram um espetáculo e pretexto para que as sinhás se desembicassem. Assim, comenta o comandante da corveta *La Vénus*:

“Não ha cadeiras nas igrejas; as mulheres que aí vão, são seguidas por escravos que levam coxins e tapetes sobre os quais se colocam com os filhos. Elas permitem ás vezes que suas escravas se sentem numa ponta dos mesmos.

“As cerimoniaes religiosas celebram-se com pompa. Observam-se escrupulosamente muitas das pequenas practicas desusadas mesmo nas igrejas de França. As orações da noite se prolongam ás vezes até tarde da noite. As igrejas são então iluminadas, mas nos dias de festa, o luxo das luminarias é levado a um ponto extraordinario; independentemente dos lustres e dos candelabros de uso diario, os muros das igrejas são forrados de filas paralelas de velas que vão desde a base até o cimo dos arcos que se unem aos pilares. Essa iluminação é de efeito maravilhoso”.

Em todas as ocasiões de festas ou de grandes cerimoniaes religiosas, ouvia-se nas igrejas excelente musica, sempre misturada a vozes que, ás vezes, produziam efeito agradável e harmonioso. A musica executada na capela do Imperador era feita por uma orquestra de habéis musicos e as vozes eram simplesmente belas vo-

zes de sopranos, como outrora se fazia muito em Nápoles; a sensação produzida por elas é de uma natureza tão nova como inesperada”.

Referindo-se ás festas dos templos do Rio de Janeiro, diz FREYCINET: “Assisti um dia a uma festa religiosa que teve lugar na igreja de Santa Luzia, se é que se pode dar esse nome a uma reunião consideravel de pessoas que parecem ter-se reunido no lugar santo apenas para ver e ser vistas e ouvir bôa musica. Geralmente as mulheres aqui só saem para ir á igreja; não digo que seja por isso que as festas sejam aí tão frequentes, mas o são extremamente, e se celebram quasi todas as noites. O que parece singular é que o anuncio é feito não só pelo repicar dos sinos, mas por fogos de artificio, queimados em pleno dia e varias vezes. Vi aí muitas portuguezas que me pareceram mediocrementemente bonitas; eram no entanto em sua maioria scdutoras moreninhas; elas vêm a estas festas de igreja vestidas com mais elegancia que modestia e quasi como o fariam para o baile ou para a ópera, o que tornava crível o partido que as intrigas de amor, ao que dizem, tiram destas reuniões. Mas o que ha de mais pastmoso, a meu vêr, para uma pessoa educada em França e habituada, portanto a encontrar nos ecclesiasticos, no altar, attitude piedosa e recolhida, é ver os deste país, quando chegam ao

santuário, voltar-se para os assistentes, procurar com a vista as pessoas de suas relações, sorrir a uns, saudar a outros ... Ha de que fazer corar de espanto”.

“Eu admirava, entretanto, a decoração dessa igreja, toda forrada de panos de seda bordada a ouro, e muito bem iluminada por numero infinito de velas e cirios, quando encantadoras vozes se fizeram ouvir: doces e claras demais para vozes de homens, tinham uma força e um tom grave que nunca se encontram em nenhuma voz de mulher. Assim pois, no Brasil como na Italia, o laxo da musica leva os portuguezes a usarem esses seres mutilados que a natureza desaprova, tristes e deploraveis victimas da sensualidade e da barbaria dos homens! Ha aqui, com certeza, pessoas piedosas: é para felicitar as que podem conservar o recolhimento em semelhantes festas!”

Pontos de reunião mundana, lugares preferidos para os namoricos das sinhás e o inicio dos adulterios das damas, eis como nos pintam essas festas liturgicas do primeiro imperio, continuação do que nos viera dos tempos coloniais. Ainda aqui o especifico supremo das castidades eram — na rua a mantilha que escondia o rosto; em casa a grade ou a rótula muito fechada, muito estreita, porque continuava vitorioso o mote:

“Mulher que viva fechada,
sem grade ou manteu que a escude,
era uma vez a virtude . . .”

E como nesses tempos “um adro de igreja, antes ou depois de qualquer solenidade religiosa, foi sempre, entre nós, uma interessante *vitrine* de namorados. Por ocasião das missas ditas de madrugada, por dias de calor ou sol, chuva ou lama, de relampago ou trovão, quem descobrisse em sítios alcandorados como o morro de S. Bento, Gloria, Santo Antonio e Castelo, um perfil de capela, uma escadaria de igreja ou a porta iluminada de um templo, havia de ver logo, em torno e perto, sombras irrequietas que cruzavam, que saltavam, que esvoaçavam. Eram os namorados, em revoada, eram os *guezões* do amor, em bandos numerosos, irrequietos, chasqueando das prevenções dos pais, zombando das ordens severas do Vice-Rei, desobedecendo ás portarias do bispado (LUIZ EDMUNDO).

Além das cerimoniaes do interior dos templos apreciavam os carocas as festas sacras exteriores. Informa-nos
DU PETIT THOUARS:

“As procissões religiosas são frequentes, no Rio de Janeiro, feitas com grande pompa. Os assistentes são sempre muito numerosos, porque a população em geral, infelizmente muito depravada e pouco religiosa,

atem-se sobretudo á observancia das formas do culto externo. Algumas procissões são bem curiosas pelo grande numero de diferentes ordens e confrarias que a elas assistem; não o são menos pela riqueza e pela variedade dos costumes. A procissão do Corpo de Deus ultrapassava em muito a todas as outras; era, antes da última revolução, um grande dia no Rio de Janeiro; nas ruas estendiam-se ricos estofos de seda; erguiam-se com luxo numerosos oratorios, e o solo era juncado de flôres. O imperador em pessoa e a pé assistia com seus ministros a esta cerimonia, com cirios na mão”.

O aspecto de nossas procissões religiosas, mereceu de MARTIUS, que as viu na Baía, interessante comentario, que vale a pena transcrever:

“O prestito suntuoso de numerosas irmandades de todas as côres, querendo, á porfia, sobressair na preciosidade de suas capas, bandeiras e insignias, alas successivas de beneditinos, franciscanos, agostinhos, carmelitas calçados e descalços, mendicantes de *Jerusalém*, capuchinhos, freiras e penitentes, escondidas no capuz; além disso as tropas portuguezas de linha, com todo o porte marcial e as miúcias da capital, de apparencia modesta, a gravidade e altivez dos padres europeus e todo o esplendor da antiga igreja romana, em meio do barulho selvagem de negros exóticos, isto é, meio pagãos, cerca-

do do bulicio dos mulatos irrequietos, formam um quadro de vida, dos mais grandiosos que o viajante pode encontrar.”

Destacava-se por sua imponencia a procissão de sexta-feira santa, dita do triunfo Carmelita, que punha toda a população nas ruas juncadas de flôres ou debruçada ás janelas ornamentadas dos mais ricos panejamentos, toda ella em trajes de festa.

Contam esta procissão LARONDEAU, official de *la Bouite* e DE BOUGAINVILLE comandante de *la Thétis*, e, referindo-se á mesma, diz o primeiro: “Deante do espetaculo, para mim muito estranho, desse cortejo religioso, parecia-me ver desfilar em os homens dos seculos que se foram; achava-me transportado aos primeiros tempos de nossa historia, assistindo á representação de um desses misterios que faziam as vezes de ópera para nossos bons avós”.

A frente do cortejo marchava com gravidade uma fila de religiosos, vestidos de mantos brancos de lã e longas sotainas negras, dando a mão a outros tantos anjinhos “muito pouco parecidos talvez com os que se encontram no Paraíso, mas que não eram menos curiosos de ver”, diz DARONDEAU.

Eram encantadoras mocinhas (entre os doze e quatorze anos, na opinião de BOUGAINVILLE) cobertas

de ouro e pedrarias. O corpinho brilhante e delicado contrastava com o amplo desenvolvimento das saias balão, descendo até pouco abaixo do joelho, numa riqueza de vestuário que, diz o comandante de *la Thétis* “lembrava o costume das damas de *la Conception* do Atlas de Lapérouse”. Enormes tufos de flores e plumas formavam esplendido toucado e lhes envolviam as lindas cabeças de querubins, frizadas e empoadas; grandes azas brancas, azues ou roseas, completavam-lhes o costume angelico, ao qual servia de acompanhamento grande veu de gaze montada em baleias e “figurando a nuvem na qual esses guardas do imperio celesste tinham descido á mansão terrestre”. Carregavam esses anjos os atributos da paixão.

Vinham em seguida tres grandes figuras vestidas de negro da cabeça aos pés, o rosto coberto por uma mascara negra e tendo auréola dourado, simbolo da santidade. Atrás deles Maria Madalena, que na procissão de 1836 (simples repetição da assistida por BOUGAINVILLE 10 anos antes), era, por sua beleza perfeitamente digna de representar a formosa patrona. Ao lado de Maria Madalena ia S. João Evangelista, os dois precedendo a Virgem Santa “mas uma virgem viva, levada em triunfo por guerreiros romanos” (DARONDEAU).

O feretro, coberto de crepe violeta, bordado a ou-

ro, sob um palio, precedia á virgem e aos santos. Mais para traz sacerdotes com a tiara persa, juizes de toga e rosto coberto, Poncio Pilatos, em costume de cavaleiro, lança em riste, soldados romanos, de insignias desfraldadas e, fechando o cortejo, a musica militar e as tropas da guarnição, de armas em funeral e barretina na mão.

Avançava lentamente a procissão entre duas alas de penitentes, com tochas na mão.

Ao terminar sua descripção diz o official de *la Bonne*: "Por extravagantes que possam parecer as minucias que acabo de descrever, é forçoso convir que o conjunto da cerimonia era realmente bello. Essa pompa, no meio da noite, apenas iluminada pelo clarão dos candelabros bruxoelantes; os cantos sacros que enchiam os ares; as ruas juncadas de flores; o perfume dos turibulos, subindo em brancas nuvens até a cunicieira das casas; todas as janelas com ricos panos e guarnecidas de espectadores em costume de festa; tudo contribuia para produzir effeito singularmente pitoresco, cuja recordação não mais se apagaria. Comecei por sorrir; no fim senti-me emocionado".

CAPITULO VII

RIO DE JANEIRO: VIDA INTELECTUAL; CULTO; ASSISTENCIA.

O que eram, nesses já afastados ultimos anos do Brasil reino, a instrução, as ciencias, as artes no Rio de Janeiro? Mais impressionado pelo inedito da natureza tropical, sempre verde, sempre em festa, de flora e fauna desconhecidas, ou procurando aventuras onde esqueceram a longa abstinencia forçada dos demorados cruzeiros, os viajantes que por aqui passaram, naturalistas ou marinheiros, não deixaram quasi nenhuma linha que se não relacione com a nossa paisagem, de beleza sem par, ou com os embustes de Eros.

As informações que passamos a transcrever são colhidas quasi exclusivamente no longo relatorio de FREYCINET, na viagem de circunnavegação das corvetas *la Physicienne* e *l'Uranic*.

São muitas as escolas primarias onde "ensinam ás crianças a ler e escrever e o cálculo, segundo certo

metodo alemão, que consiste em fazer, de algum modo, cantar as lições”.

Contavam-se no Rio de Janeiro, em 1813, dois seminarios ou collegios para rapazes: o de S. José e o de S. Joaquim. As despesas do ginasio S. José estavam a cargo do rei e do bispo; o governo pagava os professores de francês, de inglês, de matemática e química; o bispo aos de latim, filosofia, historia, geografia e teologia dogmatica.

O seminario de S. Joaquim, onde apenas se ensinavam o latim e o canto-chão, foi em janeiro de 1818 suprimido pelo rei, *de acordo com o bispo*, devido a a certos desregramentos que aí se passavam. Um pouco mais tarde foi ele afeto ao ensino dos orfãos.

Com a vinda de D. João VI passou-se a ensinar em institutos do governo, e gratuitamente, o latim, o grego, o francês, o inglês, a retorica, a filosofia, as matematicas, o desenho e o commercio, fundando-se a *Academia real dos guardas-marinhas*, a *Escola real militar* e a *Escola médico-cirurgica*.

O curso da primeira era de tres anos ensinando-se aí arimética e álgebra, geometria, calculo diferencial e integral, applicação da álgebra á geometria, mecnica, astronomia, ótica, navegação, construção de barcos, como teoria; pratica do uso de instrumentos de astrono-

mia e navegação, manobras de navios, aparelhos, balística; e mais desenho e esgrima.

Vinte e quatro horas antes do exame, que era feito no fim do curso, cada aluno tirava dois números correspondentes a igual numero de questões sobre cada ciencia, tendo o dia todo para estudá-las.

A escola real militar, creada por D. Rodrigo de Souza Coutinho, conde de Linhares, tinha um curso de sete annos. Aí estudavam os cadetes arithmetica e algebra, geometria, cálculo differencial e integral, applicação da algebra á geometria, geometria descriptiva, mechanica, astronomia, ótica, geodesia, tatica, fortificação, ataque e defeza das praças, artilheria, fisica, quimica, zoologia, botanica, mineralogia, épuras de fortificações, épuras de máquinas, paisagem, linguas franceza e ingleza, esgrima.

Na escola medico-cirúrgica davam-se lições de anatomia, operações cirúrgicas, fisiologia, patologia e clinica.

“No pavilhão mais occidental do jardim público”, diz FREYCINET, “faz-se a alguns tempo, durante o verão um curso de agricultura e de botanica, aberto a toda gente: essa util innovação é devida a Fr. Leandro do Sacramento, religioso carmelita, tão estimavel por seu

carater como por seus conhecimentos extensos, como professor”.

E continua: “Devemos colocar no numero dos estabelecimentos de instrução pública os conhecidos pelo nome de *recolhimentos* e destinados ás moças. Contam-se tres no Rio de Janeiro; o da misericordia, ligado á casa desse nome; o da rua dos Barbonos, que depende do mesmo estabelecimento; enfim o recolhimento do Parto, onde ficam reclusas mulheres e moças, não precisamente de má vida, mas que deram algum grave motivo de descontentamento aos pais ou maridos.”

Como meios proprios para facilitar a instrução, havia o gabinete de historia natural, a escola de belas artes e a biblioteca real.

Do primeiro diz DU PETIT THOUARS: O Museu, situado na mais bela praça do Rio de Janeiro, chamada Campo de Santana, só apresenta de notavel a ordem e asseio que aí reinam; é rico em ornitologia e em mineralogia, sendo, aliás, pobre em todos os generos; é pouco visitado, e parece ser no Rio de Janeiro apenas um objeto de luxo pouco util,” em opposição á opinião de FREYCINET que aí encontrou numerosas e belas amostras de minerais, algumas medallas, etc.

“A academia de Belas-Artes,” diz o comandante

de *la Vénus*," é um estabelecimento ainda na infância; possui, por enquanto, numero muito pequeno de quadros e menor de estatuas. Sua administração está confiada a Felix Taunay, homem de real mérito, filho de um pintor francês, justamente pranteado. A direção que ele imprimiu ao ensino, parece bôa e promete felizes resultados. Tive oportunidade de notar os trabalhos de um jovem mameluco, que já denunciava um artista distinto."

A biblioteca real foi formada com os livros que o rei trouxe de Lisboa, reunidos aos do conde da Barca. Contava em 1817 setenta mil volumes, classificados e enfileirados com muita ordem em salas separadas, que dependiam outrora do hospital dos terceiros do Carmo. Em uma das salas só havia obras francesas.

Sobre o que eram as ciencias, belas artes e literatura brasileiras desse tempo, vamos traduzir na integra o paragrafo a elas referentes do relatório de Freycinet:

"Em país onde tanto o clima como os costumes levam á indolencia e á languidez, onde tantas instituições uteis, mesmo necessarias, ficam anda por crear, não se deve esperar que o estudo das letras, das artes e das ciencias seja levado a um grau muito elevado de desenvolvimento. Entretanto alguns Portugueses, distintos por seu merito em mais de um genero, vieram estabelecer-se

no Brasil; sem duvida animados por seu exemplo, os colonos procurarão dentro em pouco seguir tão honrosas pegadas e assim se encontrarão desmentidas essas asserções severas que me foram tantas vezes repetidas de que “os Brasileiros, na maioria, não sentem nem a importancia da instrução nem a vantagem de ter bons livros.”

“Já citamos a capacidade e os talentos do bispo D. José Caetano Coutinho, de Fr. Sampaio (*), pregador do rei, de Fr. Leandro do Sacramento, professor de botanica e de agricultura. A esta lista um pouco curta devem juntar-se os nomes do padre Manoel Ayres de Casal, autor da *Corografia brasilica*; de Silvestre Pinheiro Ferreira, metafisico distinto; do major João Gomes, diretor do jardim botanico, e enfim, a dar credito á fama, a maioria dos professores das escolas militar e de marinha.

“Contam-se, só na capital, mais de 600 medicos ou cirurgiões e 82 droguistas-boticarios. Apesar dessa superabundancia de pessoas pertencendo á arte de curar póde-se ficar ás vezes, num caso urgente, vinte e quatro horas sem poder procurar os socorros de que se tenha

(*) — Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, que Freycinet escreve San-Payio.

necessidade, a menos que se seja assinante, o que nem sempre é fácil, sobretudo aos estrangeiros.

“O conde da Barca, que tinha muita instrução e era apaixonado pelas ciências e belas artes, fez grandes esforços, com a chegada do rei, para difundir o gosto do estudo entre os Brasileiros: é a ele principalmente que se deve a fundação das cadeiras suplementares de medicina, de cirurgia e de botânica. O projeto favorito desse ministro era fundar uma academia de ciências, belas-lettras e belas-artes, mas não encontrando em torno de si todos os personagens de que necessitava para compo-la, chamou ao Rio de Janeiro varios artistas e literatos francezes, entre os quais figuravam Lebreton, Taunay, pintor de genero e de paisagem, Debret, pintor de historia, Taunay filho, escultor, Grangeant, arquiteto, os dois primeiros já membros de Instituto de França. Foi-lhes outorgada uma pensão pelo rei; mas tendo logo morrido o conde da Barca, a academia nunca se reuniu, e os membros já escolhidos acabaram por dispersar-se, depois de terem sofrido muitas injustiças e desgostos.

“Citam-se ainda, na classe dos arquitetos, alguns maus imitadores italianos, desprovidos de gosto e aos quais se censura misturar e confundir todas as ordens. Os portuguezes entendem, entretanto, ás maravilhas, de

tudo o que se liga ás conduções de aguas, e particularmente á construção de aquedutos.

“Entre os nacionais, os que se occupam de pintura não gozam de reputação alguma, a não ser, dizem, certo José Leandro, a quem não falta colorido mas que é mau desenhista. Ha tambem pequeno numero de gravadores muito mediocres.

“Na época de nossa estada no Rio de Janeiro, contava-se na cidade apenas a imprensa regia. Antes houvera tambem um impressor francês; mas, por sua morte, seu estabelecimento foi destruido. A impressão é mediocre e muito cara: o preço de uma folha, em tipo *cicero*, tirada a mil exemplares, em papel ordinario, custa 7200 reis ou 45 francos.

“A arquitetura naval parece ser muito bem entendida; contudo constroem-se poucos navios no Rio de Janeiro, não porque falem madeiras convenientes mas porque prevalece o uso de que as construções se fizessem principalmente na Baía. O navio de 74 canhões *S. Sebastião*, que vimos no porto, era por ocasião de nossa estada, o unico barco desse tamanho que tivesse saído dos estaleiros da capital; embora com trinta anos de construido era ainda considerado como novo.

“No numero dos relojoeiros francesês e inglêses que se estabeleceram no Rio de Janeiro, ha alguns cuja

habilidade é recomendavel. Citarei, entre os primeiros, Triquet, que, tendo-se encarregado de limpar um dos relógios marinhos de Berthoud, de bordo de *la Physicienne*, desempenhou-se muito bem: esse cronometro depois se comportou até a França com grande regularidade.

“De todas as artes cultivadas pelos Brasileiros e Portugueses, a musica é aquella que tem para eles mais atrativos e na qual tambem mais brilham. Ouvimos muitas vezes, com admiração, a musica da capela real, da qual quasi todos os artistas eram negros, e cuja execução nada deixava a desejar. Um celebre compositor, MARCOS ANTONIO PORTUGAL, vindo de Lisboa com o rei, era o superintendente dessa instituição musical, que lhe deve, assim como a um alemão, NÉUCUM, hoje em Paris, as obras mais distintas de seu repertorio.

“Eram referidos alguns compositores de menor força, entre outros um mulato, o padre José Mauricio, que tem valor. Mas para a execução nada me pareceu mais admiravel que o raro talento, na guitarra, de outro mulato do Rio de Janeiro, chamado Joaquim Manoel. Sob seus dedos esse instrumento tinha um encanto inexprimivel, que nunca encontrei em nossos guitarristas europeus mais afamados (*). Sob seus dedos a

guitarra já não é um instrumento vulgar, é uma harmonia desejada e deliciosa que se diria vir do ceu e que é impossível conceber sem tê-lo ouvido," dizia o mesmo viajante por ocasião de sua segunda permanencia no Rio, e continua: Lembro-me da habilidade de alguns dos famosos guitarristas que visitaram Paris, e mais particularmente a do celebre Sor; pois bem! a execução de Manoel é muito superior, e pode-se dizer que de todo inimitavel. E' ele autor de varias e lindas *modinhas*, especies de romances muito agradaveis, das quaes NEUCUM publicou uma coletanea em Paris.

"Ouvimos falar repetidamente de uma escola de musica destinada particularmente a formar negros na pratica dos instrumentos e do canto e á qual S. A. R., hoje imperador do Brasil, que tambem cultivou essa arte com grande successo, dava uma proteção especial. Tal instituição, assegura A. BALBI, assim como todas as que, estabelecidas no Brasil antes da chegada do rei, se prendem á civilização e á instrução do povo, é devida aos jesuitas. A fazenda de Santa Cruz, que lhes pertencia, tornou-se, com a supressão desta ordem celebre, propriedade da corôa. Felizmente a escola a que nos referimos não foi extinta. A primeira vez que o rei e sua côrte ouviram a musica nessa casa regia, ficaram admirados da perfeição com que negros

dos dois sexos executaram a musica, tanto vocal como instrumental. Sua Majestade, comprehendendo as vantagens que podia tirar desse estabelecimento, augmentou-lhes os meios de instrução litteraria como musical: e logo se viram sair dessa escola cantores e tocadores de instrumentos, habilissimos e dignos de figurar entre os musicos da capela real. Citam-se especialmente duas negras que, pela beleza da voz, arte e expressão do canto, poderiam rivalizar com as principras *virtuosas* da Europa.

“A arte da dansa é pouco cultivada no Rio de Janeiro, embora haja, ao que me asseguram, alguns professores francezes muito bons. As dansas do país têm um carater particular e ao qual os principios de nossa coreografia são quasi inteiramente estranhos.

Não entra tão pouco na educação dos brasileiros aprender esgrima: um francês, tendo julgado opportuno abrir uma escola, fracassou.”

Notam todos os viajantes a falsa religião do povo num meio onde as praticas exteriores do culto — missas cantadas, procissões, ladainhas eram quasi diarias, mas consideradas apenas como outros tantos divertimentos e não como motivos de piedade.

O clero numeroso, merece, no dizer de Freycinet, “em igual proporção censuras e elogios.” “No meio

dos abusos monstruosos," acrescenta o mesmo marinhheiro, "que a ignorancia, a depravação de costumes e o desenfreado amor das riquezas fizeram desabrochar no Rio de Janeiro, encontram-se, contudo, pessoas de piedade doce e esclarecida, mas é forçoso confessá-lo, são em pequeno numero."

Pululam os monjes pelas ruas do Rio de Janeiro, e o comandante da corveta *l'Uranie* comenta:

"Os retratos que Lesage faz dos de Espanha e que eu acreditava de côres carregadas, voltam á memoria, vendo esses padres, gordos e floridos, vestidos de fina lã, levantando com graças a ampla batina, apertada por uma cintura de seda, guarnecida de ricas glandes e deixando aparecer finas meias de seda branca, bem esticadas.

"Dando-se credito á cronica escandalosa, esses monjes deixam á noite seus habitos monasticos e tomam um costume profano, com o qual fazem incursões noturnas, muito pouco edificantes. Assegura-se que, apesar do desejo que tem o bispo de reprimir essas desordens, nada conseguiu ainda, por causa da riqueza imensa desses monges e de seu credito na côrte. D. José Caetano Coutinho é, no entanto, homem de muito merito e geralmente respeitado. Fui vêr varias vezes esse prelado respeitavel que me recebeu

com extrema bondade. Penetrado dos deveres de seu estado e da dignidade de seu cargo, sabe aliar ás virtudes episcopais o gosto das letras e da erudição: familiar com os nossos bons autores não menos que com os de Roma antiga, me admirava muitas vezes pelo a-proposito das citações que gostava de fazer dos poetas que ilustraram a França. Fizera, como amador de historia natural, uma viagem diocesana pelo interior do Brasil, e essa circumstancia aumentou a pena que a brevidade de nossa escala me fez sentir, por não poder gozar mais tempo dos encantos de sua conversação, tornada, graças á sua bela memoria, tão substancial e interessante. Se eu soubesse bem o portuguez, desejaria ter ouvido Fr. Sampaio, franciscano, pregador do rei, gozando aqui igualmente de grande reputação”.

Havia então nesta cidade tres conventos de homens — beneditinos, franciscanos e carmelitas — e dois de mulheres — carmelitas descalças da reforma de Santa Tereza e franciscanas da Ajuda. Contavam-se, além disso tres hospícios: o primeiro para os monges da ordem terceira de S. Francisco, destinado ao serviço de capelães nos navios de guerra; o segundo para os missionarios italianos, uns pregando no Brasil e outros indo para a Africa: o terceiro, recebendo

os capuchinhos, encarregados da coleta de esmolas, para os conventos da Terra-Santa.

A respeito dessa profusão de monasticos escreve FREYCINET: "Se admitirmos, com o autor de uma obra ascetica celebre (*Imitação de Jesus-Cristo*), que o verdadeiro religioso deve viver no retiro, nutrir-se pobremente, trabalhar muito, falar pouco e manter-se em regularidade perfeita, seremos obrigados a convir que o numero de religiosos é bem pequeno no Rio de Janeiro, embora haja aí muitos individuos com esse titulo".

Das ordens, os beneditinos são os mais ricos; só 23 monjes moram na cidade; os outros estão disseminados na provincia, onde a ordem possui grande numero de habitações, fazendas, importantes engenhos de açúcar, vastas culturas, numerosos escravos. "Entre eles", continua FREYCINET, "não se encontra essa alta instrução que tornou outrora sua ordem tão celebre em França: o cuidado de fazer frutificar sua excessiva fortuna, procurar com desvelo as delicias de uma vida mole e sensual, eis o que os ocupa e mal se dignam, ás vezes, de salvar, pelo respeito humano, as apparencias de decoro. *Maximas virtutes jacere necesse est, voluptate dominante*".

Sobre os carmelitas, mudados para o antigo semi-

nario da Lapa, desde que o seu convento foi reunido ao palacio real, não colheu FREYCINET dado alguma. No convento de Santo Antonio havia então (1821) uns sessenta franciscanos. "Estes religiosos", informa o mesmo autor, "entre os quais ha alguns homens instruídos, não possuem nenhum bem, vivendo exclusivamente das coletas que fazem e das oferendas que lhes trazem. Mas tudo anuncia que a regra desse convento nada tem de austera: os frades, com effeito, obtêm facilmente de seu superior permissão para sair á noite e voltar a qualquer hora".

Louva a regularidade das carmelitas de Santa Tereza, em numero de vinte e unia, e com a reputação de virtuosissimas, vivendo em comunidade, servindo-se a si mesmas, não podendo ser vistas de ninguem. As franciscanas da Ajuda, embora enclausuradas, possuem varias escravas que as servem em celas separadas, onde lhes é permitido receberem visitas, vivendo como senhoras e quasi independentes.

Como estabelecimentos de assistencia contavam-se então as ordens terceiras de S. Francisco de Assis, Nossa Senhora do Carmo e S. Francisco de Paula, cada qual com patrimonio proprio, igreja, hospital para os irmãos pobres e doentes e um asilo para os irmãos valetudinarios e reduzidos á miseria, sendo dos tres a mais consideravel a de S. Francisco de Paula.

Sobre a Santa Casa da Misericórdia, contra a qual ainda hoje tão levemente se deblatera, convém transcrever as palavras de FREYCINET. Escreve o comandante de *l'Uranie*:

“Mas a instituição desse genero mais bela e mais digna de elogios é a conhecida sob o nome de *Santa Casa da Misericórdia*. A época em que nasceu em Portugal remonta, asseguram, ao anno de 1520. Um monge dominicano teve a primeira idéa; o rei D. Manoel, o Venturoso e sua mulher Leonor d’Austria muito o animaram, de maneira que em pouco tempo benefícios se espalharam não só por todo o reino como tambem pelas colonias. O fim a que se propõem os membros dessa pia instituição é *criar, instruir e aliviar o mais possivel os individuos das classes pobres e soffredoras*. Basta ser infeliz ou enfermo para ser por ella assistido, diz MURPHY. Sua caridade não se limita a acolher os aflitos, vai procurá-los e levar-lhes consolações e socorros em seus asilos particulares. O rei, os príncipes, todos os senhores da corte, assim como verdadeira multidão de pessoas de linhagem menos eminente, pertencem a essa associação; e é um espectáculo tocante vêr, nas reuniões, o menor artifice, sentado ao lado do grande senhor, tendo ambos o mesmo di-

reito de votar, de decidir, gozarem de perfeita igualdade. As somas de dinheiro, muito consideráveis, de que dispõe a confraria, são applicadas na manutenção dos seguintes estabelecimentos, a saber: 1.º *um hospicio para os expostos*, onde se ensina uma profissão aos meninos, estabelecendo-os em seguida; as moças são casadas e recebem um dote; 2.º *um recolhimento para os orphãos abandonados*, dos dois sexos, nascidos de matrimonio e de pais brancos, que recebem tratamento semelhante ao administrado aos expostos; 3.º *um hospital para os pobres*, como as outras ordens. Os membros da confraria impõem-se o piedoso dever de fazer enterrar os pobres, seja qual fôr sua raça, occupando-se tambem de melhorar a sorte dos prisioneiros. "Logo que um criminoso é condemnado á morte", diz MURPHY, "não mais o abandonam; consolam-no, animam-no, acompanhando-o até o lugar da execução, onde o exortam a arrepender-se. Sua humanidade não pára nestes cuidados, estende-se até o tumulto e mesmo além, porque recolhem o corpo da vitima, que sepultam com decencia, e fazem dizer certo numero de missas pelo repouso de sua alma. Comportam-se do mesmo modo para com as pessoas que morrem na indigencia. Póde-se dizer assim que o desgraçado, desde o berço até a morte, é objeto dos cuidados desses homens realmente caridosos".

CAPITULO VIII

RIO DE JANEIRO: RECURSOS NATURAIS; FAUNA.

O que mais surpreende aos Europeus, chegados ao Brasil, é a beleza e vigor da vegetação que veste a terra de um manto perene de veludo verde.

“Em parte alguma”, diz FREYCINET, “se encontram charnecas ou savanas na provincia do Rio de Janeiro; os campos cultivados são numerosos, principalmente nos lugares onde o transporte dos productos pode ser efetuado por agua. Ordinariamente as florestas cobriam todo o solo e hoje ainda, quando um terreno arroteado é abandonado durante algum tempo, as arvores crescem em abundancia. Mas o que parece curioso é que essas novas arvores, assim como as plantas herbaceas que aí nascem espontaneamente em nada se parecem com os vegetais de que esse terreno foi primitivamente despojado: são fetos, arvores de lenha mole, em sua maioria, cujos analogos não

se encontram nas florestas virgens. Quando se faz segundo arroteamento, a consideravel distancia daquelle, para que as sementes não possam ser transportadas de um a outro pelos ventos, o fenomeno se reproduz.

O BARÃO DE BOUGAINVILLE faz a mesma observação: "O país, nos arredores, tanto quanto a vista póde alcançar, é quasi inteiramente coberto de florestas, faceis de distinguir, ao que se diz, para os habitantes, das que foram renovadas pelo machado ou pelo fogo; porque, além do carater de desordem e grandeza selvagem que lhes é proprio, as arvores que compõem umas e outras são tambem de especies diferentes; e isso em consequencia de estranha singularidade, bem difficil de explicar, mas não sendo menos real, no dizer de DE GESTAS, que se apoia nas narrativas de varios viajantes celebres: contam que, devastando as florestas primitivas, não só do Brasil, mas de todas as regiões da America, as antigas arvores perecem, elevando-se uma nova geração, cujas sementes não eram conhecidas. Essa criação successiva tem de que surpreender, menos, contudo, em um país novo, onde o solo, não removido, pode encerrar germens que só se desenvolverão ao ar livre, e onde seu vigor é tal, que aí se encontram arvores de tão prodigiosa altura, que uma bala de espingarda não lhes chega ao topo.

"A variedade de arvores, em espaço muito circun-

scrito, é verdadeiramente extrema e haja embora, numa floresta, muitas da mesma familia, nunca se encontram reunidas dez a doze reunidas; quando muito vêem-se duas ou tres. Pode calcular-se em sessenta ou mesmo oitenta o numero de grandes vegetais de especies diferentes, que é provavel encontrar num quarto de legua quadrado de floresta, sem contar as plantas herbaceas e as lianas, que aí estão sempre em profusão”.

Sendo nesse tempo a madeira a principal materia prima para as construções navais, chama a atenção o comandante de *l'Uranie* para o ótimo material fornecido por nossa flora: com poucas que se prestassem para a mastreação por seu elevado peso especifico, para outras obras era excessivamente rica; a peroba vermelha, a oiticica, a sucupira fornecem curvas admiraveis; o vinhatico, o angelim, o jacarandá, o olio amarelo, o arco verde enormes cintas incorrutiveis, etc.

Dá o mesmo autor uma lista de 60 arvores com as dimensões do tronco, a altura, a côr e qualidade da madeira, as obras em que a mesma é empregada e algumas observações, referentes especialmente ás construções navais. Os elementos desse quadro lhe foram fornecidos pelo conde Ayinar de Gestas e por D. Francisco Maximiliano de Souza. “pessoas tão instruidas quão respeitaveis”.

Dessa longa lista vamos destacar apenas as já por esse tempo, empregadas em marcenaria e marchetaria, e que eram a *cangirana*, de côr vermelho-brunea, o *gandariú*, a *iririba*, amarela, com tons roscos, o *itapicurú*, mui semelhante ao vinhatico, o *jacarandú*, a *merendiba*, avermelhada, a *mererenga*, a *murta*, (susctível de receber belo polimento mas com o defeito de não durar muito), o *pau brasil*, o *pau da rainha*, um dos melhores e mais lindos, também conhecido por *ibirapitanga* e *brazilete*, e *roxo fino*.

Junta a isso o nosso FREYCINET um quadro dos principais frutos da provincia do Rio de Janeiro, de alguns dos quais estropia deliciosamente os nomes:

O *araçú* é para ele *araras*; e a *grumixama* é *gurmichamo*, com o tamanho, a côr e quasi o gosto da cereja.

Curiosa a descrição do cajú: "Fruto do tamanho e quasi da forma de uma pera ordinaria, mas quasi tão grosso em cima como em baixo, de côr amarela, vermelha e verde, com abundante suco, mas quasi sempre travoso. A semente, que se acha na parte externa e posterior do fruto, contém bôa amendoa, cuja casca está cheia de olio corrosivo". Achou ela na jaca sabor doce, um pouco nauseabundo. Informa-nos que o conde de Gestas obteve no Rio de Janeiro maçãs tão bôas como as de França, e monstruosas, e que o tamarindo, embora abundante, era muito caro.

Passando ás plantas alimentares refere-se ao inhame e á taioba, tres especies de batata doce e palmito.

Entre as especiarias indigenas cita a pimenta e os frutos aromaticos e picantes da pindaiba.

Interessante a série de plantas medicinais: ao lado da jalapa, a bardana, a ipecacuanha, empregada com frequencia na Europa, e crescendo aqui em estado selvagem, não esquece a pari-paroba, empregada nas doenças pulmonares, a *herua de bicho*, usada em enteroclistmas para refrescar o sangue; a *herua tostão* e a *herua grossa*, sudorificas e peitorais, a aristoloquia odorifera, a *herua de Santa-Maria*, aplicada com sucesso nas feridas.

“O chá,” comenta ele, “que poderia tão facilmente e em tão poucos anos render varios milhões de francos, é considerado como objeto de simples curiosidade; e o tabaco, de qualidade perfeita, daria tambem lugar a um comercio muito produtivo, se os habitantes quisessem dar á cultura dessa planta a atenção que sua importancia exige.”

Admiravel a *sicupira-mirim*, cujo liber adstringente, em banhos, cura as doenças provenientes da falta de transpiração, e bebida, convem ao tratamento dos males cutaneos. O suco extraido do liber “é empregado com sucesso para prevenir a irritação que causa a mordedura da cobra *swaraca* (sic!); reduzidas a

pó o liber e a raiz do *angelim-chá*, tem-se poderoso antídoto contra a dentada da *jararacussú*.

Para os cortumes empregam-se a casca da canafistula e de um arbusto chamado *manja* (?) e as folhas dos mangues.

Referidos o óleo de copaiba e o de sementes de algodão, acrescenta: "Obtem-se também óleo do fruto de uma árvore, chamada batiputá no país e, além disso, de duas espécies de mandobim (sic) óleo agradável para a mesa. O coqueiro e várias espécies de palmeiras dão-no em abundância. O do *pichy-y* (?) é bom de comer e muito procurado pelos habitantes do interior, sendo extraído da polpa do fruto; a amendoa fornece excelente sebo. O óleo de gergelim é excelente. Ele é extraído, finalmente, da oiticica e dos frutos de algumas outras plantas.

Era muito difícil de conservar cães no Rio de Janeiro: a sarna e a tosse matam-nos rapidamente. Os gatos morrem eticos.

Quando se vê a desoladora pobreza da fauna atual, em larguíssima área em torno de todas as aglomerações humanas no Brasil, parecendo comprazer-se nosso povo no extermínio estúpido dos animais, sem que nenhuma lei ponha um paradeiro a este crime, como nos encham de inveja as informações de FREYCINET

sobre a fauna do Rio de Janeiro (!) a pouco mais de um século:

"No numero dos mamiferos indigenas, os mais frequentes encontrados no Rio de Janeiro são uma especie de cabrito montez, chamado *viado* (!), a paca, de carne branca mas desenxabida; varias especies de porcos selvagens ou pequenos javalis, e uma especie de coelho, muito saboroso. As antas não são raras: e, nas florestas, ha diversas especies de macacos, entre outras o ateles aracno, cuja carne é muito apreciada e bôa, ao que se diz, para a tísica (*). Andam esses animais aos bandos e fazem ouvir nas selvas um mugido fortissimo e lugubre. Reunem-se em grande numero nas mais altas arvores, diz ESCHEWEGE, e então soltam seu grito em uma especie de concerto que se assemelha ao canto dos judeus numa sinagoga; um só macaco começa e o outros repetem em côro tão singular sinfonia: a côr desses animais é de um branco sujo, como a da lâ não lavada e são do porte de um grande cão de caça".

Coatis, cotias e tatus eram comunissimos e ás vezes, no Corcovado, apareciam preguiças.

"Diz-se muita coisa sobre sua organização e pouca

(*) -- Talvez de sua magreza extrema, concluisse o povo, hancemianamente, suas virtudes terapeuticas.

vivacidade de seus movimentos," escreve QUOY, "e graves pessoas que as observaram na natureza, cometeram a seu respeito enormes erros. Todos os livros anunciam, efetivamente, que a preguiça leva varios dias para trepar a custo na arvore, cujas folhas lhe devem servir de nutrição. Tivemos uma á bordo de *l'Uranie* que viveu alguns dias e toda a equipagem foi levada a vêr que lhe eram precisos mais de vinte minutos para chegar ao alto de um mastro de cem pés de altura; decia com o mesmo desembaraço, o que faz, pelo menos, supor que ella não se deixa cair do alto das arvores, depois de lhe ter comido as folhas, como ainda tantas vezes se repetiu. Seus movimentos são tardos, sem duvida, e sua organização, que lhe torna o caminhar excessivamente penoso, parece estranha nessas regiões, onde os animais são notaveis, em geral, pela vivacidade; mas quando aguilhoada pela fome, trepa bem rapidamente. Nada mesmo muito bem, como tivemos occasião de verificar."

Admira-se FREYCINET do tamanho de nossos perús, para os quais dá, erroneamente, o Brasil como "terra natal"; e continúa: "O jacú, galinaceo do tamanho de uma galinha, é um manjar delicioso: essa ave é facilmente capturada e torna-se mesmo, ás vezes, incomoda por sua familiaridade. Uma especie de pavão,

chamada *jacutinga*, varias perdizes, o macuco, e grande variedade de pombos, oferecem nutrição não menos estimada e salubre.”

Penetrando-se na solidão das florestas, não se sabe o que mais prenda e mais convide a um doce devaneio: se essa imensa variedade de aves, refletindo as côres mais vivas, se o canto melodioso e sonoro de algumas especies. QUOY, que com seu colega GAIMARD, era o encarregado dos estudos zoologicos da expedição das duas corvetas *la Physicienne* e *l'Uranie*, (e cujos nomes tantas vezes aparecem juntos na descrição de grande numero de animais ainda desconhecidos, tornando-se, por isso, familiares a todos os zoólogos), escreve de nossa avifauna, nesse primeiro quartel do seculo passado:

“Quando não houvesse mais que a numerosa familia dos tangarás e a dos cardeais para ornar as florestas com sua brilhante plumagem, não nos cansariamos de admirar-lhes a riqueza. Mas os verdeilhões, as toutinegras, os papamoscas, etc. etc. (*), parecem querer compensar por seu numero o que lhes falta do lado

(*) — Escrevendo para a França, procura QUOY referir-se a passaros nossos, semelhantes aos conhecidos de seus compatriotas, dando-lhes nomes que a esses sejam familiares, pois que patativas, cambaxilras e viuvinhas nada lhes diriam.

da plumagem. As arvores que cercam as habitações possuem também seus hospedes amáveis; quem pôde deixar de admirar o beija-flôr que, a todos os momentos do dia, vem, ornado das mais ricas côres da natureza, mergulhar o bico afilado no calice das flôres da bananeira e do mamoeiro!

“Falarei do ani, de negra plumagem, que naturalistas puseram no numero das pegas, mas das quais se afasta por seus costumes pacificos? Vive essa ave em sociedade, composta ordinariamente de dois, ás vezes de quatro ou de seis membros; logo que um deles pousa num ramo, os outros vêm colocar-se em fila e pertinho, como se fossem irmãos. Se é verdade, como asseguram, que essa reunião subsiste mesmo na época dos amores, quando teriamos de admirar tão singular exemplo de sociabilidade.”

Informa-nos que o tucano é muito procurado para adorno das senhoras.

Papagaios e periquitos eram ainda, nos arredores da cidade, tão numerosos que constituíam verdadeiras pragas para os agricultores. A leitura dessas paginas enche de infinita magua a quem, por pouco que seja, se interesse pela natureza, comparando essa paisagem tão cheia de vida, de colorido, de vibração, de musica dos suburbios do Rio de então com a desolação, a

mudez, o vazio da paisagem de hoje, graças ao vandalismo de nosso povo, á sua pouca educação e a incuria criminosa de todos os nossos governos. Mas para que ser a voz que clama no deserto?

Continuemos a ler o naturalista de *l'Uranie*:

"As aves ribeirinhas e marítimas", diz ele, "não são menos numerosas. Os martin-pescadores são de plumagem mais bela que na Europa. Na foz dos rios encontra-se a garça-branca, a jaçanã nos vales irrigados; enquanto as enseadas da costa são cobertas de fragatas que, do alto dos ares, se precipitam sobre o peixe que apanham sem mergulhar, e as gaivotas que todos os dias vem do fundo da baía pescar perto da barra. Mal esta ave voraz percebe a presa, fechando as azas, alongando e entesando o pescoço, deixa-se cair, e mergulhando parece um dardo que se tenha lançado; sai logo da agua sem estar molhada e começa de novo seu exercicio."

Tranquiliza o naturalista francês aqueles que quiserem percorrer os arredores do Rio de Janeiro a respeito de serpentes venenosas, que reputa raras, mas diz FREYCINET ter encontrado a surucucú na Tijuca.

"O reptil mais hediondo que talvez exista," observa QUOY, "é o sapo cornudo (o intanha): do tamanho da copa de um chapéu, duplica de volume, inchando

á vontade, e parece ameaçar, erguendo os apêndices carnudos que têm acima de cada palpebra. Irritado, abre uma guela enorme, fazendo ouvir um som agudo e volta-se de todos os lados para morder. É difficil não achar divertido sua colera, que aliás nada tem de perigosa.”

Distinguem-se no Rio de Janeiro dois grupos de peixes: os que podem ser comidos sem risco, chamados *peixes de doente*, e os outros, de carne de difficil digestão. Entre os primeiros cita FREYCINET: a *anchova*, o *rodobaldo* (*), rarissimo; a *garuba* (**), de carne semelhante á do merlam, a *corvina grande*, excelente e rara e a *corvina pequena*, abundante e pouco apreciada; a *inchada* tendo no ventre um osso com a forma de cabeça e bico de narceja. Dos segundos louva o *meiro* (***), enorme peixe aqui de gosto mediocre, embora excelente na Baía; a *cavada*; o *olhete*; o *marimba* e o *olho de cachorro*, deliciosos; varios tubarões e raias, muito bons: enguias, muitas sardinhas, etc.

“Ha poucas variedades de mariscos no Rio de Janeiro: as ostras e mexilhões são abundantes, mas as

(*) — Robalo?

(**) — Garoupa.

(***) — Meiro.

primeiras são pequenas e desenxabidas. As lagostas, caranguejos e outros crustaceos, que se pescam na baía, são de excelente paladar.”

Sobre nossos insetos diz FREYCINET: “Talvez nenhum país ofereça maior variedade de insetos que este que nos ocupa. Que multiplicidade de formas! que reflexos! que variedade de cores! a numerosa classe das borboletas parece dever, por si só, esgotar as combinações brilhantes. Mas as outras famílias de insetos, inda mais numerosas, não lhes cedem na elegancia e brilho das tintas.”

DARWIN, que tanto se estende, amavel e minucioso, sobre as republicas do Prata, é sempre laconico e pessimista para o Brasil, a cujo povo só se refere com palavras de censura.

Demorando-se no Rio de Janeiro, tudo que acha para dizer da cidade e de suas paisagens, é resumido nestas duas linhas de irreprimido encanto:

“Durante o resto de minha estada no Rio, habitei uma pequena casa de campo, situada na baía de Botafogo.

“Impossivel sonhar nada mais delicioso que essa demora de algumas semanas em tão admiravel país.” Mas seu extase é só para a natureza. Ao cair da noite fica a escutar, imovel, o canto das pererecas, das ci-

garras e grilos, cujo grito, “diminuído pela distancia, não deixa de ser agradável.”

Interessantes suas observações sobre os vagalumes e as borboletas musicas.

Dos primeiros diz ele: “A essa hora, as moscas luminosas voam de moita em moita; por uma noite sombria, pode perceber-se a cerca de 200 passos a luz que projetam. Todas as moscas luminosas que pude apanhar aqui são lampiridas (familia a que pertence o verme luminoso inglês) e o maior numero de especimens eram de *Lampyris occidentalis*.

Este inseto, segundo numerosas observações feitas por mim, emite luz mais brilhante, quando irritado; nos intervalos os aneis abdominais escurecem. A luz é produzida quasi instantaneamente nos dois aneis, percebida primeiro, entretanto, no anterior. A materia brilhante é fluida e muito adesiva; certos pontos em que a pele do animal fora rasgada, continuavam a brilhar e emitir leve cintilação, enquanto as partes sãs se tornavam obscuras. Decapitado o inseto, os aneis continuam a brilhar, mas a luz não é tão intensa como antes; uma irritação local, feita com a ponta de agulha, aumenta sempre a intensidade da luz. Num caso pude observar que os aneis conservavam a proprie-

dade luminosa durante cerca de 24 horas depois da morte do inseto. Esses fatos parecem provar que o inseto possui apenas a faculdade de extinguir durante curtos intervalos a luz que emite, mas, em todos os outros instantes, a emissão luminosa é involuntaria. "Ao contrario das adultos, observa que as larvas são pouco luminosas, de luz não excitavel pela irritação e têm na cauda órgão muito singular que, por meio de disposição muito engenhosa, póde exercer as funções de sugador e reservatorio de saliva ou liquido analogo."

Da *Ageronia feronia* (*), escreve: "Essa borboleta é muito comum. Voando, embora, muito alto, pouza habitualmente no tronco das arvores. Mantém-se então de cabeça para baixo e azas estendidas horizontalmente, em lugar de elevá-las verticalmente, como fazem, em sua maioria, as borboletas. E' além disso, a unica que vi servir-se das patas para correr, mas, fato ainda mais singular, possui a faculdade de emitir sons. Varias vezes um par dessas borboletas, provavelmente macho e femea, passaram a um ou dois metros, perseguindo-se uma á outra. Ora, todas as vezes ouvia dis-

(*) — As *Ageronias* são borboletas pardo-escuras, de azas sapintadas de claro, parecendo em seu desenho troncos com liquens.

tintamente um ruído semelhante ao que produziria uma roda dentada passando numa taramela. O ruído renovava-se com curtos intervalos e podia perceber-se a uma distancia de cerca de 20 metros.

Nos campos do Rio de Janeiro, diz QUOY “é rara a arvore, a moita que não seja animada por besouros do mais rico aspecto, capricornios ou enormes gafanhotos de azas vermelhas que de longe se diriam passaros.” Mas seu entusiasmo arrefece, sentindo-se picado pelos borrachudos (*), “mosquinhas” de tromba quasi imperceptivel, mas tendo tanta força “que faz prontamente vir o sangue, que se extravasa em torno da picada, e mais de dez dias depois ainda permanecem as moscas, semelhantes a grãos de mostarda.”

Refere-se FREYCINET ao bicho de pé, com todos os seus incomodos, aos cupins, que “cortam a roupa, os livros, até a madeira de modo desolador, provocando grandes e rapidos estragos, e ás formigas, de *correição* e *carregadeiras* (a nossa temivel saúva), tão curiosas por seus habitos e que chamaram a atenção de todos os forasteiros aqui aportados.

Assim, diz FREYCINET: “depois de forte chuva, e ás vezes sem causa aparente, vêem-se enxames de uma especie particular de formigas, chamadas no país

(*) — Que ele escreve *bourachoude*.

formigas de correição, chegar ás casas em numero de varios milhões; picam fortemente, quando excitadas; no caso contrario, por assim dizer, apenas passam, com uma atividade extraordinaria e um ruido notavel. Prendem, ás vezes, as baratas e levam-nas." Mais precisas são as observações de DARWIN. "Um dia," diz ele, "fiquei muito admirado de ver grande numero de aranhas, baratas e outros insetos, assim como lagartos, atravessarem um terreno, dando sinais da maior agitação. Um pouco para traz vi as arvores e as folhas completamente negras de formigas. A tropa, depois de ter atravessado o terreno nu, dividiu-se e desceu ao longo de velho muro; conseguiu assim envolver alguns insetos, que fizeram espantosos esforços para subtrair-se a horrivel morte. Quando as formigas alcançaram a estrada, mudaram de direção, dividiram-se em filas estreitas e tornaram a subir o muro. Coloquei pequena pedra, de modo a interceptar o caminho de uma das filas; o batalhão inteiro atacou-a e retirou-se immediatamente. Pouco depois outro batalhão voltou á carga; mas, não tendo podido demover o obstaculo, retirou-se por sua vez e o caminho foi abandonado. Fazendo um desvio de uma ou duas polegadas, a fila poderia evitar essa pedra; é o que, sem duvida, teria acontecido se ella lá estivesse desde o principio, mas estes co-

rajosos pequeninos guerreiros tinham sido atacados e não queriam ceder.”

Preciosas, igualmente, as linhas do grande naturalista inglês sobre os maribondos caçadores: “Encontram-se em grande numero, nos arredores do Rio, certos insetos que parecem vespas e constroem celulas de argila para suas larvas no recanto das varandas. Enchem tais celulas de aranhas e lagartas, que parecem saber picar admiravelmente com seu ferrão, de modo e paralisá-las, sem matá-las e que aí ficam, semimortas, até que os filhotes nasçam: As larvas nutrem-se d'essa horrivel massa de vítimas impotentes, mas ainda vivas; horrivel espetaculo, que um naturalista entusiasta (*) chama, entretanto, divertido e curioso! Um dia observei com muito interesse terrivel combate entre um *Pepsis* e grande aranha do genero *Lycosa*. O maribondo precipitou-se de chofre sobre a presa, para voar imediatamente; a aranha estava evidentemente ferida, porque, tentando fugir, deixou-se rolar ao longo de pequena declividade do terreno; restavam-lhe, porém, forças suficientes para arrastar-se para uma moita de hervas, onde se ocultou. A vespa voltou pouco depois e pareceu surpresa de não encontrar

(*) — Refere-se a Abbot, que observou costumes semelhantes nos *Pepsis* da Georgia.

imediatamente a vitima. Começou então uma caça tão regular como pode ser a de um cão que persegue uma raposa: voou daqui para ali, fazendo incessantemente vibrar azas e antenas. A aranha, embora bem escondida, foi logo descoberta e a vespa, temendo ainda evidentemente, os maxillares (*) de sua adversaria, manobrou com cautela para aproximar-se dela e acabou por infligir-lhe duas picadas na face inferior do torax. Afinal, depois de ter com as antenas cuidadosamente examinado a aranha, atualmente imovel, dispôs-se a carregar a presa”.

Conta-nos FREYCINET que a cochonilha, introduzida no Rio de Janeiro pelo governador D. Luiz de Almeida, foi a principio cultivada com successo no distrito de Cabo-Frio, mas que, tendo os encarregados da colheita desses preciosos insetos alterado o producto por fraudulenta mistura de farinha de mandioca, caiu em descredito e ruina esse commercio.

Dos outros invertebrados terrestres, apenas nos fala DARWIN, o mais naturalista dos que nas viagens de circumnavegação visitaram o Brasil nessa primeira metade do seculo passado. Desculparão meus leitores

(*) — É designação errada de DARWIN para os queliceras, que não correspondem evidentemente aos maxillares, e que alguns autores antigos chamam mandibulas.

que, nestas paginas escritas por quem a tantos anos vem mergulhado nos estudos de zoologia, haja espaço talvez demasiado para observações concernentes á fauna. São elas, no entanto, de tal maneira interessantes, que não posso furtar-me ao prazer de transcrevê-las.

Diz o autor da *Origem das Especies*, e apenas, nesse tempo, jovem naturalista do *Beagle*: "A variedade de especies nas aranhas saltadoras parece quasi infinita. O genero, ou antes a familia das epeiras caracteriza-se aqui por muitas formas singulares; algumas especies apresentam escamas pontudas e coriáceas, outras — grossas tibias revestidas de picos. Encontram-se todas as veredas da floresta interceptadas pela forte teia amarela de uma especie que pertence á mesma divisão da *Epeira clavipes* de Fabricius (*), aranha que, segundo Sloane, faz nas Indias occidentais teias tão fortes que prendem passaros. Uma linda aranha, de patas dianteiras muito compridas, e que parece pertencer a um genero não descrito, vive como parasita em quasi todas essas teias (**). É insignificante

(*) — Trata-se, realmente, da propria *Nephila clavipes* (Fabr.), muito comum em toda America tropical e subtropical.

(**) — *Argyrodes nephilae* Fay, pequena aranha, de abdomen alto, com tons de prata. Assistia razão a DARWIN, considerando-o como não descrito, pois o genero *Argyrodes* só foi creado por SIMON em 1864, e a especie da teia das nefilas descrita por Taczanowski em 1872.

demais, ao que supponho para que a grande epeira se digne notá-las; permite-lhes, portanto, nutrir-se dos pequenos insetos que, de outro modo, a ninguém aproveitariam. Quando essa aranhita fica aterrorizada, finge de morta, estendendo as patas dianteira ou deixa-se cair fóra da teia. Uma grande epeira, pertencendo á mesma divisão que as *E. tuberculata* e *conica*, é extremamente comum, principalmente nos lugares secos. Essa aranha consolida o centro da teia, ordinariamente colocada no meio das grandes folhas do agave comum, por duas ou mesmo quatro fitas dispostas em ziguezague, que ligam dois dos raios (*). Desde que um inseto grande, como um gafanhoto ou uma vespa, vem prender-se na teia, a aranha, com brusco movimento, o faz rapidamente girar e ao mesmo tempo envolve a presa com uma tal quantidade de fios, que lhe formam verdadeiro casulo em derredor. A aranha examina então a vítima impotente e morde-a na parte posterior do torax; retira-se depois e paciente-mente espera que o veneno haja produzido seus efei-

(*) — Refere-se DARWIN á *Argiope argentata* Fab. Essas fitas em ziguezague, formam o que se chama o estabilimento e ainda hoje se ignora sua função. Acha NEALAND que é possível que sirva para consolidar a teia, mas não é certa, e SAVOY, de cuja opinião participamos, considera-a um ornamento protetor, tornando a aranha, igualmente protegida, menos visível.

tos. Póde-se julgar da virulencia desse veneno pelo fato de ter eu aberto o casulo no fim de meio minuto, e um grande maribondo, aí encerrado, já estava morto. Essa epeira se mantém sempre de cabeça para baixo, no centro da teia. Perturbada, atua diferentemente segundo as circunstâncias: se lta uma montanha em baixo da teia, deixa-se cair immediatamente e pode vêr varias dessas aranhas alongarem o fio que as prende ao aranhol, preparando-se para cair: se, ao contrario, o sólo é nú, raramente a epeira faz tal manobra, mas passa rapidamente de um para outro lado por um corredor central, para isso preparado, perturbada ainda mais, entrega-se a curiosa manobra: colocada no centro da teia, que está fixa a ramos elasticos, agita-a violentamente, até que a mesma adquira movimento vibratorio tão rapido, que o corpo da aranha se torne indistinto."

Sabe-se que foi DARWIN quem melhor estudou nossas planarias terrestres (*), descrevendo grande numero de especies novas.

Sobre o resto de nossa fauna passam os viajantes em silencio.

(*) — Reunidas pelo povo, com os pequenos moluscos terrestres sem concha, sob a designação comum de lesmas.

CAPITULO IX

RIO DE JANEIRO: SEUS ARREDORES. - FRIBURGO POR OCASIÃO DE SUA FUNDAÇÃO

Dos viajantes das fragatas poucos foram os que se ausentaram da Capital por mais de algumas horas; apenas DARWIN foi até Cabo-Frio, QUOY visitou a recente colonia suiça de Nova Friburgo e MARIA GRAHAM esteve cinco dias em Mata-Paciencia e Santa-Cruz. Para viajar por esse tempo no Brasil era preciso munir-se de um *passaporte*, válido apenas para o lugar aí explicitamente determinado, ou uma *portaria*, que permitia viajar por todo o Brasil, menos o distrito diamantifero.

Viajava-se a cavalo ou em costas de burros. No caminho de S. Paulo e Minas uma jornada era até Campinho onde havia uma *venda*, unico albergue para os viajantes desse tempo, para a dormida.

Conta-nos MARIA GRAHAM que, partindo do Rio pela estrada de S. Cristovão, passou pelo pitoresco

Pedregulho, e pequeno porto de Benfica, Praia Pequena, Venda Grande, onde se encontrava tudo que era necessario aos viajantes e montarias; daí alcançava-se Capão do Bispo, bela aldeola, ligada por uma ponte de pedra sobre o Rio Ferreira, á Cascadura, ultimo ponto antes de Campinho (*). Alcançou esta localidade depois de um tremendo temporal e aí, nessa venda, esperavam-na desilusões. Ouçamo-la: "Mas se é delicioso, depois de uma longa viagem a cavallo sob a chuva, numa noite escura e tempestuosa, chegar a um sitio de repouso, é desesperador ser recusado na porta onde se esperava encontrar abrigo, com as roupas gotejantes e as pernas a tremer de frio; e tal foi nossa sina. Nessa venda não havia nada que comer nem lugar para nós, nada para os cavalos, e tivemos que afrontar de novo a tempestade."

A. DE SAINT-HILAIRE, sempre tão nosso amigo, fala com afabilidade até das vendas, dizendo em sua *"Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e S. Paulo"*, tão deliciosamente traduzida por AFONSO DE E. TAUNAY: "Fiz uma parada numa venda muito limpa e regularmente sortida como, em geral, as dos arredores da cidade. O telhado terminava em

(*) — A viajora inglesa escreve respectivamente *Pedregulho, Benfica, Casca d'ours e Campinha*.

alpendre sustentado por barrotes entre os quais se construiu uma parede de arrimo, genero de construção bastante comum nos arredores do Rio de Janeiro. Foi aí que o dono da casa, pessoa muito cortez, permitiu-me passar a noite.”

Os outros são muito menos amáveis com esses pousos, parecendo que pelas estradas se repetiam, como outras tantas copias, diluidas pela distancia ou ainda carregadas pela solidão e falta de correções, da taberna dos tempos coloniais, que em plena cidade assim é gizada por LUIZ EDMUNDO: “*Vom e varato* diz a tabuleta no alto da porta da taberna em riste. A casa é imunda, acaçada e baixa. A parede esboroa. O telhado avoluma.

“Lá está, ao fundo do estabelecimento, o dono da miseria. E’ o senhor do comercio. Nele se afunda e vive como um batraquio na lama.

“E’ baixo, é forte, é atarracado. Mostra o cabelo revoltado em melenas lendeosas. As sobrancelhas em riço, negras, disformes e unidas. Veste uma camisa “á hungara”, como a das mulheres, aberta até ao umbigo, mostrando o cipoal da cabelação hirsuta a manchar-lhe a peitarrá forte e a pança lauta. Calçotes de algodão desenharam-lhe as coxas curtas e roliças. Pés felpudos na tamanca tradicional do officio. A imundicie ce-va-o”.

ESCHEWEGE assim descreve uma das vendas da estrada real de Minas-Gerais: "O apartamento que nos destinaram era mais sujo que os que vi em Portugal: uma mesa, a cama e dois bancos sem pé completavam todo o mobiliario de tres quartos. O telhado estava todo esburacado e servia de abrigo a grande quantidade de ratos e morcegos.

O jantar consistia de duas galinhas cosidas com arroz e uma garrafa de vinho; a cama tinha a cobri-la simples esteira de palha."

Em outras vendas, informa QUOY, só se encontra farinha de mandioca, milho e feijão preto.

DARWIN ás mesmas desta maneira se refere: "Essas casas, não raro muito grandes, são todas construidas do mesmo modo: fincam-se estacas, entre as quais se entrelaçam ramos de arvore, cobrindo-se o todo com uma camada de barro. E, raro que nelas se encontre soalho, e nunca ha vidraças ou caixilhos; o teto ordinariamente está em bom estado. A fachada, deixada aberta, forma uma como varanda onde colocam bancos e mesas. Os quartos de dormir comunicam todos uns com os outros e o viajante dorme, como pôde, num girau de madeira, coberto de um colchão muito delgado.

"Acha-se sempre a venda no meio de um grande pa-

tio onde amarram os cavalos. Nosso primeiro cuidado ao chegar é desembaraçar os animais do freio e da sela e dar-lhes a ração. Feito isso, aproximamo-nos do *senhór* (*) e, saudando-o profundamente, pedimos-lhe o obsequio de dar-nos alguma coisa para comer. "Tudo o que quiser, senhor," responde ordinariamente. Das primeiras vezes, eu me apressava em agradecer intimamente a Providencia, que nos conduzira a um homem tão amavel. Mas á medida que a conversação continuava, as coisas tomavam uma feição bem menos satisfatoria. "Poderia dar-nos peixe? — O! não, senhor. — Carne seca? — Não, senhor." Devíamos considerar-nos muito felizes se, depois de ter esperado duas horas, conseguíamos obter galinha, arroz e farinha. Era preciso mesmo, ás vezes, matar a pedradas as galinhas que deviam servir para nosso jantar. E quando, absolutamente esgotados pela fome e pelo cansaço, nos atrevíamos a dizer timidamente que nos sentiríamos muito felizes se o repasto estivesse pronto, o vendeiro nos respondia com arrogancia, e infelizmente é o que havia de mais verdadeiro em suas respostas: "O jantar estará pronto quando ficar pronto". Se ou-sassemos queixar-nos, ou mesmo insistir, nos teriam dito que eramos uns impertinentes e que era melhor

(*) — Escrito assim no original.

continuarmos a viagem. Os taberneiros são muito pouco amáveis, ás vezes mesmo muito grosseiros; casa e pessoa são na maioria das vezes horrivelmente sujas e na venda não ha facas, colheres ou garfos, e estou convencido que seria difficil encontrar na Inglaterra uma casa, por mais pobre, tão desprovida das coisas as mais necessarias á vida.”

Mas com o carater hospitaleiro de nosso povo, só procuravam as vendas os almocreves, que as pessoas de certo tratamento sempre encontravam pousada franca em qualquer casa. Disso nos falam todos os forasteiros, menos DARWIN, que sempre manifestou a mais decidida antipatia pelos brasileiros. MARIA GRAHAM, não tendo encontrado pouso na venda de Campinho, em sua excursão á Santa-Cruz, continua: “Poucas jardas além appareceu ao lado da estrada uma casinha baixa e aí batemos. Um criado mulato, vindo dos fundos da casa, chegou cautelosamente e tendo-se certificado de que eramos realmente viajantes inglezes, molhados e sem pouso nessa noite, abriu a porta de deante; e nos encontramos deante de uma senhora de meia idade, muito simpática, e de sua filhinha. Chamava-se Maria Rosa da Cunha; o marido e o filho estavam ausentes, no trabalho, e ella e a menina ficaram sós. Logo que mudamos nossas roupas encharca-

das, e que se cuidou dos cavalos, que nossa hospeda pusera em uma construção vazia, deu-nos ela café quente, pão e queijo e estendeu seus cuidados hospitaieiros ao negro. Deu a Damprei o leito do filho e preparou para mim uma cama no quarto onde ela e filha dormiam.”

Em sua excursão a Friburgo conta-nos igualmente QUOY, naturalista de *la Physicienne* “Como contávamos pouco com nosso costume de viagem para atrair qualquer consideração da parte dessa senhora (*), quisemos mostrar-lhe nossa *portaria* para darmos-nos a conhecer, mas foi cuidado inutil: dona Catarina não a quis ler e nos foi dada franca hospitalidade. Colocados no apartamento destinado aos viajantes, pudemos a nossa vontade preparar as aves mortas durante o dia e tivemos mesmo permissão de ficar todo o dia seguinte, faculdade que aceitamos, tanto para deixar repousar nossa besta de carga como para ter tempo de procurar certas aves que frequentam mais particularmente as planicies e lugares descobertos. Serviram-nos á parte; e tal é o uso hospitaieiro dos colonos brasileiros, que nada quizeram receber de nós, quando partimos”.

(*) — A dona do engenho Catarina, que elle escreve, aliás, *Catalina*.

Mais adiante, falando da acolhida que tivera na fazenda de um sr. Lourenço, acrescenta: “Essa hospitalidade tão desinteressada é uma coisa admirável, tocante, e que enche sempre de pasmo os europeus. O sr. Lourenço, mulher e família têm tanta doçura e bondade, que nos prendem á primeira vista e só a custo os deixamos. Quanto a mim, o pouco tempo que me demorei nessa bela e profunda solidão, a calma que reinava em torno, a paz e a felicidade de que pareciam gozar meus respeitáveis hospedes, fizeram-me esquecer por alguns instantes a vida aventureira que levava a alguns anos. Teria desejado não ser forçado a ir mais longe, limitar aí minha viagem e passar nessa casa todo o tempo que me tinha sido concedido para executar minha curta missão”.

A paisagem dos arredores do Rio, como a da planície da provincia do mesmo nome, é risonha e agradável, sem a majestade da floresta virgem, mas sem sua melancolica monotonia; encanta e alegre, e sua doçura e faceirice inebriam e transparecem nos períodos dos viajantes, e AUGUSTO DE SAINT-HILAIRE, o nosso grande amigo, chega a dizer: “Nada no mundo, talvez, haja tão belo quanto os arredores do Rio de Janeiro. Durante o verão é o ceu, ali, de um azul escuro que no inverno se suavisa para o desmaia-

do dos nossos mais belos dias de outono. Aqui a vegetação nunca repousa, e em todos os meses do ano, bosques e campos estão ornados de flôres”.

E em sua excursão á Santa-Cruz anota em seu diário MARIA GRAHAM: “Todas as vezes que passo por um bosque no Brasil, vejo plantas e flôres novas e uma riqueza de vegetação que parece inexaurível. Hoje vi flôres de maracujá de côres como nunca antes observara: verdes, rosas, escarlates, azues; ananazes selvagens de belo carmezim; chá selvagem, inda mais belo que o elegante arbusto chinês; palmeiras do brejo e inumeras plantas aquaticas novas para mim; e em cada lagoasinha patos selvagens, frangos d'agua e marrecos nadavam graciosamente. A cada passo sentia-me inclinada a dizer com o poeta:

“O' natureza como és sublime em cada encanto!
Tuas festas vorivas, trazem extase sempre novo,
Quem me dera a voz e o ardo dos serafins
Para pintar tuas glorias com a devoção devida (*) !”

E DARWIN, sempre que se refere ao povo, tem palavras amargas, exclama deante da paisagem: “Que vista admiravel, quando se atravessa as colinas situadas atrás de Praia-Grandel Que esplendidas co-

(*) — MILTON — No original.

res! Que magnifico tom azul escuro! Como o ceu e as aguas calmas da baía parecem disputar qual eclipsará o outro em esplendor!" E adiante: "Deixamos antes de amanhecer a miseravel cabana onde passamos a noite. A estrada atravessa estreita planicie arenosa, situada entre o mar e as lagunas. Grande numero de aves pescadoras, tais como garças e grús, plantas vigorosas afetando as mais fantasticas formas, dão á paisagem um interesse particular. Plantas parasitas, entre as quais admiramos sobretudo as orquideas, por sua beleza e delicioso perfume que exalam, cobrem literalmente algumas arvores enfezadas, disseminadas aqui e ali. As colinas revestidas de verdura se refletem na agua calma de imenso lago; esse espetaculo admiravel ajuda-nos a suportar os ardores da temperatura".

Afonso, onde se vê atualmente o campo de aviação, era em 1822 um engenho, pertencente ao sr. João Marcos Vieira, no qual trabalhavam 200 bois e 180 escravos, e produzindo 3.000 arrobas de açúcar e 70 pipas de cachaça. As canas de açúcar eram plantadas nos meses de março, abril, maio, e mesmo junho e julho. Entre elas plantava-se feijão e, quando da primeira limpa, as plantas eram enterradas em torno das raizes da cana; vinha então a semeadura do milho,

quando da segunda limpa. Era possivel ainda, por esse tempo, livre das pragas, ter a cana de Caiena, nos lugares baixos, em solo silico-argiloso, deixando-se a creoula, menos produtiva, para os lugares altos. Os meses de maio a setembro eram os da fabrica, refinando-se ali o açucar com um barro untuoso, cavado perto do moinho, bem misturado ás cinzas de pequeno arbusto.

Viajando dos Afonsos para Santa Cruz, anota MARIA GRAHAM. "Vêm-se á distancia altas montanhas, e mais perto alguns morros mais baixos, entre os quais se estendem amplos vales a perder de vista, cheios dos planos proximos de gigantescos álves, regatos, lagoas e o gado tangido por bioadeiros pitorescamente vestidos. Perto de Campo Grande, o cenario é variado por pequenas planicies verdes, onde aparecem aqui e ali, arvores isoladas, decoradas de epífitas em flôr e trepadeiras rubras. Um pouco além ha uma das mais belas paisagens que conheço, Viaga, onde rochas, arvores, planicies e construções, tudo parece colocado para melhor perspectiva".

Nas vastas planicies de Santa-Cruz, estava a fazenda real, ocupando o palacio o sitio do velho collegio dos Jesuitas. "As paredes," diz MARIA GRAHAM, "são rebocadas com um ótimo barro branco-amarela-

do, chamado Tabua Tinga (sic!), e barras e cornijas nele pintados a fresco. Algumas são de bellissimo desenho e geralmente muito bem executadas, os arabescos dos frizos sendo compostos de frutos, flôres, aves e insetos do país. Os artistas empregados eram principalmente mulatos e negros nacionais”.

Viam-se ainda por esse tempo as culturas de chá, ocupando muitas geiras do monte. O chá produzido aí e no Jardim Botânico era de superior qualidade, mas tão escasso que não dava a minima promessa de pagar as despesas de cultura. Em Santa Cruz fez construir D. João VI pavilhões chineses e casas de verão, correspondendo com o destino destes jardins e postos, como estavam, entre os belos arbustos de chá, de folhas de um verde brilhante e alvas florinhas semelhantes á murta, eram do mais agradável cfeito. Os caminhos bordados de rosais e laranjeiras, as sebes de uma linda especie de mimosa fazem da *China* de Santa Cruz delicioso passeio. “Mas,” diz a viajante inglesa, “o Imperador, que comprehende ser mais vantajoso vender café e comprar chá, do que obtê-lo com tais despesas, parou com sua cultura”.

Mas eram raras as culturas de particulares nos arredores do Rio. “As concessões imensas de terrenos favoravelmente situados”, diz QUOY, “que certas pes-

soas obtiveram do rei e dos quais só se cultivava minima parte, prejudicaram muito o estabelecimento de fazendas agricolas, porque os agricultores foram obrigados a afastar-se cada vez mais das praias, das margens dos rios e das estradas praticaveis". E por isso acrescenta FREYCINET: "E' lamentavel que um país tão belo não seja explorado por uma nação ativa e inteligente! Os processos mais espalhados para diminuir o trabalho e melhorar os produtos são aqui ignorados ou degenerados. Para pôr um terreno virgem em cultura, começam por abater a machado as arvores que o cobrem; queimam-nas, sem desenraizar os troncos, que ficam salientes fóra do solo, raspam mais do que cavam a terra com a enxada, e semeiam ou plantam; a Providencia faz o resto!"

São todos acordes em salientar como os escravos eram bem tratados no campo, em contraste com a vida de martirios que passavam os pobres negros nas cidades. No engenho dos Afonsos viu MARIA GRAHAM "meninos de todas as idades e cores correndo pela casa e que pareciam ser tratados com tanto carinho como se fossem da familia." E pondera: "A escravidão em tais circunstancias é muito aliviada e semelhante á dos tempos patriarcaes, onde o servo comprado torna-se para todos os fins uma pessoa da familia".

E QUOY, relatando sua excursão a Friburgo, escreve: "O sr. Ferreira parece tomar muito cuidado com seus escravos. Os moleques andam muito bem vestidos e vivem familiarmente na casa do senhor. De um modo geral, pareceu-nos que os negros eram tratados nos campos com bondade maior que na cidade".

E o proprio DARWIN, sempre tão azedo conosco, a respeito da escravidão, escreve, contudo, na fazenda do Sossego: "Certa manhã vou passear uma hora antes do nascer do sol para admirar á vontade o silencio solene da paisagem. Logo ouço elevar-se nos ares o hino que os negros cantam em coro, no momento de começar o trabalho. Os escravos são, em suma, bem felizes em fazendas tais como esta".

Das pequenas excursões feitas pelos passageiros das corvetas a pontos proximos do Rio, a mais interessante é a de QUOY a Friburgo, quando *la Physicienne* aqui aportou, já de torna-viagem.

O governo do cantão de Friburgo solicitou do rei de Portugal, em 1818, o estabelecimento de uma colonia de suíços no Brasil, e capitalistas se encarregaram do transporte, até a baía do Rio de Janeiro, de cem familias, homens, mulheres e crianças, com todos os seus bens e utensilios. O rei, desejando ao mesmo tempo animar a cultura e aumentar o numero de habitantes do

Brasil, aceitou as propostas que lhe eram feitas, concedendo um auxilio de 100 piastras espanholas para as despesas de passagem e nutrição de cada individuo dos dois sexos. Os emigrantes, tocando na Holanda, contraíram uma febre contagiosa e epidemica, da qual morreram mais de duzentos. Alguns navios, tendo partido em época impropria, sofreram tempestades; um deles encalhou nas costas da Inglaterra, conseguindo safar-se; outro, por impericia do comandante, chegou varias vezes diante do Rio de Janeiro, sem conseguir entrar, e tendo retomado o largo, fez uma travessia de mais de quatro mezes, só dois barcos aqui chegando em paz e salvamento.

As molestias que os acometeram a bordo continuaram em terra, e com tanta violencia, que a nossa colonia em pouco era vasto hospital. Apesar dos desvelos do inspetor da mesma, Pedro Machado de Miranda Malheiros, grande chancier do reino, dos 2.300 suiços partidos, restaram pouco mais de 1.600.

Eis como QUOY descreve a nascente colonia: "Cem casas construidas com asscio e regularidade, compostas de cerca de 20 corpos de apartamentos separados, cada qual com quatro peças, reúnem todos os habitantes. A metade destes edificios forma na entrada do vale uma

praça quadrada onde os olhos são desagradavelmente impressionados pelo aspecto de um pelourinho; mas é o uso do país. Na outra extremidade da cidade, do lado de Cantagalo, ha outra praça e uma rua bem longa, onde mora o inspetor; á esquerda, em colina mediocrementemente elevada, a *Real Fazenda de Morroqueimado* e varias outras casas onde residem o medico, o farmaceutico, o vigario, o juiz, etc. Todas as casas têm um jardim, mas não pertencem aos colonos, sendo cedidas por emprestimo e por certo numero de anos, passados os quais se supõe que sua industria lhes tenha fornecido os meios de construir outras, ficando as primeiras para novos habitantes. No espaço consideravel, entre esses grupos de casas, traçaram-se ruas e dividiu-se o terreno que deve ser concedido mais tarde aos que aí desejem construir suas casas.

“O genero de construção seguido é simples e elegante: corpos principais em quadrado, sustentando o telhado. Os muros são de argila dura, solidamente sustida por pequenas ripas, o todo coberto de um emboço branco, composto de uma especie de cal feldspatica, o que dá a estas construções a apparencia de ótimos edificios. Deve-se ainda a esse senhor Miranda, sob este as-

pecto, a existencia de Nova-Friburgo. A principio o solo era inteiramente coberto de grandes arvores e foi preciso arrotear espaço sufficiente, coisa não menos longa que penosa. Por essa occasião fizeram vir do Rio de Janeiro e de Minas Gerais os pedreiros, carpinteiros e obreiros que tiveram de procurar no proprio lugar o que era conveniente para construir novas habitações. Tais trabalhos seriam consideraveis em qualquer país; e no Brasil, onde a lentidão entra como elemento indispensavel em todas as operações mechanicas dos habitantes, deve-se considerar essa operação como de bem maior importancia.

“Os alojamentos foram distribuidos por familias, mas, como estas não eram todas compostas de um mesmo numero de individuos, completou-se o computo desejado, reunindo numa mesma casa as pessoas que melhor convinham. Esse metodo foi igualmente adotado para a divisão das terras, sem que houvesse entretanto comunhão; cada pessoa recebeu, ao chegar, uma geira quadrada de terra. Dando-lhes logo essa area, muito mais consideravel que a que podem cultivar, pensou-se mais no futuro que no presente. Cada lote por familia foi tirado á sorte, de modo que certos colonos foram obrigados a ir morar a 5, 6 e até 8 leguas de Nova-Fri-

burgo, sendo a intenção do rei que os colonos fiquem em suas terras e não concentrados nas cidades (*).

“No momento de nossa chegada, em agosto de 1820, estavam os suíços a dois ou tres meses na posse de suas terras. A primeira coisa que tiveram de fazer, e a mais difficil e mais penosa, foi abater as arvores, queimá-las e preparar uma extensão de terreno sufficiente para cultivar o que era estritamente necessario á propria familia porque o subsidio de 160 réis ou um franco por dia, dado a cada individuo durante o primeiro ano, e meio franco durante o segundo, mal chegava para o pão, e como essa gratificação devia cessar muito breve, era preciso que cada chefe de familia se esforças-se por obter de outro modo os meios de subsistencia.

“O inverno é a estação mais propicia para o preparo do terreno, porque então não vêm as chuvas, que caem em outras épocas. Por isso exortava-se sem cessar aos colonos que aproveitassern a bôa estação. Contudo, por maior que seja o cuidado, não é possível asseverar que não haja algum habitante em atrazo, quer por acon-

(*) — Cada familia recebeu, além das terras, uma media de dois bois ou cavalos de tiro, 3 vacas leiteiras, 6 ovelhas, 3 cabras, 3 porcos, 60 litros de trigo e de feijão, 20 de favas, 120 de arroz, 80 de batata, 173 de milho, 40 de mamona, 27 de linho e de canhamo, ficando, durante dez anos, isentos do pagamento de todo e qualquer imposto.

tecimentos fortuitos, quer por pouca pratica, doença ou preguiça, e então, vindo a faltar os socorros pecuniarios, alguns dos colonos não caíam na miseria.

“E’ na encosta das montanhas que as culturas têm mais successo. A terra virgem aqui encontrada é, na realidade, humus preto, muito leve, ao qual não é necessario fazer sofrer grandes preparativos. Instrumento extremamente simples, consistindo em um pedaço de madeira achatada, com se vê nas ilhas Sandwich, basta para abrir os sulcos destinados a receber as sementes. Tudo, nesta terra feliz, prospera de modo extraordinario.

“Frutos e legumes da Europa crescem admiravelmente, embora certas arvores, tais como os pessegueiros, por exemplo, percam as folhas na estação que corresponde a nosso inverno.

“Como ha ainda muito que fazer aqui para melhorar os processos de cultura, aconselhou-se aos colonos suíços que imitassem primeiro os brasileiros, até que a comissão estabelecida pelo inspetor, e composta de homens esclarecidos, tenha determinado, por experiencias precisas e cuidadosas, feitas *in loco*, qual o sistema agricola que deve ser seguido de preferencia.

“Varios estabelecimentos, muito necessarios a Nova-Friburgo, tinham sido projetados. A escola, onde se

ensinariam as crianças pelo método de ensino mutuo, era ainda provisória, mas propunham-se a construir um collegio, uma igreja e um hospital á margem do rio e o domingo seguinte, 6 de agosto, estava fixado para lançarem-se os alicerces desses edificios. Tinha eu grande desejo de assistir a essa cerimonia, mas a viagem que projetara para voltar ao Rio de Janeiro, pela serra da Estrela, não me permitia esperar esse dia tão afastado. Não pude resistir, contudo, ás afetuosas solicitações do sr. de Miranda.

“A 6 de agosto reunimo-nos na capela, onde já estavam postos, em duas filas, as crianças de um e outro sexo, entre as quais havia trinta e tres que tinham escrito no chapeu a palavra — *orfãs* — Essas pobres creaturas encontraram no senhor Miranda um segundo pai, que as adotou e vestiu inteiramente a sua custa. Dizem-me que esse belo exemplo foi seguido pelo tenente-coronel Nascentes Pinto, que criava tambem quatro crianças do mesmo modo.

“Primeiro abençoou-se a bandeira destinada á colonia e que, carregada pelo proprio tenente coronel Nascentes Pinto, ia á frente do cortejo; vinham em seguida Machado de Miranda, acompanhado das autoridades locais e das dos distritos vizinhos, alguns homens for-

mando a guarda nacional e enfim o resto dos habitantes.

“Tinham sido plantadas longas aléas de arvores e formavam um passeio artificial muito agradável. Em frente da chancelaria tinham colocado coroas e erguido arcos de triumpho em folhagem, sob os quais dansou-se á noite. O cortejo parou na praça real, para a inauguração da qual Quévremont, francês e commissario geral da policia local, pronunciou um discurso adequado á circumstancia, e quando chegamos ao lugar onde devia ser construido o collegio, pos-se a primeira pedra, na qual foi gravada a seguinte inscrição, composta pelo sr. Castilho:

Joannes VI
Litterarum et Morum
Studio
D.
An. 1820 Aug. 6.

Porcelet pronunciou tambem um discurso e o chanceler Miranda disse algumas palavras ás crianças, distribuindo-se depois os premios ás que haviam mostrado mais aptidão e zelo nos estudos. Esses premios, fundados pelo chanceler, consistiam em uma roupa completa e 75 francos em dinheiro. Durante essa tocante cerimonia se fizeram ouvir mil aclamações, e fiquei

vivamente emocionado vendo correrem lagrimas pelas faces do veneravel velho que se mostrava tão perfeitamente digno de representar o bom rei que o colocara á frente dessa colonia.

Dirigiu-se em seguida o cortejo para o local destinado ao hospital projetado. O doutor Bazet prununciou igualmente um discurso nessa occasião, e depois de posta a primeira pedra do monumento, aí foi colocada a seguinte inscrição, devida ao mesmo autor da precedente:

Joannis VI
Regalis Beneficentiae effectus
An. 1820. Aug. 6.

Dáí fomos ouvir missa, terminada a qual reconduziram Miranda a sua casa. A's seis horas houve um jantar para o qual foram convidados todos os habitantes dos arredores que tinham assistido á festa. Mais de 100 pessoas tomaram assento em diversas mesas, mas antes tinham sido admitidos e regalados sob uma tenda todos os colonos que compunham a guarda nacional.

"A maior alegria reinou durante o nosso agape. O modo pelo qual fazem as saudes no Brasil foi uma coisa inteiramente nova para mim. Podem dividir-se em pequenas e grandes. Para a primeira, quando não se querem fazer invejosos, começa-se por chamar o vizinho, ordinariamente pelo nome de batismo; ele res-

ponde *vivat*, levando o copo aos labios; repete-se depois o mesmo a cada conviva, mesmo que sejam 200, e isso com toda a gravidade portugueza. Desse modo, entre os Brasileiros, o tempo se passa mais em cerimoniaes que em comer. A grande saúde é feita por alguém de notavel, quasi como se faz em França: os convivas prestam atençaõ; todos bebem e gritam *viva* com entusiasmo maior ou menor, segundo os casos. Depois da saúde do rei não deve ser feita mais nenhuma. Foi nessa occasião que fui testemunha da maior algazarra que já ouvi em minha vida: os *vivas* duraram até que os pulmões se recusaram a gritar; as descargas de moseuetaria, mais de quinhentos foguetes lançados ao mesmo tempo, acompanharam esse entusiasmo, durante o qual chegaram a trepar nas mesas; era um verdadeiro delirio.

“Quando acabamos de jantar, juntaram mais pratos aos que ainda restavam, e nossos lugares foram logo occupados por todas as crianças da colonia, em numero de cerca de duzentas. Como não era a primeira vez que assim eram recebidas em casa do chanceler, não mostraram a menor timidez. Depois do jantar houve baile a noite inteira.

“É assim que, por festas nas quais os suíços tomam parte, esse respeitavel inspector os prende á sua nova patria, e lhes faz insensivelmente perder a

lembrança da que deixaram; mas seus benefícios não ficam limitados aí, sendo raro que, saindo de casa com as algibeiras cheias de dinheiro, volte sem o ter distribuído. Nunca uma inscrição foi mais merecida que a que os próprios colonos colocaram em sua sala:

*A Monseigneur de Miranda
les Suisses reconnaissants.*

“Disseram-me todas as pessoas instruídas da colônia, que sem essa excelente pessoa, cujo emprego é puramente honorífico, a mesma, ferida de morte desde sua origem, teria fracassado; de modo que foi exclusivamente por seu crédito que conseguio obter da corte tudo o que era necessário á colônia que dirige. Talvez, por sua providência e generosidade, se vejam sair um dia de Nova-Friburgo os elementos de alguma outra importante colônia que se tornará assim a riqueza e a glória do Brasil, bem mais que suas minas de ouro e seus diamantes.”

Transcrevo essas considerações, talvez um pouco longas, sobre a nascente colônia porque, escritas por uma testemunha ocular, formam interessantíssimo documento para sua história.

Aí esteve, vinte e seis anos mais tarde (precisamen-

te a 5 de outubro de 1846) IDA PFEIFFER, que sobre a mesma escreve estas linhas, nem sempre muito exatas:

“A pequena cidade de Nova-Friburgo ou Morroqueimado, foi fundado a uns 15 anos por franceses, suiços e alemães.

Contém menos de cem casas, formando em sua maioria uma rua extremamente larga, esparsas as outras sem ordem.” Em Friburgo conheceu a circunnavegadora alemã o casal Beske, de naturalistas, em cuja casa viu interessantes coleções de quadrupedes, aves, serpentes, insetos, etc. “mais ricas e notaveis que as do Museu do Rio de Janeiro”; e a Freeze, que aí mantinha um collegio para sessenta meninas, cobrando a anuidade de um conto de reis, o que era realmente exorbitante para a época (nada menos de 108 £ 6s. e 6d., no calculo da mesma viajante).

CAPITULO X

SANTA CATARINA

Dos navegantes, cujas impressões estamos relatando, só a corveta *La Coquille* não tocou em nossa capital. Partindo de Toulon a 11 de agosto de 1822, passava pelas ilhas da Trindade e Martim Vaz a 6 de outubro e a 16 do mesmo mez chegava á ilha de Santa Catarina, onde se demorou até 30. São esses 15 dias, contados pelo comandante DUPERREY, que vamos em parte traduzir:

“A 15 vimos dissiparem-se as brumas, no meio das quais até então tínhamos navegado. Faltavam-nos percorrer 30 ou 40 leguas no paralelo de Santa Catarina, e os ventos de Leste, que não nos tinham ainda deixado, embora já houvessemos passado de varios graus o tropico, cederam enfim ás brisas do Norte que, durante o verão, isto é, de setembro a março, sopram ao longo das costas setentrionais do Brasil.

A essa distancia o prumo da sonda foi mergulhado,

em vão, a 200 braças de profundidade. Só a 16 pela madrugada, ele nos deu sinais certos de vizinhança de terra. Encontramos primeiro um fundo de arcia, a 87 braças, mas tivemos em seguida, a 63, a primeira indicação do banco de lama, que sóbe gradualmente para a costa e se desdobra em todos os braços do mar, onde oferece excellentes ancoradouros. Ás oito horas, efectivamente, estando o ceu escampo e o horizonte claro, percebemos a ilha de Santa Catarina. Contrariados pela brisa, não pudemos dirigir-nos logo para a baía, abaixo da qual tínhamos sido levados pelas correntes do largo, que só mudaram de direção quando chegamos a sete ou oito milhas da praia. Contudo o vento passou, á tarde, a N. N. E., o que nos permitiu dirigirmo-nos primeiro para a ilha do Arvoredo, que se encontra na entrada do estreito, formado pela ilha e o continente, e avançarmos em seguida no canal, dobrando a ponta Rapa, que costeamos de muito perto.

“A vista espriava-se então agradavelmente sobre as espessas florestas que cobrem a ilha de Santa Catarina e toda a parte do continente que lhe está vizinha. Nos cimos dos morros como no flanco das montanhas, no fundo dos vales e á beira do mar, erguiam-se vegetais soberbos, formando o quadro mais imponente e mais pitoresco que possa oferecer a natureza em seu estado

selvagem. Sassafrazes ou loureiros, cedros, laranjeiras, mangues, bananeiras, etc. brilhavam por seu porte e rica folhagem; as copas densas das palmeiras, balançadas pelo vento acima das selvas que lhes occultavam os troncos, prendiam ás vezes nossos olhares que repousavam sempre com um novo prazer nos ramilhetes verdejantes, semeados de algum modo no fundo azulado da abobada celeste.

“As altas montanhas, que coroam toda terra firme desde Santos até Torres, estendiam-se ao longe, sob a apparencia de uma côr azulada, que o ceu reflectia. O monte Bahul, cuja forma singular é uma bôa referencia para os navegadores, e o de Camberela, que dominava a costa, mostravam seus picaros acima das vastas nuvens que abraçavam os cumes dos montes vizinhos. Essas massas de nuvens, estendendo-se aos poucos, acabaram por precipitar-se em leve bruma que logo cobriu toda praia, de que nos aproximamos, levados por vento favoravel, e da qual viamos surgir por toda parte massiços de verdura, bosques densos, uma vegetação digna do epíteto de *luxuriante*, que todos os botânicos modernos estão de acôrdo em dar ao solo do Brasil, para pintar-lhe a extraordinaria fecundidade. Muitas fragatas planavam acima de um sem numero de gaiotas, que revoavam no meio da baía, onde só

se ouvia o ruído das vagas que iam morrer na praia, quebrando-se nos rochedos graníticos que a constituem: dir-se-ia que tais aves eram os únicos habitantes dessa terra fértil.

“As cinco e meia da tarde, deixamos cair a ancora a meia milha para o sul da ilha Anhatomirim, por cinco braças de fundo de vasa mole. Fomos logo abordados por uma piroga, dirigida por um official portuguez que, depois de nos ter feito as perguntas de costume, recusou subir a bordo e afastou-se com tal precipitação que nos deixou em singular incerteza sobre o motivo da fuga. Não reapareceu toda a tarde, e passamos assim a noite a esperar impacientemente o dia para ter a explicação da conduta desse official, que nos pareceu merecer tanto mais nossa atenção quando o forte de Santa-Cruz, construido na ilha Anhatomirim, e sob o canhão do qual se achava a corveta, não desfraldara seu pavilhão, como ordinariamente se pratica.

“Assim, no dia seguinte, mandámos muito cedo Jacquinet ao comandante do forte de Santa-Cruz com Gabert, para servir-lhe de interprete. Jacquinet estava encarregado de tratar das salvas e pedir autorização para estabelecermos nosso observatorio em terra, informando-se ao mesmo tempo do motivo que impedira arvorar o pavilhão portuguez, quando as cores da Fran-

ça tremulavam na corveta, ao entrar na baía. Na ausência do comandante da cidadela, que habitava a cidade de Nossa Senhora do Desterro, dirigiu-se Jacquinet ao ajudante que o substituiu, reconhecendo ser o oficial que, na véspera, nos intrigara por sua brusca partida. Deu este por desculpa, a esse respeito, que tinha pressa de entregar importantes despachos a um brigue, destinado ao Rio de Janeiro, que saía quando lançávamos ferro. Mas soubemos também que ele só nos abordara, por que no meio do nevoeiro e da escuridão da tarde tomara a corveta por um navio de commercio, contando ganhar os direitos de ancoragem, devidos ao comandante do forte de Santa-Cruz. Acolheu nossos pedidos com extrema polidez; assegurou que nos seriam dadas todas as facilidades possíveis para a execução de nossos trabalhos; indagou amavelmente o lugar do forte onde os viajantes, que nos tinham precedido, estabeleceram seu observatorio e prometeu mesmo pôr a nossa disposição um local para guardar os diversos instrumentos que seríamos obrigados a deixar em terra. Quanto ao caso da bandeira, procurou a principio ladear a questão, mas forçado a responder de modo positivo, alegou que o forte ainda não estava provido da que lhe era destinada.

“Foi então que confessou que as mudanças poli-

ticas, a pouco sobrevindas no país, eram o único motivo. Com effeito, a 12 de outubro, quatro dias antes de nossa chegada, o Brasil, sacudindo o jugo da metropole, fizera reboar na immensidade de seus desertos o grito de independencia (*) e se constituiria em imperio sob a égide do principe real D. Pedro d'Alcantara que, por aclamação unanime, fora reconhecido imperador dessa vasta parte da America, da qual defendera os sagrados direitos contra os violentos tentames das cortes de Lisboa. A provincia de Santa Catarina acolhera com transporte a elevação de D. Pedro, e o novo governo aí fôra estabelecido sem a menor resistencia. Ficou decidido, contudo, á chegada do comandante do forte, que o pavilhão de Portugal flutuaria sobre a ilha de Anhatomirim até a partida da corveta.

“Desejando ter dados positivos sobre os acontecimentos que nos eram annunciados, decidimos mandar alguns officiaes á cidade de Nossa Senhora do Desterro, capital da provincia de Santa Catarina. D'URVILLE encarregou-se de anunciar ao governador a chegada da corveta e os motivos de sua escala, sendo acompanhado por DE BLOSSEVILLE, GABERT e GARNOT.

“Partiram de canoa por um tempo magnifico. Cos-

(*) — Enganava-se o comandante de *la Favorite*, como vemos, em 35 dias.

tearam a ilha dos Ratores, atraídos pelo canto de um sem numero de aves de plumagem variada, das mais belas côres, esvoaçando no meio das matas que a cobrem. Notou-se aí um fortim que cae em ruinas. Os navios do país aí fazem lenha e aí se encontram serpentes venenosissimas. Depois de terem deixado para traz outras illotas, cobertas, como a primeira, de bela vegetação, e passados perto de varios rochedos á flôr da gua, reconheceram a ponta, atrás da qual se ergue a cidade principal; e fatigados de viajar por mar, acostaram em uma angusta calheta, formada por essa ponta, ao pé de pequena bateria, cujos muros, rachados de todos os lados, e doze canhões, roídos pela ferrugem, atestavam a incuria do governo portugûes. Seguindo uma vereda pelos campos, caíram em grande estrada orlada de belas casas e cercas de bananeiras, laranjeiras e roseiras em flôr, pela qual chegaram á cidade.

“Não tardaram em ter conhecimento pormenorizado das circumstancias que tinham provocado a declaração da independencia do Brasil, e souberam que o governo da provincia estava confiado a uma junta provisoria, composta de cinco membros, que se achavam reunidos nesse momento.

“Foram conduzidos até lá por um capitão de infantaria, que os introduziu na sala onde a junta realizava

suas sessões. GABERT interpretou ao presidente o objecto de nossa escala, e D'URVILLE apresentou, ao mesmo tempo, a carta do rei de Portugal, que prescrevia darem-nos socorro em todos os estados submetidos a sua corôa. Então o secretario da junta, major MAFRA, que se exprimia muito bem em nossa lingua, recebeu-a do presidente e fez sua leitura aos membros. MAFRA fôra empregado em Caiena, onde se encontrava por ocasião da entrega dessa colonia á França, e onde conhecera varios officiaes da marinha franceza, dos quais pediu noticias. Fora deputado da provincia ás côrtes de Portugal, e esse titulo lhe dava sobre a junta uma ascendencia que ele escondia muito pouco; em seu entusiasmo pela independencia, esquecia a reserva portuguesa. Entretanto nossos pedidos foram tomados em consideração. A junta autorisou o intendente da marinha a fornecer-nos as peças de madeira necessarias a nossas reparações; deu ordem para que nos fosse permitido cortar lenha na ilha dos Ratoes e escreveu ao comandante do forte de Santa-Cruz para facilitar por todos os meios a execução de nossos trabalhos scientificos. Numa carta que nos foi endereçada, a 25 de outubro, pelo secretario da junta, assim se exprimia:

“O governo apenas fez o seu dever, autorizando-

vos a fazerdes as pesquisas e as observações que vos são prescritas, e fazendo-vos fornecer aquilo de que necessitais; lamenta ao contrario não lhe ter sido possível dar-vos provas mais assinaladas da protecção que deve ser outorgada ás expedições do genero da que commandais.”

Louva DUPERREY a amabilidade do intendente da marinha mas lamenta a quasi impossibilidade de obter viveres frescos, talvez pela repercussão dos recentes acontecimentos politicos. E GABERT já ia retirar-se, convencido do malogro de seus intuitos, quando, “aproximando-se da canoa,” diz DE BLOSSVILLE, “convidaram-nos a entrar numa casa muito agradavel por sua posição e extensa perspectiva que se desenrolava a nossos olhos. Aí fomos recebidos com civilidade e cordialidade que desesperavamos de encontrar em Santa Catarina, por D. José Pinto, capitão do porto, vantajosamente conhecido pela viagem do capitão KOTZEBUE. Convidou-nos logo a passar a uma sala onde estava servida elegante colação. Só pudemos conversar em inglês; a conversação correu sobre o navegador russo, sua expedição e a nossa.”

Prolongou-se essa estada em Santa Catarina até 30 de Outubro, toda ella gasta em determinar, por distancias lunares, a longitude do ancoradouro, a obser-

var os phenomenos magneticos, reparar a embarcação e em varias excursões, para colheita de plantas e animais.

Em vez das facilidades encontradas pelos capitães russos Krusenstein e Kotzebue, que chegam a aconselhar aos navios de Europa, destinados a dobrar o cabo Horn, que preferissem essa escala á do Rio de Janeiro, encontrou *la Coquille* grande custo em abastecer-se de gado, aves, e alguns frutos. Observa, contudo, seu comandante:

“E’ preciso confessar que os dois capitães russos aí abordaram em época em que reinava a tranquillidade mais perfeita e, nas circumstancias em que aí nos encontravamos, o temor, as inquietações de uma guerra proxima, dominavam os habitantes. Todos estavam prontos a fugir ao primeiro ruido da chegada de uma esquadra portugueza, e já tinham tido o cuidado de pôr os haveres em lugar seguro. Um como terror panico se apoderara dos pacificos habitantes dos campos, a tal ponto que, na noite de nossa chegada, se espalhara a noticia de que a divisão portugueza ia entrar na baía.

“Era de toda probabilidade que Portugal, trabalhado por uma assembléa nacional, e privado das minas do Brasil, não estava em estado de formar uma expedição importante contra este belo país: faltava o dinheiro, esse nervo das guerras longinquas. Entretanto os ha-

bitantes estavam na persuasão de ver muito breve tropas inimigas desembarcarem nessa terra para recolonisá-la, isto é, em sua opinião torná-los escravos. O decreto de 1.º de agosto de 1822 que chamava todos os brasileiros ás armas para a defeza das costas, dera lugar a esses temores. As resoluções a um tempo generosas e cheias de vigor, do príncipe D. Pedro, tinham dado uma elevada idéa de seu carater e projetos de emancipação. Cheios de confiança em seus designios, os numerosos partidários da independencia estavam inspirados de um entusiasmo, cuja expansão era tanto mais ruidosa, quanto seu espirito ardente fora longo tempo coaprimido. No excesso de sua alegria, tinham coberto de luminárias as cidades de Nossa Senhora do Desterro, Laguna e S. Francisco, cujas ruas percorreram cantando coplas em honra de D. Pedro. Os proprios chefes dessa revolução não se tinham podido eximir de uma exaltação tirânica. Fora lançado um édito, ameaçando de deportação todo portuguez ou estrangeiro estabelecido na provincia que, no praso de um mês a datar de 12 de outubro, não se tivesse declarado em favor da independencia. Todos foram obrigados, em sinal de adesão á nova ordem de coisas, a levar no braço esquerdo um distintivo verde na periferia e amarelo no centro, posto no angulo de uma braçadeira doirada, na qual estavam

gravadas estas palavras que por tanto tempo abalaram e fizeram estremecer a Europa: *Independencia ou Morte*, grito solene, que o príncipe D. Pedro fizera reboar no riacho do Ipiranga (*), onde recebera o famoso manifesto das cortes de Lisboa contra a nação brasileira; juramento repetido por todos os que o cercavam, que disse fizeram logo uma divisa sagrada, que o amor da liberdade fez brilhar de repente em todos os pontos do Brasil.

“Independencia ou morte, repetia-nos o ajudante do forte de Santa-Cruz, todas as vezes que íamos visitá-lo e, arrastado por seu entusiasmo, acrescentava no momento, como se quisesse fazer-nos participar de sua convicção: Sim, preferimos morrer a ser recolonizados, como quiseram as côrtes. Em dezembro de 1815 João VI erigiu em reino o Brasil, que era nessa época principado do Infante. Tomamos lugar entre as nações e a esperança de honrosa liberdade, de sorte mais feliz. A revolução que acaba de operar-se teve lugar em toda provincia de Santa Catarina sem a menor efusão de sangue; todos formamos um só partido.

“Essas idéas, esse entusiasmo eram partilhados por toda a população das cidades, cujas cabeças exaltadas, só sonhavam emancipação. Não acontecia o mesmo com

(*) — Da *Piranga*, escreve DUPERREY.

os habitantes dos campos, habituados a viver tranquilos em suas cabanas, estranhos ás ruidosas posições politicas. Esses acontecimentos lhes pareciam inovações tanto mais perigosas quanto ameaçavam sua vida pacifica. O rumor subito de escravidão e liberdade, de invasão e defeza, de armas, soldados amigos, inimigos irritados, deixando-lhes entrever um futuro de perturbações e desordens, os tinham consternado profundamente, mas ao mesmo tempo fizeram nascer no coração o odio salutar contra a metropole, que lhes assinalavam como fóco de todas as divisões, como a fonte de todos os males; e tudo concorria para aliá-los á causa comum.

“Esta revolução que, operada pela simples força das circumstancias, acaba de implantar a liberdade constitucional no solo brasileiro, onde ainda vegeta a escravidão, póde oferecer vasto campo á meditação dos publicistas, ciosos de pesquisar tudo o que deva contribuir para desgraça ou felicidade dos povos.”

E DUPERREY, certamente em emulação com os publicistas a que se refere, comenta pouco adiante: “Aquele que, lançando o olhar para o futuro, quizerem predizer os destinos do novo Imperio, certamente se perderão, se não tiverem perfeito conhecimento dos povos que o compõem e do carater do principe e dos grandes que se puseram á frente desta grande revolu-

ção. Dominar, dirigir as paixões de castas que mutuamente se odeiam e que, ao primeiro despertar, se agitarão, elevando-se umas á custa das outras; formar uma nação compacta de diversas raças nascidas na servidão; dar leis solidas a semelhante nação, regenerar um governo, minado por seculos de corrupção e abusos, é tarefa das mais dificeis, digna do maior genio; é um dos trabalhos de Hercules, cuja execução, uma vez terminada, coroara de gloria imortal o principe que a empreendeu e de novo fulgor sua época.”

Mostra-se pouco depois, graças a Deus, um mau profeta, quando acrescenta:

“Em imperio tão extenso como o Brasil, composto de castas tão diversas, é muito para temer que não surjam divisões intestinas que, fomentadas pelos inimigos do exterior, acarretem a fragmentação das provincias, entregues á mercê de alguns facciosos.”

É como bom francês de um seculo atrás, aproveitava o ensejo para debater contra a Inglaterra, “potencia que, sempre preconizando o reino das leis e a ventura da liberdade, vai surdamente lançar o fogo da discordia no seio dos povos onde quer assegurar a preponderancia do seu commercio.”

Feitas estas considerações passa o comandante de *la Bonite* ao estudo da baía de Santa Catarina, “de-

pois do Rio de Janeiro a baía melhor e mais consideravel da America Meridional, podendo receber as maiores esquadras e tornar-se um dia, talvez, por sua posição geografica, um dos pontos mais importantes do Oceano austral.”

Mas nessa época era ella apenas defendida por fortificações meio desmanteladas (antes *fracos* que *fortes*), e que eram: S. José em Ponta Grossa, a da maior das ilhas dos Ratos, a bateria em ruina na praia de Santa Catarina, em frente da porta de Nossa Senhora do Deserto e finalmente a fortaleza de Santa-Cruz, que elle assim descreve:

“Penetra-se aí por um portal, notavel por seu estilo gotico e vetustade, depois de ter-se subido uma centena de degraus, onde estão postas enormes costelas de baleias a guisa de corrimão. Densos massiços, encantadora residencia de uma multidão de beija-flores, bordam as partes laterais dessa escadaria até o embarcadouro, cujo lugar estreitissimo é mascarado por uma ponta e rochedos de granito. Trinta e dois canhões enfeijados, de diferentes calibres, montados em carretas em ruinas, compunham toda a artilheria dessa fortaleza, e alguns soldados esfarrapados, parecendo mais camponios que militares, formavam sua guarnição.”

Sobre o encanto da terra, o marinheiro cheio de poesia escreve estas linhas:

“E’ um prazer sempre novo para o nauta, devotado por gosto a uma vida errante, pisar, com seus passos vagabundos, terras ferteis, que a mão do homem apenas desbastou em alguns pontos. Sente-se embalado em doces cismares quando, seguindo uma vereda no meio das florestas ouve o canto surdo e lamentoso da pomba-rola casando-se ao murmurio de um regato. A solidão da selva agrada a alma; o silencio aí reinante chama á reflexão; as lembranças vêm em tropel; nam instante os dias se renovam; e o espelho do passado, refletindo no presente a sombra do que se foi, colore o futuro de uma imagem risonha.

“Mais de uma vez, assim, as terras do continente, que formam a parte occidental da baía de Santa Catharina, nos penetraram desse vago ideal, dessas emoções indefiniveis, companheiras da solidão. Aí, as costas são coroadas de altas montanhas, cobertas de grandes arvores e atravessadas pelos caminhos que levam ao interior; caem cascatas dos flancos das montanhas e fogem para os vales, através de vegetais pomposos, inclinando a folhagem verde e os cachos de flôres sobre a linfa espumejantes; rios, regatos de agua limpida, de curso lento e monotonico, depois de irrigar vales sombrios, ricas campinas, vão perder-se em imensos alagadiços.

“Uma estrada, traçada ao longo da costa, conduz

por mil sinuosidades, ora á beira-mar, ao longo das habitações e dos grupos de bananeiras, laranjeiras, limoeiros e cafeeiros que as cercam, ora em vales solitários, no meio de espessas matas, onde a sombra silenciosa dos bosques, o murmúrio da agua corrente, o canto variado das aves, o ruído das folhas que caem, encantam os sentidos, despertam o pensamento, e recordam ao homem sua grandeza e seu nada.

“Nunca um viajante respirou o ar do Brasil, nunca se sentou á sombra de suas florestas sem receber profundas impressões.”

No meio dessa natureza alacre, de indefinível encanto, varias aldeolas e miseraveis habitações. “Fica-se verdadeiramente pasmo,” diz ele, “de ver no meio de sólo tão rico, de natureza tão risonha, cabanas esfumaçadas, estreitas, disseminadas aqui e ali na vertente de um morro ou sopé de alguma colina, donde a vista domina a baía. Estão todas situadas em face de uma praia de areia onde as pirogas, unicas embarcações usadas pelos habitantes, podem encostar com facilidade. A construção de tais cabanas é feita de grossos barrotes, cujos intersticios são cheios de barro. Os tetos são formados de folhas de palmeiras. Contra toda apparencia são elas muito solidas, e leves reparos bastam para que durem meio seculo. Algumas são caiadas e têm cobertura de telhas: é sinal certo de abastança do proprietario.”

A aldeia de S. Miguel, um pouco mais ao sul, é descrita por LESSON, o naturalista da expedição. "As casas que constituem a aldeia", diz ele "estão mais particularmente dispostas em duas filas muito espaçadas; mas logo o terreno alternativamente se abaixa e se levanta, e as casas isoladas não vão além de uma pequena cadeia que se dirige de Este a Oeste. Nos vales estão estabelecidas algumas habitações, de arredores muito pitorescos."

Visitaram os oficiais de *la Coquille* um lugarejo, com algumas casas de pedra e cal, e onde se construíam sumacas empregadas na navegação costeira.

Como todos os outros forasteiros, louvam a amabilidade dos brasileiros:

"Em nossas diversas excursões", diz DUPERREY, "fomos não raro acolhidos pelos habitantes. Muitas vezes repousamos em suas casas: bastava que nos apresentássemos á porta para receber convite; sua hospitalidade foi sempre generosa".

LESSON, a que já nos referimos poucas linhas acima, refere este episodio que tem o encanto de lindo quadro rustico: "Paramos, depois de algumas milhas de marcha, em miserabilissima cabana, onde recebemos a mais agradável acolhida de um casal de pobres negros que a ocupavam. Ofereceram-nos tudo que pos-

suiam: agua, um pouco de farinha de mandioca e peixe seco ao sol. Numerosos giraus, destinados a esse mister, cercavam a cabana. Poucos moveis a guarneciam: um velho pedaço de esteira, uma marmitta para cozinhar os alimentos compunham o mobiliario destes Fílemon e Baucis africanos”.

Em geral os habitantes “não são ricos mas possuem o necessario. Peixe fresco ou seco ao sol, mandioca, bolos de milho, batatas, legumes, frutos e, ás vezes, carne: tal, de modo geral, sua alimentação diaria. Gado e aves que criam são objeto de pequeno commercio, por meio do qual suprem as diversas despesas do lar, como pagamento de direitos, compra de roupas, moveis, utensilios e de mate ou herva do Paraguai, da qual fazem uma bebida que substitue o chá; e para a celebração das festas de familia e de religião, quando circulam então garrafas de cachaça. Ordinariamente dansam nesses anniversarios, mostrando-se alegres, folgazões e galantes. Reina mais asseio em suas pessoas que no interior das casas, geralmente pouco cuidadas, onde apenas uma cama, com belos colchões de algodão, se mostra com uma elegancia que contrasta com o resto do mobiliario composto de algumas cadeiras grosseiras ou de um banco, de um cofre ou de um armario.

“Os homens dão-se principalmente á pesca e á cul-

tura; são de constituição seca, pele morena e parecem vigorosos.

“As mulheres, entregues aos diferentes trabalhos domesticos, occupam-se, além disso, em fazer rendas, que trabalham com gosto, e limpar o algodão, que fiam no fuso e de que fazem roupa para toda a familia. São de formas graciosas e o rosto não deixa de ter certo encanto e expressão. Embora mostrem um pouco de affectação no vestir, usam, no entanto, roupas simples e de notavel limpeza. Um vestido leve, desenhando um talhe elegante, e algumas flôres postas com arte em bela cabeleira lhes dão um ar sedutor. Têm essa faceirice tão comum ao sexo e, nas colonias, tão attraente para os estrangeiros; mas ha em seus costumes um relaxamento que parece em contradição com a vida retirada que levam, no meio dos campos, e que se torna crível pelo commercio frequente que têm com os marinheiros que aí aportam. Por isso o ciúme parece endemico nos maridos e é forçoso confessar que, se tem algo de tiranico, é, pelo menos, muito desculpavel”.

“Viajam os homens a cavallo, cobertos de um poncho, com chapéu de abas largas e armados de faca, que collocam na bota do pé direito”.

Na ilha de Santa Catarina as casas são maiores, de melhor construção e mobiliadas com luxo, e seus habi-

tantes, na opinião de LESSON, inda mais amáveis e atenciosos que os do continente.

Depois de brevissimo historico da ilha de Santa Catarina (ou dos Patos), fala DUPERREY da pasmosa fertilidade de seu solo onde murtas, jasmins, roseiras, passifloras e cravos, espalhados em profusão, exalam nos arés suave perfume. Mas já então (velha e condenável incuria brasileira!) a exploração das florestas, feita sem discernimento, deixava a mostra, denudados, os cabeças dos morros, no esqueleto granítico da ilha.

Misturam-se aí, numa agradável confusão, culturas tropicais e temperadas. “As florestas são povoadas de animais de diversas especies”, diz DUPERREY. “E’ na espessura de seus redutos que vivem os macacos, preguiças, tatús, serpentes e um grande lagarto que se caça facilmente com anzol, e cuja carne dá um acepipe muito apreciado pelos Brasileiros. Entre as aves as fragatas, gaivotas, abutres, grús, tucanos, papagaios são os mais comuns, sem excetuar os brilhantes colibris, que se vêm esvoaçando em numerosos bandos nas arvores em flôr, mergulhando sem cessar os delicados bicos nos cálices entreabertos, para sugar-lhes o liquido melifluo, o que lhes fez dar pelos portuguezes o nome de *chupa-flôres*”.

“As costas apresentam enorme variedade de exce-

lentes peixes, abundantes nos lagos, rios e praias da baía. Ha um chamado *bagre* pelos habitantes, que é objeto de lucrativo commercio; pescam-no ordinariamente nos mezes de novembro e dezembro, época em que vem, em grandes cardumes, refugiar-se nas lagunas que comunicam com o mar; conservam-no seco, expondo-o á ação dos raios solares e embora exale depois de assim preparado, desagradabilissimo cheiro de ranço, não deixa de ser alimento muito apreciado pelos naturais. Exportam-se barcos carregados delle para os portos vizinhos da ilha. Outras especies conhecidas no país pelos nomes de *tainhas*, *robalos*, *carapebas* são igualmente abundantes na baía e nas lagunas: pescam-nos o ano todo e fazem grande consumo.

“A pesca da baleia oferece vantajoso ramo de industria. Tem lugar nos meses de inverno, na embocadura setentrional do canal e nas costas da ilha e da terra firme. Tres grandes estabelecimentos conhecidos por *Armação*, cujo principal está a tres millias ao norte da ilha de *Anhatomirim*, são especialmente destinados á fabricação do olio:”

Faz DUPERREY a seguinte observação a respeito do tratamento que nos dispensava a Metropole: “Sabe-se que o governo portugûs nada descuidara para manter os brasileiros nos limites estreitos do necessario. Os

objetos de luxo não penetravam em suas habitações: dir-se-ia que eram proibidos, tão raros de encontrar, mesmo em casa dos mais ricos colonos”.

Em 1822, quando por aí passou *la Coquille*, a ilha de Santa Catarina era dividida em quatro paróquias: Nossa Senhora das Necessidades, situada á margem do canal, a cinco milhas ao norte da capital, com varios engenhos de açúcar; Nossa Senhora da Conceição, no meio da ilha, ribeirinha da grande lagoa, muito piscosa, e onde cultivavam linho e açúcar; Nossa Senhora da Lapa (comumente Ribeirão) e Nossa Senhora do Desterro, capital de toda a provincia.

A cidade está construida em terreno desigual entre dois morretes e é atravessada por tres regatos, cujas aguas rapidas e claras correm sob muitas pontes de pedra. Compõe-se de varias ruas, em geral direitas e não calçadas, de vinte a vinte-cinco pés de largura, algumas em ladeira para o mar, sendo estas ultimas ferra-das, para que a agua as não estrague na estação das chuvas. Compreende a cidade cerca de 600 casas numeradas, em sua maioria com um só pavimento, as outras de nunca mais de dois andares. São todas de pedra ou de tijolo e caiadas.

“Ao sair da cidade”, diz DUPERREY, “para os

lados de sudoeste, vimos casas de madeira e em bom numero tinham a apparencia de miseraveis cabanas”.

Nas casas da cidade o granito, que forma em geral o batente e enxillo das portas, lhas dá certo brilho. O soalho, as divisões internas e o teto são de madeiras do país. Grade muito estreita, que permite a circulação do ar, guarnece as janelas. O interior é simples, aseado, elegante mas sem luxo e só as dos ricos proprietarios têm os muros pintados a fresco.

Ha uma unica praça grande: a de Santa Catarina, onde estão a prefeitura e o presbiterio, e tendo ao centro o pelourinho, onde amarram e açoitam os delinquentes. Reune-se aí, aos domingos, a feira. Contam-se quatro igrejas: a Catedral, S. Francisco, que faz parte do convento de S. Francisco de Assis, Nossa Senhora do Rosario e a da Caridade, anexa á Santa Casa, onde recebem os indigentes e enfermos. E' a catedral o unico edificio de bela apparencia, com seu grande campanario em forma de torre.

Não ha em Nossa Senhora do Desterro hoteis, restaurantes ou cafés, encontrando-se apenas, como em todas as colonias portuguezas, tavernas onde a população e os negros vêm regalar-se de peixe frito. As poucas lojas que aí ha são bem sortidas em tudo.

As farmacias apresentam-se com elegancia, possuindo

do mesmo um certo luxo, o que, diz DUPERREY “levaria a crer que os habitantes se não são frequentemente acometidos de doenças ao menos gostam de medicar-se”.

Encontram-se já por esse tempo manufaturas de linho e algodão, fabricas de licores e ceramica. Abundam os artifices: alfaiates, sapateiros, ferreiros funileiros, marceneiros. As mulheres, sentadas á porta, fazem renda, tal como ainda hoje se vêem em Bruges, na Madeira, nas cidades do sertão.

As poucas escolas onde ensinam a ler e um pouco de latinidade são mantidas á custa da municipalidade, pagando-se os professores com a renda do imposto sobre bebidas alcoólicas. De vez em quando volta o Brasil á mesma preocupação de encontrar no vicio os meios para manter o ensino, e talvez por isso, vem ele sendo até agora tão cheio de defeitos e mal seguro!

Conta Nossa Senhora do Desterro em 1822 seis mil almas. Segundo o comandante de *la Coquille*, os negros são quasi todos escravos e “o pequeno numero de negros livres deve sua liberdade aos arrependimentos ou á superstição: é só no leito de morte que, angustiado pelo temor da justiça divina, o senhor é capaz de uma ação generosa; só então ele abjura a um poder manti-

do pela força, consagrado pelo uso e reconhece para seu proximo um ser saído como ele das mãos do Creador”.

“Entretanto”, continua o mesmo viajante, “os negros escravos empregados nos trabalhos dos campos ou como domesticos, pareceram-nos tratados com doçura. Seu semblante respirava bem-estar e contentamento, porque devemos reconhecer que existem, mesmo na servidão. Nas habitações, sobretudo, parecem fazer parte da familia de seus senhores, de cujos divertimentos ás vezes participam. Como indumentaria apenas uma cinta que lhes cobre a nudez. Os da cidade não andam mais bem trajados. Vêm-se quasi todos semi-nús, metidos em roupas velhas; e tudo, em seu andar e no seu porte, revela o orgulho que põem em paramentar-se com essas roupas usadas, que assinalam a riqueza do proprietario. As negras andam com mais decencia e certa faceirice: camisola e saia curta, leve, amarrada acima dos quadris, desenham-lhes as formas robustas do corpo, e algumas ha tão bem parecidas que os brancos não desdenham de buscar-lhes os favores ”

Sobre o trajar dos colonos apenas lembra DUPERREY que os homens vestem á inglesa e as mulheres adotam as modas francesas, mostrando-se sob um costume simples mas elegante, cheias de vivacidade, atraentes e, não raro, bonitas.

Passando á vista de Santa Catarina quinze anos mais tarde, como comandante de *la Vénus*, diz DU PETIT-THOUARS:

“Eu visitara essa ilha durante uma estação precedente que fizera nas costas do Brasil, quando comandava o brigue *l'Inconstant* e me recordava com prazer de nossa estada nesse porto, sendo com grande pesar que passava sem visitá-lo. Os portos que a ilha forma com o continente são excellentes; o ancoradouro é segurissimo, a temperatura doce, a agua perfeita e abundante, os frutos e demais provisões frescas muito baratos; a pesca fornece peixes em quantidade, de varias especies e muito estimados: Goza-se sem inquietações, nessa escala, de todas as doçuras do repouso, que após tão penosos trabalhos e longas privações, se torna tão necessaria e agradavel aos navegantes! E' uma grande alegria tal abundancia depois de uma penuria tão severa!”

Lembra o comandante de *la Vénus* (e *l'Inconstant*) que nas enseadas vêem-se “lindas casas pequeninas, habitadas por uma população de asseio requintado e sem luxo, doce nos costumes e muito afaveis com os estrangeiros”. Nas enseadas estão as armações de pesca da baleia, e de uma a outra ha estradas, que “são os passeios mais agradaveis que se possa imaginar; os raios de sol

nunca penetram sob essas abobadas de espessas folhagens que os cobrem e vão perder-se no céu; o silêncio das selvas é apenas interrompido pelo farfalhar dos ramos e alguns gritos de aves, repetidos com longos intervalos. Sob as velhas arvores deliciosa frescura traz a calma aos sentidos e convida o espirito á meditação; inspiram essas selvas religioso respeito, parecendo que se visita um mundo nos primeiros dias da criação”.

E recorda interessante episodio que vamos traduzir:

“Em 1825 achava-me no porto de Santa Catarina, com o brigue de guerra *l'Inconstant*; fui convidado a uma festa funeraria que devia ter lugar ao pôr do sol, pela morte de um menino, depois do batismo.

“Arrastado pela curiosidade, acudi ao convite e cheguei a uma pequena cabana que me haviam indicado: a frente da casa tinha sido preparada para numerosa recepção e estava enfeitada de folhagens, misturadas com flôres. A' minha chegada já havia grande concorrência de habitantes; entrando, vi, no fundo da sala, um estrado sobre o qual estava disposto um altar e sobre o altar uma criancinha, cercada de cirios e vasos com flôres; tinha o rosto descoberto e estava ricamente vestida, tendo na cabeça uma corôa de semprevivas e um ramo na mão; todo o chão da sala era forrado de esteiras. Grande numero de mulheres, em trajes de festa,

estavam sentadas de joelhos nessas esteiras, dispostas em uma ou duas filas em roda do quarto; os homens conservavam-se do lado de fóra, a falta de lugar no interior.

“Reunida toda a sociedade, começaram a cantar; as vozes eram acompanhadas por guitarras, um violino e uma especie de tambor ou tantan. Terminada tal cerimonia, não foi sem grande surpresa que vi toda a sociedade começar a cantar, rir e beber.

“Soube então que, segundo as crenças e usanças estabelecidas, tendo a morte da criança ocorrido antes da idade da razão, era esta olhada como um anjo e que era de costume festejar esse feliz acontecimento por festas para as quais eram convidados toda a familia e os amigos.

“Só a pobre mãe ficava estranha a tal festa. Não podendo consolar-se da perda de um bem tão precioso, abandonou-se a sua dor e derramava abundantes lagrimas; seu coração oprimido desaprovava uma parte dessa cruel alegria”.

CAPITULO XI

ITINERARIO DAS CORVETAS

Resumidas as impressões dessas viagens que, nos quatro primeiros lustros de Brasil independente, aqui aportaram, parece-me que aos leitores mais pacientes talvez interesse saber do resto da rota dessas corvetas, celebres para os naturalistas do mundo inteiro. E' o que vamos fazer neste derradeiro capitulo, e por ordem chronologica.

FREYCINET levava como fim principal de sua expedição a pesquisa do aspecto do globo e a dos elementos do magnetismo terrestre. Do relatorio apresentado pela comissão nomeada pela Academia Real de Ciencias de França, composta de HUMBOLDT, CUVIER, DESFONTAINE, ROSSEL, BIOT, THÉNARD, GAY-LUSSAC e ARAGO, colhemos os seguintes dados:

“A expedição partiu de Toulon a 17 de setembro de 1817, a bordo da corveta *l'Uranie*, chegando a Gi-

braltar a 11 de outubro, daí partindo a 14 para Tenerife. Demorou-se nesse porto de 22 a 28 do mesmo mês e a 6 de dezembro chegava *l'Uranie*, como já vimos. ao Rio de Janeiro, demorando-se aqui cerca de dois meses (até 29 de janeiro de 1818). A próxima escala foi no Cabo da Boa-Esperança (7 de março a 5 de abril), daí fazendo vela para Ile-de-France, onde a corveta demorou de 5 de maio até 16 de julho. Depois de curta estada na ilha de Bourbon, seguiu para a baía des Chiens-Marins, onde aportou em 12 de setembro, partindo a 26 para Coupang, séde dos estabelecimentos holandeses da ilha de Timor. Aí permaneceu *l'Uranie* até 23 de outubro, quando se dirigiu para Dillé, no norte da mesma ilha e residencia do governador da porção portuguesa.

Deixando Dillé, a 23 de novembro, velejou *l'Uranie* para a pequena ilha de Raivak (Nova Guiné) quasi exactamente na linha do equador, onde estiveram em observações até 5 de janeiro de 1819.

A escala seguinte foi nas Marianas, de perto de tres meses, tanto pela importancia das operações aí executadas, como porque foi preciso renovar as provisões e deixar aos doentes, então em grande numero, tempo para se restabelecerem. A 5 de junho seguiu para Guam, ancorando em Owhyhi, a mais consideravel

das ilhas de Sandwich, em 8 de agosto; visitou Mowi a 16 e Wahú a 26, deixando o arquipélago a 30, rumo a Porto Jackson.

No dia de natal partiu a expedição de Nova Gales do Sul para a Terra do Fogo. Mas apenas chegados á baía de Bom Sucesso, em 7 de fevereiro de 1820, furioso furacão obrigou a cortarem-se subitamente as amarras, deixando-se arrastar a corveta dois dias consecutivos. Quando amainou a tempestade, restava escolher, em vista da importancia das observações do pendulo nas altas latitudes austrais, entre a volta á Terra do Fogo, já bem distante, ou uma escala nas ilhas Malvinas, tendo FREYCINET adotado esse ultimo alvitre. Em 15 de fevereiro naufragava *l'Uranie* em baía Francesa, ou da Soledade, ás 5 horas da tarde, por um tempo magnifico, montando a corveta sobre um rochedo, mais estreito que ela e que lhe fez grande rombo na quilha. Salva toda a equipagem, aí nessa terra deserta se manteve a expedição durante mais de dois meses. Perto dela, na ilha dos Lobos-Marinhos, em 1764, instalara Bougainville o centro de sua pequena colonia, de efemera duração.

Alimentavam-se de carne de foca e de pinguins até que a 4 de março encontraram um rebanho de 150

a 200 cavalos de bela raça andaluza e que fez FREY-CINET lembrar os versos do *Mazeppa* de Byron:

"A thousand horses, and none to ride'
 With flowing tail and flying mane,
 Wide nostrils, never stretch'd by pain,
 Mouths bloodless to the bit or rein,
 And feet, that iron never shod,
 And flanks unscar'd by spur or rod". (*)

É que os cavalos iam fornecer mais passavel pítançã para o resto da estada em tao inhospita e imprevista escala. Preparava-se o chefe da expedição para mandar a Montevideu uma pequena embarcação, *l'Espérance*, em busca de socorios, quando a 20 de março aí aportou uma chalupa, o *Pinguin*, do navio americano *General Knox*, occupado na pesca de focas e que fixara o centro de suas operações na ilha de West-Point.

No dia 28 arribava no mesmo porto pequeno barco, o *Mercury*, que sob o pavilhão dos Independentes, levava armas de Buenos Aires para Valparaíso. Necessitando esse barco de reparos, aí se demorou ainda a expedição até 28 de abril, quando, mediante o paga-

(*) — Mil cavalos e ninguem para montar! Caudas flutuando e crinas esvoaçantes, narinas amplas que nunca a dor dilatou, bocas não ensanguentadas pe'o freio ou bridão, e pés que o ferro nunca calçou, e flancos sem cicatrizes de chicote ou de espora.

mento de 18 000 piastras, o *Mercury* recebeu os naufragos franceses, para transportá-los ao Rio de Janeiro. Mas, estando armado sob o pavilhão dos Independentes de Buenos Aires, encheu-se de temores o capitão Galvin, comandante do *Mercury*, e achou mais prudente vendê-lo a 4 de maio á marinha real francesa, por 18 mil piastras espanholas (97 200 francos), dirigindo-se a expedição para Montevideu onde chegou no dia 8 de maio. Nesse dia o *Mercury* passava a chamar-se corveta *la Physicienne*, demorando-se na capital uruguaia até 7 de junho. A 19 do mesmo mês de novo estava Freycinet entre nós, agora a bordo de sua nova corveta, aqui ficando até 13 de setembro, quando zarpou para a França, chegando ao Havre a 13 de novembro. Durara a viagem tres anos e quasi dois mêses, tendo percorrido a expedição cerca de 23 600 leguas.

MARIA GRAHAM, esposa do comandante da fragata *Doris*, partiu a 31 de julho de 1821 de Plymouth com destino á America do Sul. Obrigada pelo mau tempo a arribar a Falmouth, aí esteve a *Doris* até 11 de agosto, zarpando nesse dia para Porto Santo, onde chegou a dezoito, deixando a 23 do mesmo mês essa

“filha do oceano,

do undoso campo flôr, gentil Madeira”.

para alcançar Teneriffe a 25. A 28 partia a *Doris* das Ca-

narias, passando a linha no dia 15 de setembro e chegando a Pernambuco aos vinte dois do mesmo mês. Demorou-se Maria Graham nesse porto até 14 de outubro; a 11 estava na Baía, permanecendo na velha capital colonial até 8 de dezembro. De S. Salvador ao Rio gastou a *Doris* uma semana, e aqui ficou de 15 de dezembro de 1821 até 10 de março de 1822, com interrupção de um mês (de 24 de janeiro a 24 de fevereiro) por viagem á Baía. Nesse dia partiu a *Doris* para o Chile. A 9 de abril, na altura do Cabo Horn, o comandante Graham, que adoecera no Rio de Janeiro, morria, escrevendo Maria sobre o desenlace estas duas linhas singelas: "despertei para a consciencia de estar só, e viuva, com metade do globo entre mim e minha familia."

A 13 de março de 1823 chegava ao Rio novamente, com o almirante COCHRANE, a bordo do *Col. Allen*, Maria Graham, que se demorou entre nós até 21 de outubro, chegando, de volta, á Inglaterra em 18 de dezembro do mesmo ano.

Sobre os resultados científicos da viagem de *la Coquille* deu parecer a mesma comissão que estudara os da expedição de FREYCINET, apenas substituídos BIOT e THÉNARD por LATREILLE e CORDREJ, sendo ainda aqui ARAGO o relator. Era comandan-

te de *la Coquille* DUPERREY que já fizera, como guarda-marinha e segundo-tenente, a viagem de circunnavegação de *l'Uranie* e *la Physicienne*. Partiu *la Coquille* de Toulon a 11 de agosto de 1822, ancorando em Santa-Cruz de Tenerife no dia 28 do mesmo mês, para daí zarpar para o Brasil a 1.º de setembro. Ao contrario dos outros, dirigiu-se DUPERREY para Santa Catarina, onde chegou a 16 de outubro, tendo passado pelas ilhas de Martim Vaz e Trindade no dia seis. Em Santa Catarina esteve *la Coquille* até 30 de outubro. A 18 de novembro alcançava Port Louis nas Malvinas, no mesmo ponto em que naufragara *l'Uranie*, velejando a 18 de dezembro para contornar o cabo Horn, o que fez a 31 de dezembro, subindo para o norte a 6 de janeiro de 1823. A 20 desse mês fazia escala em Concepcion, demorando-se nesse porto chileno até 13 de fevereiro, quando partiu para Callao, no Perú, e daí para Payta, situada entre o equador magnetico e o equador terrestre. De Payta zarpou *la Coquille* no dia 22 de março, tocando em Taití, a 3 de maio, depois em Barboza, igualmente das ilhas da Sociedade, dirigindo-se então para oeste, a visitar as ilhas Salvage, Eoa (no grupo dos Amigos), Santa-Cruz, Bougainville e Bouka, e chegou a Porto-Praslin, na Nova Irlanda, em 18 de agosto. A 27 do mesmo mês fazia-se de

novo ao largo, visitando Waigiou, Caieli (na ilha Burú e a 4 de outubro alcançava Amboina, onde se demorou até 27. Das Molucas velejou DUPERREY para o sul, tocando na ilha do Vulcão, atravessou o estreito de Ombai e a 10 de janeiro de 1824 dobrou a ponta meridional da terra de Van-Diémen, lançando ferros em Sidney no dia 17, permanecendo no maravilhoso porto australiano até vinte de março, quando partiu para a Nova Zelândia, que alcançou em 3 de abril, para partir quatorze dias mais tarde e percorrer o arquipélago das Carolinas de principios de maio até fins de junho. A 26 de julho estava no porto de Doreri (Nova Guiné) e 15 dias depois se dirigia para Java, atravessando as Molucas. Fundeou em vinte e nove de agosto no porto de Surabaia; daí partiu a 11 de setembro e a tres de outubro chegou á ilha de France, onde ficou até 16 de novembro; esteve em Bourbon de 17 a 28 do mesmo mês, em Santa-Helena de 4 a 11 de janeiro de 1825, em Ascensão de 18 a 28 do mesmo mês, chegando, de volta, a Marselha, em 24 de março. Durou a campanha 31 meses e 13 dias, tendo *la Coquille* percorrido 25 mil leguas, "sem ter perdido um só homem, sem ter doentes e sem avarias."

Partiram a fragata *la Thétis* e a corveta *l'Espérance* para sua viagem de circunnavegação sob as ordens

do barão de BOUGAINVILLE, estando a primeira sob o comando direto do mesmo e *l'Espérance* sob o de NOURQUER DU CAMPER. Partira esta ultima em principios de 1824, com destino ao Rio de Janeiro, zarpando *la Thétis* do porto de Brest no dia 2 de março do mesmo ano. Nada nos conta BOUGAINVILLE do que foi a rota da corveta até encontrar-se com a fragata na ilha Bourbon, de modo que ficamos sem nenhuma impressão de sua primeira visita a nosso país.

Uniram-se os dois barcos nessa ilha franceza sessenta e oito dias depois da partida de *la Thétis*. Em junho partiram as duas naves para Pondichéry, onde chegaram a 29 do mesmo mês, demorando-se nesse porto 31 dias. De 30 de julho a 22 de agosto navegara até Malaca, onde tiveram de ficar tres dias, reparando avarias, sendo seu ponto de escala Singapura, que alcançaram a primeiro de setembro.

A dois de setembro fazem-se de novo á vela para Manilha, aí ancorando a 18, para demorar-se nessa escala até 12 de dezembro, acoçados pelos furacões (ty-fong) e testemunhas involuntarias de um terremoto. Partindo de Manilha visitam Macau (31 de dezembro-8 de janeiro de 1825), as ilhas *Arambas* (3 a 8 de março) pela primeira vez exploradas, Java (19 de março a 30

de abril), a terra de van Diémen (19 de junho), chegando a Sidney a 30 de junho. Deixaram os dois barcos franceses a Austrália no dia 20 de setembro de 1825, ancorando a 22 de novembro em Valparaíso, onde se demoraram até 8 de Janeiro de 1826. Os guanacos, que pretendiam levar para a Europa, morreram no fim de dois dias. enjoados. Dobram o cabo Horn no dia 2 de fevereiro, de passagem pelas ilhas Malvinas, onde o pai de Bougainville fundara em 1764, a propria custa, uma colônia que, diz o comandante de *la Thétis* "estava em franca prosperidade quando a inveja espanhola o obrigou a abandoná-la." Dessa fundação restavam em 1826 apenas vestígios.

Em principios de março estavam *la Thétis* e *l'Espérance* fundeadas no Rio. "De bôa vontade," diz Bougainville, "passaria em silencio essa escala, mas como tratar tão de leve a capital de um grande imperio, um dos portos mais comerciais do Novo-Mundo, quando não houve colonia secundaria, ilha um pouco consideravel, costeada por nossos navios, ás quais não tenha consagrado algumas linhas?"

Demoram-se em nossa capital até 10 de abril e a 23 de junho estavam finalmente de volta em Brest.

Tres e meio anos depois, a 30 de dezembro de 1829 ás duas horas da tarde, a corveta *la Favorite* sob

o comando do capitão de fragata CIRILO PEDRO TEODORO LAPLACE deixava o porto de Toulon, em missão ao Mar da China. Ventos contrarios impediram a escala em Tenerife, indo a corveta á ilha de Goréa, possessão franceza, aí tocando a 19 de janeiro de 1830, partindo a 26 para Bourbon, onde chegou a 31 de março. Aí em *Ile-de-France* se demorou até 1.º de maio, data da partida para as costas da India, tocando nas ilhas Seychelles a 14 de maio, recebidos os officiaes francezes com bailes porque “era para as damas uma bôa occasião; em Mahé os rapazes e sobretudo os dansarinos, formam um nucleo escasso, enquanto, em compensação, as raparigas são em grande numero, muito alegres, gostando muito de dansar e, se não todas bonitas, ao menos bem feitas e de fisionomias agradaveis”. Obedecendo ás instruções de seu governo toca LAPLACE em Ceilão (8 de junho), Pondichéry (9 a 19 de junho) Madras (20 a 28 de junho), quasi naufraga nas costas de Golconda (5 de junho). A 2 de agosto deixava LAPLACE as costas da India e, seguindo “com a distancia de 6 anos, os traços da ultima expedição comandada pelo barão de BOUGAINVILLE”, passa os estreitos de Malaca, toca em Singapura e chega a Manilha á meia noite de 7 de setembro. E’ esse um dos pontos mais demorados da

escala, só partindo *la Favorite* a 1.º de novembro para Macau, alcançada a 21 do mesmo mês, ao cair da tarde, daí seguindo (18 de dezembro) para a Cochinchina (21 de dezembro). A 24 de janeiro de 1831, partia de Tourane para, como lhe determinava a carta do ministro da marinha, "explorar sucessivamente o arquipélago das Anambas, o das Naturas, as costas da Cochinchina e as ilhas de Haynan", chegando a Java a 13 de abril. Deixando a grande e florescente possessão holandesa rumo *la Favorite* para Sydney, onde lança ferros a 18 de agosto. A vinte e um de setembro sai de Sydney, toca em Nova-Zelandia (29 de setembro) e veleja para o Chile (11 de outubro), chegando a Valparaíso a 14 de novembro. Vinte e seis dias de repouso no porto chileno, e veleja *la Favorite* para o Sul, dobra o cabo Horn a 6 de janeiro de 1832, passa pelas Malvinas a nove, pela foz do Rio da Prata a 19 e a 21 os vigias assinalavam as terras altas do Rio de Janeiro. Durante trinta e seis horas *la Favorite* bordeja sem poder entrar no porto. Diz LAPLACE: "Oríamos virar de bordo ao pé da Gabia (sic), montanha altíssima, cuja crista cortada de maneira singular, representa, ao que se pretende, um homem deitado de costas; ora, para distrair-nos um pouco e afinar de perder de vista um momento esse eterno Pão de Açúcar, de

roupagem esbranquiçada e cume pontudo, que de longe anuncia o porto aos nautas, levavamos nossos bordos até ás belas aldeias que bordam a praia do lado oposto." A 23 entra no Rio, aqui se demora pouco mais de duas semanas, partindo a 9 de fevereiro, corta a linha do equador a 4 de março, passa no estreito de Gibraltar a 11 de abril e a 21 desse mês entra no golfo Leão e ás 9 horas desse dia, impelida pelo mistral, chega a Toulon.

Nesse mesmo ato de 1832 começava a viagem do *Beagle*, com Darwin. Foi essa viagem uma das mais celebres, graças á fama adquirida mais tarde por seu cronista, figura primacial na Historia da Biologia. Partiu o *Beagle* de Devonport a 27 de dezembro de 1831, tendo por missão, diz DARWIN, "completar o estudo das costas da Patagonia e da Terra do Fogo, iniciado sob as ordens do capitão KING, de 1826 a 1830, levantar as cartas das costas do Chile, do Perú e algumas ilhas do Pacifico, e fazer uma serie de observações cronometricas ao redor do mundo." Chegando a Tenerife a 6 de janeiro de 1832, a 16 do mesmo mês lançava ferros o *Beagle* em Porto-Praia, na ilha de Santiago (arquipélago de Cabo Verde), e a 16 de fevereiro a calmaria o prendia nas proximidades dos rochedos de S. Pedro e S. Paulo; quatro dias mais tarde passava

por Fernando de Noronha e ancorava na Baía a 29 de fevereiro.

No Rio de Janeiro esteve DARWIN de 4 de abril a 5 de julho desse ano, tendo feito, logo ao chegar, pequena excursão de 15 dias a Cabo Frio (8 a 23 de abril). A 26 de julho chegava a expedição a Montevideo e durante os dois anos seguintes ocupou-se o *Beagle* em levantar as costas orientais e meridionais da America, ao sul do rio da Prata.

A 24 de julho de 1833 deixa Maldonado e a 3 de agosto chega á foz do Rio Negro (Patagonia), indo Darwin daí por terra para Baía Blanca, onde chegou o *Beagle* a 24. Foi nessa excursão que o grande naturalista inglês coligiu grande numero de fósseis, descritos mais tarde por OWEN, um dos quais lembra seu nome (*Myiodon Darwin*). Enquanto o *Beagle* faz seus estudos oceanograficos, vem Darwin a Buenos Aires: partindo a 8 de setembro de Baía Blanca alcança a 20 Buenos Aires, deixando esta cidade a 27, rumo a Santa Fé, onde chega a 5 de outubro; no dia 12 volta para Buenos Aires a bordo de uma *balandra*. Desembarca em Conchas no dia vinte, aí recebido pelos revolucionarios, dos quais diz: “general, officiais e soldados, todos me pareceram, e eram realmente, abominaveis patifes.” “Depois de quinze dias de verdadeira

detenção em Buenos Aires”, consegue embarcar para Montevideu.

A 6 de dezembro o *Beagle* deixa o Rio da Prata, chegando a Porto Deseado a 23 desse mesmo mês, a S. Julião a 9 de janeiro de 1834, a Santa-Cruz a 13 de abril. Sobem esse rio até 4 de maio. A Terra do Fogo é visitada de 7 de dezembro de 1832 a 29 de janeiro de 1833 e em fins de fevereiro de 1834. Na segunda quinzena de maio desse ano atravessa o *Beagle* os estreitos de Magalhães e de Madalena, alcançando o Pacifico na manhã de 10 de junho, para ancorar em Valparaíso a 23 de julho. A 10 de novembro parte para a ilha de Chiloe e a visitar “essas numerosas ilhas conhecidas sob o nome de *arquipélago Chonos*, chegando a S. Carlos, capital de Chiloe, no dia 21. A primeiro de janeiro de 1835 escreve Darwin estas palavras que merecem ser transcritas: “O novo ano começa de modo digno destas regiões. Não nos faz promessas enganadoras: somos assaltados por terrível tempestade de noroeste com acompanhamento de chuva diluvial.

Não somos destinados, graças a Deus, a ver o ano terminar aqui; esperamos estar então no meio do oceano Pacifico, aí onde uma abobada azulada diz que ha um ceu, alguma coisa acima das nuvens que cobrem nossa cabeça.”

A 20 de fevereiro de 1835 assistia DARWIN o terremoto de Valdivia, e a 11 de março está o *Beagle* novamente em Valparaíso.

De fins de abril até agosto são visitados o Chile setentrional e o Perú e a 15 de setembro atingem enfim ao arquipélago dos Galapagos, onde DARWIN tem oportunidade de fazer das mais notáveis observações. No dia 23 o *Beagle* alcança a ilha Chailles, a 29 dobra a extremidade sudoeste da ilha Albemarle, a 8 de outubro chega á ilha James. Terminados os estudos hidrográficos de Galapagos, velejam para Fajé, "ilha classica para todos os viajantes do mar do Sul," onde chegam a 15 de novembro; a 19 de dezembro estão na Nova-Zelandia e a 12 de janeiro de 1836 em Sydney, na Australia. Daí partem para a terra de Van-Diémem a 30 de janeiro, a 7 de fevereiro deixam a Tasmania, a 1.º de abril chegam á ilha dos Cocos, no Oceano Indico, daí partindo a 12 para a ilha Maurícia. É dessa viagem pelo Oceano Indico que DARWIN colhe as observações para sua obra sobre *a estrutura e distribuição dos recifes de coral*. Deixa o *Beagle* a Maurícia a 29 de abril, faz escala a 9 de maio no cabo de Bôa Esperança, visita Santa Helena a 8 de julho, a Ascensão a 19 e de novo fundeia na Baía em 1.º de agosto. Partindo dessa cidade brasileira a 12, ven-

tos contrarios levam DARWIN, atrabiliario e pessimista, a Pernambuco, onde, em poucas horas de estada, despeja todo o mal que se pôde dizer de uma região. A 31 de agosto novamente o *Beagle* lança ancora em Porto Praia e a dois de outubro de 1836 chega finalmente a Falmouth.

Quasi tres mezes depois da volta do afamado autor da "Origem das Especies" á Inglaterra, partia da França *la Vénus*, a ultima das corvetas, cujas impressões transcrevemos.

A viagem de *la Vénus*, conforme se lê nas instruções do ministro da marinha e colonias (ROSAMEL) tinha por fim visitar as diversas paragens frequentadas pelos navios empregados na pesca da baleia, a fim de levar-lhes socorro e proteção," visitando além disso os portos occidentais do Mexico e da California e os estabelecimentos russos do Kamtschatka, cabendo-lhe ainda procurar os provaveis naufragos do navio *Nouvelle-Amerique*.

Partia *la Vénus*, sob o comando do capitão de navio ABEL DU PETIT-THOUARS a 29 de dezembro de 1836 do porto de Brest; trinta e cinco dias depois "de uma navegação pronta e feliz", durante a qual tocara em Santa Cruz de Tenerife, chegou ao Rio de Janeiro, onde, como vimos, apenas demorou 15 dias.

Partida do Rio de Janeiro a 16 de fevereiro de 1837, passava em frente a Santa Catarina a 20 e a 24 na foz do Rio da Prata "sem ter sido visitada pelos terríveis pampeiros."

A vinte de março navegava *la Vénus* a oeste das ilhas Malvinas e a 10 na parte ocidental da ilha dos Estados, na qual em vão procuraram vestígios do capitão Chabrié e seus companheiros, naufragos do navio *Nouvelle-Amerique*. Infrutíferas também foram as pesquisas de uma ilha Christian, assinalada nos mapas, e, tendo-se demorado nessa busca, só a 26 de abril ancorava em Valparaíso, "depois de penosa e longa travessia". Demorou-se DU PETIT-THOUARS 17 dias nessa cidade e, entre as referências que faz aos costumes chilenos dessa época, ha dois muito curiosos: o uso, em Valdivia, de pequenos pedaços de couro (marcados pelo governo) como moeda divisionária; e o que se refere aos hábitos sociais:

As visitas, no momento das despedidas ás senhoras, se estas presam o hospede, oferecem fiôres; "tomam nas dos vasos que se encontram nos consolos ou nos aparadores, ás vezes mesmo retiram-nas dos cabelos; é neste caso sinal de particular distinção, uma atenção maior, mais delicada, mais afetuosa. "

A 13 de maio, como se aproximasse o inverno, ru-

mou directamente para o norte, tocando em Calau donde partiu a 14 de junho e passados "28 dias de travessia tão notavel pela doçura da navegação e da temperatura, como pelo isolamento total", chegava a Honolulu. Nesse porto, a 24 de julho de 1837, era assinada com o rei das ilhas Sanwich Tamehameha III uma "convenção de paz perpetua e amizade entre os franceses e os habitantes das mesmas ilhas". De Honolulu velejou *la Vénus* para o Kamtchatka e daí para a Califórnia, chegando ao porto de Mazatlan a 12 de dezembro, visitando a seguir San-Blas e Acapulco. A 23 de janeiro de 1838, deixando Acapulco, voltava ao Chile, fundeando pela segunda vez em Valparaíso a 18 de março, demorando-se então 40 dias nesse porto, e novamente rumando para o norte a explorar as ilhas Galapagos, que tão notaveis documentos fornecera a DARWIN, mas consideradas pelo comandante de *la Vénus* como "ainda inexploradas e por assim dizer desconhecidas". A 15 de julho deixava essa corveta o arquipélago sul-americano, rumo ás ilhas Marquesas, onde chegou a 1.º de agosto, demorando-se até 20 do mesmo mês, quando partia para as ilhas Taití, daí para as dos Navegantes (16 de setembro), Nova Zelandia (12 de outubro) Nova Gales do Sul, fundeando em Porto Jackson em principios de dezembro. Deixa a Austra-

lia no dia 18 desse mês para chegar á ilha Bourbon em 5 de março de 1839 e a 29 do mesmo mês em Simon's Bay, no Cabo de Bôa Esperança. Ai permanece até 21 de abril, quando parte em busca de Santa-Helena, alcançada a 18 de maio, encontrando nesse porto o navio *Gange*, de volta da India, que pede a escolta de proteção de *la Vénus*.

Partem juntos a 10 de junho, escoltado o *Gange* até a entrada do Golfo Gasconha, quando este ultimo segue sosinho sua rota e *la Vénus* rumo para Brest, onde chega de volta a 24 de junho de 1839.

Alguns meses antes de *la Vénus*, impelida por ventos favoraveis deixava *la Bonite*, corveta franceza, sob o comando de *Vaillant*, o porto de Toulon no dia 6 de fevereiro de 1836, tocando em Cadiz (16 do mesmo mês) e em Tenerife (22), chegando ao Rio de Janeiro a 24 de março.

Apenas 10 dias esteve essa corveta em nosso país, e a 24 de abril já estava em Montevideu, donde partiu a 28, encontrando a 20 de maio os primeiros ice-bergs. Sai *la Bonite* da zona dos gelos a 25 de maio, depois de dobrar o cabo Horn, e chega a Valparaiso no dia 20 de junho, durando essa escala 14 dias. Partindo no dia de S. João de Valparaiso toca *la Bonite* em la Cobija (a 3 de julho) Callau (a 21 de julho), Paíta (25 de

julho a 1.º de agosto) Puna (4 a 13 de agosto) donde rumo para o ocidente, alcançando Kearakekua, em Hawaii no dia 28 de setembro. A 2 de outubro estava em Honolulu onde demorou 16 dias, seguindo depois para Manilha, que alcança a 6 de dezembro; de Manilha (21 de dezembro), já de volta para a França, toca em Macau (30 de dezembro de 1836 a 7 de janeiro de 1837), Cantão, Tourane, na Cochinchina (24 de janeiro), Singapura (4 de fevereiro), Malaca (22 de fevereiro), Diamond Harbour (15 a 27 de abril), Pondichéry (28 de maio), Bourbon (9 a 27 de julho), Santa-Helena (5 a 9 de setembro), onde os tripulantes fazem uma peregrinação ao tumulo de Napoleão, guardado por um soldado escocês e a 6 de novembro ancorava novamente em Brest, com 21 meses de viagem.

Biblioteca Pedagógica Brasileira

SOB A DIREÇÃO DE
FERNANDO DE AZEVEDO

SERIE III
ATUALIDADES PEDAGÓGICAS

Obras escritas especialmente em português ou traduzidas de qualquer língua sobre psicologia experimental aplicada à educação, filosofia e história da educação, sociologia e educação e sobre as questões fundamentais de educação nova. Coletânea para mestres.

<i>Volumes já publicados.</i>	Br. Enc.
I — FERNANDO DE AZEVEDO: Novos Caminhos e Novos Fins - 2. ^a edição	7\$ 9\$
II — JOHN DEWEY: Como Pensamos - Tradução de GODOFREDO RANGEL . . .	6\$ 8\$
III — ANÍSIO TEIXEIRA: Educação Progressiva (2. ^a edição)	6\$ 8\$
IV — ED. CLABARÈDE: Educação Funcional - Trad e notas de JAYME GRABOIS	7\$ 9\$
V — AFRÂNIO PEINOTO: Noções de História da Educação (edição ilustrada)	8\$ 10\$
VI — DELGADO DE CARVALHO: Sociologia Educacional	10\$ 12\$
VII — ARTUR RAMOS: Educação e Psicanálise	6\$ 8\$
VIII — ADALBERTO CALRY: O Médico e a Educação da Criança - Tradução dos Drs. MARTÍNIO DA ROCHA e JOSÉ M. DA ROCHA	7\$ 9\$
IX — A. ALMEIDA JÚNIOR: A Escola Piagetiana	7\$ 9\$

Próximas publicações:

DJACIR MENEZES:

Dicionário Psico-Pedagógico

FERNANDO DE AZEVEDO:

Educação e seus Problemas
Sociologia Educacional

ANSIO TEIXEIRA:

Escola Primária (Sua organização e administração)
Problemas de Administração Escolar (O
sistema escolar de uma cidade)

A. ALMEIDA JÚNIOR:

Biologia Educacional

ALOYSIO DE PAULA e MANUEL ROLLER:

Antropologia Pedagógica

JOHN DEWEY:

Democracia e Educação (Tradução de Godofredo Rangel)

HENRI WAILLON:

Princípios de Psicologia Aplicada - Tra-
dução de Noemy Silveira

HENRI PIERON:

Psicologia do Comportamento Tradução
de J. B. DAMASCO PENNA

I. P. FONTENELLE

Estatística aplicada á Educação

C. BÜHLER

Compendio de Psicologia Infantil - Tradução
de JOSÉ MARTINHO DA ROCHA

A. M. AGUAYO:

Pedagogia Científica (Psicologia e direção da
aprendizagem) - Tradução de J. B. DAMASCO
PENNA

Didática da Escola Nova - Tradução de J. B.
DAMASCO PENNA e RAUL D'ÁVILA

F. W. FOERSTER

A Escola e o Caráter - Os problemas morais da
vida escolar - Trad. de TEODORO DE MORAIS

CH. BAUDOUIN:

A Alma da Criança e a Psicanálise
Tradução de PEDRO GOUVÊA FILHO

AD. FERRIÈRE:

A Autonomia dos Escolares - Tradução de
TEODORO DE MORAIS

A Escola Nova na América Latina - Tradu-
ção de TEODORO DE MORAIS

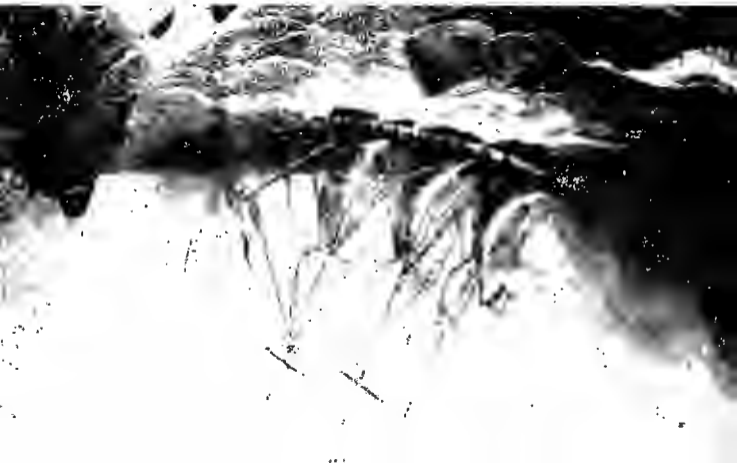


UNIVERSITY OF CHICAGO

1910

PLANTA DO RIO DE JANEIRO EM 1829

UNIVERSITY OF CHICAGO





Milicium de Fovovos est Pissamburum
The Book of Mera to be



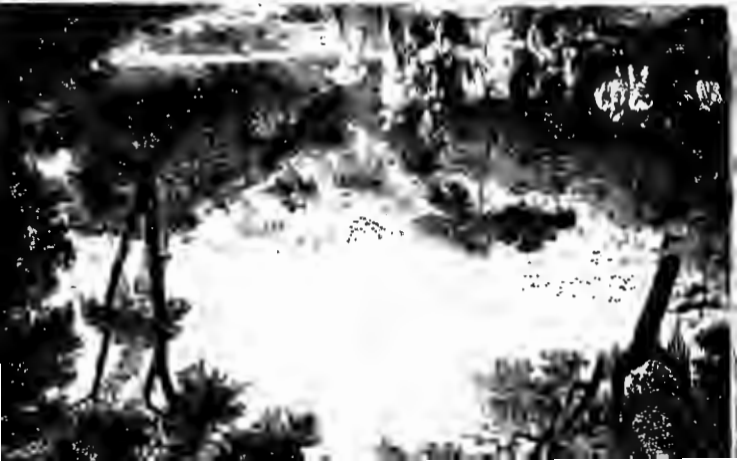
PLANTAS DE LAS FUENTES

1820

PLANTAS DE LAS FUENTES EN 1820

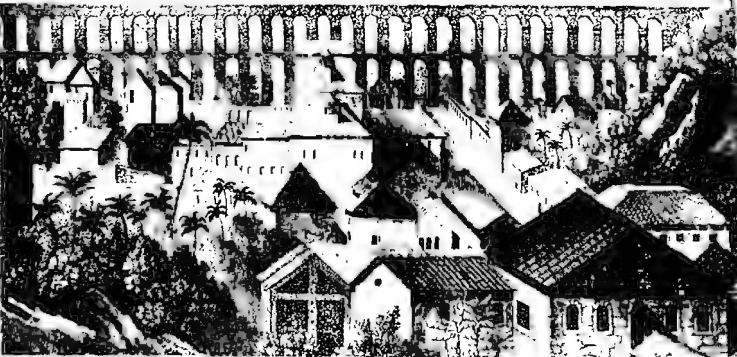
(Copia de un original de la Biblioteca Nacional)





A casa de Florence em Las Vegas (1832) e a casa de Maria Graham — (The House of Maria Graham)





VISTA DE UMA PARTE DA CIDADE E DO GRANDE AQUEDUTO DO Rio de Janeiro

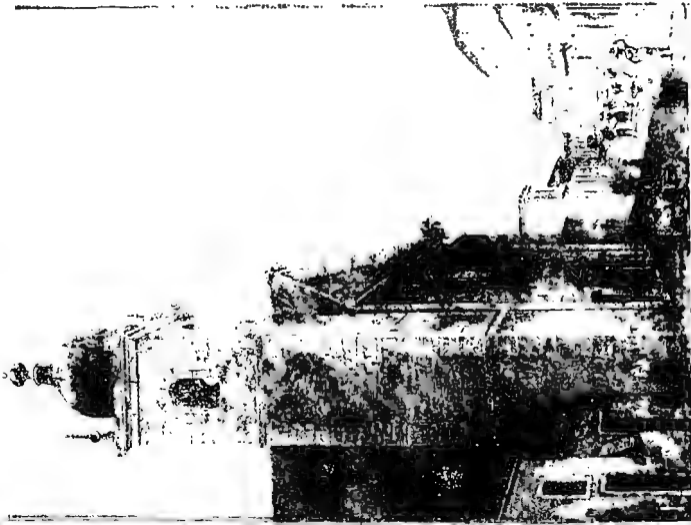




CASCATINHA DA TIJUCA - Desenho de Fisquet, em viagem de la Bon te



A C. G. BARRA E A CASA DO DEPUTADO
— segundo bloco —



IGREJA DE SÃO FRANCISCO DO RIO DE JANEIRO

(VALLAUNT — Voyage au tour du Monde)

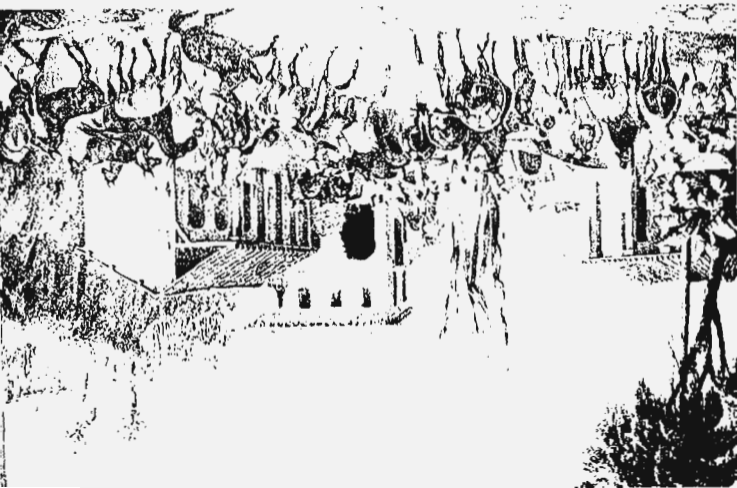




PRAIA DE BOTAFOGO - RUGENDAS - Viagem pitoresca, pr. II



ARRIADORES EN EL RIO DE JANEIRO. — Desenho de FISQUETI





On a visit to Cawans, in Terry, in the mountains of the State of Tennessee.



Bahia do Rio de Janeiro, vista da Praia Grande -- (Lithografia -- Viagem do P'P'ombal)

